

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

CAMPUS DE LARANJEIRAS

ARQUEOLOGIA BACHARELADO

João Mouzart de Oliveira Junior

**Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da Diáspora e Relações de
Gênero e Poder em Laranjeiras/SE (século XX)**



Laranjeiras/SE

2013

João Mouzart de Oliveira Junior

**Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da Diáspora e Relações de
Gênero e Poder em Laranjeiras /SE (século XX)**

Monografia apresentada ao curso
de Bacharelado em Arqueologia da
Universidade Federal de Sergipe,
como requisito parcial à obtenção
do grau de Bacharel em
Arqueologia.

ORIENTADORA: Prof^aDr^a MÁRCIA BARBOSA DA COSTA GUIMARÃES

Laranjeiras/SE

2013

O48e Oliveira Junior, João Mouzart.

Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da Diáspora e Relações de Gênero e Poder em Laranjeiras/SE (séc. XX) / João Mouzart de Oliveira Junior; orientadora Dr^a Márcia Guimarães da Costa Barbosa. – Laranjeiras, 2013.

117 p.: il.

Monografia (Graduação) - Universidade Federal de Arqueologia, Bacharelado em Arqueologia, 2013.

1. Arqueologia. 2. Sítio da Palha. 3. Cultura Material. 4. Gênero.
5. Poder. I. Barbosa-Guimarães, Márcia. II. Título.

CDU: 902

João Mouzart de Oliveira Junior

Entre Panelas e Batuques: Arqueologia da diáspora e relações de gênero e poder em Laranjeiras /SE (XX)

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arqueologia.

Aprovação 09 de abril de 2013

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dr^a. Márcia Barbosa Guimarães (Orientadora) - NAR/UFS

Prof.^o Me. Moysés Siqueira Neto - NAR/UFS

Prof.^a Me. Veronica Maria Meneses Nunes-NDA/UFS

Dedico este trabalho a todos que participaram da pesquisa, aos meus familiares e aos meus professores e amigos que dedicaram um pouco do seu tempo para essa pesquisa acontecer. Aos meus pais João Mouzart e Juciene Vieira; e a todos os Afro-brasileiros de Sergipe, inclusive os familiares de dona Josefa de Jesus que me permitiram descrever um pouco de suas vidas e história.

AGRADECIMENTOS

Cada novo desafio realizado, cada vitória conquistada, cada etapa da vida vivida, cada dificuldade enfrentada, cada momento festejado, não acontecem por acaso, partem de escolhas e por isso exigem comprometimento; geram amadurecimento e aprendizado, e deixam marcas registradas na cabeça-razão e na alma-corção. E nada aconteceria sem a bênção e a proteção do Deus-Pai que sempre iluminou a minha caminhada e do carinho desse Deus que se fez presente em cada momento de minha vida.

Aos meus avôs, Josefina Vieira Santos e Manuel Vieira de Oliveira (*In Memoriam*) também meu tio Gileno que partiu para outra dimensão; vocês são à inspiração primeira para a composição deste trabalho. Eles foram fundamentais para a minha formação sendo para mim eternos professores. Muito obrigado por tudo devo muito a vocês.

Às pessoas queridas e especiais da minha vida que possibilitaram me tornar uma pessoa melhor e mais feliz: minha mãe Juciene Vieira Santos, sempre presente, com seu olhar terno, preocupado e carinhoso, sempre protegeu-me e me proporcionou as condições necessárias para conseguir conquistar as minhas vitórias, que sempre me guiou pelo caminho da honestidade, incentivando-me a busca do conhecimento científico; meu pai João Mouzart de Oliveira que mesmo distante foi um torcedor das minhas vitórias alcançadas, sendo eles, um dos maiores torcedores das minhas conquistas, de quem nunca esquecerei as grandes lições de luta pela vida.

Aos meus irmãos Allan Mouzart, Patrícia Regina Vieira Santos e Sirlene Vieira Santos que acompanharam a construção desse trabalho, e sempre depositaram confiança em mim e, de alguma forma, contribuíram para a finalização dessa tarefa. Agradeço aos meus queridos irmãos pela compreensão e paciência nas oportunidades em que deixei de lado o lazer e atenção que eu deveria lhes proporcionar, gostaria de dizer que amo muito vocês.

Meus lindos sobrinhos e sobrinhas que acompanharam de muito perto o percurso deste trabalho (Isabela, Erick, Eloá, Arthur, Willian, Lívia, Laerte, Junior, Leleu e Joãozinho). Seus sorrisos e estripulias animam a minha vida! A barulhada das crianças em casa me fazia pensar na barulhada, de outra maneira, que muitas de nossas crianças e adolescentes espalhadas pelo Brasil a fora são obrigadas a fazer para se tornarem visíveis. Isso me estimulava a escrever! A Ronilson Alves Cupertino, que me animou nos momentos difíceis, fazendo-me sorrir quando eu queria chorar; que me viu chorar e me desesperar; que muitas

das vezes buscava me tirar da rotina dos estudos; que acreditou que tudo daria certo, mesmo quando eu mesmo duvidava disso.

As minhas tias e primos: Gilenilza, Gicélia, Jacqueline, Lidiane, Helena, Eliane, Rita, Cristina, Ellen, Berenice, Gel, Jucileide, Jaqueline, Gidalva, Genivaldo, Givaldo, Marcos, Tone, Ângela, Marcelo, Márcia, Albino, Enilde, Gilza, Rosana Albenício e Álvaro. Todos eles torceram pela minha vitória e me apoiaram quando precisei.

São tantos os amigos e amigas, de perto e de longe, que nem dá para nomear, mas vocês sabem o quanto são importantes para mim! Em especial aos meus amigos e amigas: Luana Santos Rodrigues, Andréia Santana, Gilvan Lelis, Ana Lúcia, Jacqueline, Cristina Guedes, Marcos Vinícius, Renaldo Rocha, Robson, Cristina Nunes, Ana Cleide Godim, Ana Carla Oliveira, Adilelson, Carla Graziela, Alane, Joana, Joelma, Luciana, Simone, Patrícia, Sérgio, Wellington, Rose Almeida da Paixão, David, Ane Rose, Amada, Gênova Porto Cupertino, Neila Porto Cupertino, Gilvânia, Daniela, Dione, Ione, Inês, Eneas, Viviane, Graziela, Raimunda, Odilomir, João Paulo, Joelma Dias, Kátia, Joelma, Kadu, Sandriana, Liana, Priscila e Débora que vibravam também com minhas conquistas e me apoiaram em momentos importantes para a realização deste tudo. Meus amigos da graduação Ericka Coroa, Diego Bragança, Alba, Vani, Clara, Elton, Vanessa Souza, Madison, Luciana, Márcia Cristiane, Márcia Rodrigues, Genilson, Farias, Mariana, Luciana, Jeniffer, Ana Flávia, Joana, Regina, Beijanizy, Amanda, Thobias, Fernando Miranda, que também amadureceram nesse trajeto e também tiveram momentos de angústia e alegrias. É bom fazer amizades nessa fase de nossa vida. Valeu!

Aos professores da graduação em Arqueologia, sem exceção. Foram eles os instrumentos que ampliaram os meus conhecimentos científicos que contribuíram com conhecimentos novos e necessários à realização desta monografia. Principalmente a Verônica Nunes e Moysés Siqueira Neto e a Uilder Celestino pelas explicações e ajuda. Eles foram “o fio de Ariadne” porque abriram caminhos à pesquisa, sempre vigilantes, dispostos a auxiliar, principalmente nos momentos mais difíceis da jornada. Só nós sabemos que eles são exemplo de vida e profissionalismo.

Aos colegas da Biblioteca da Universidade Tiradentes que incomodei durante a realização deste trabalho, onde fiquei nos últimos tempos para elaboração desta pesquisa agradeço a Denilza, Kely, Marcos, Miria, Rosimeire, Dora, Alex, Crisales e Costa e todos aqueles que diretamente me propiaram ter subsídios para a elaboração desta tarefa. Também

aos funcionários do Instituto Histórico e Geográfico do Arquivo Público de Sergipe e da cúria Metropolitana de Sergipe com ajuda da minha amiga Tânia.

A minha orientadora Márcia Barbosa Guimarães que é uma dessas pessoas! Uma parceria que deu certo! Uma pessoa humana, inteligente, ética, competente, tranquila, sensível, gente de verdade! Que soube respeitar minha falta de tempo e meu tempo de amadurecimento para iniciar esta pesquisa. Que nunca me pressionou e sempre confiou no meu trabalho. Às vezes eu tinha até medo de decepcioná-la dada a sua confiança. Que se indignava junto comigo quando das análises dos dados. Que refletia comigo as questões essenciais de trabalho. Muito obrigado também pelas “provocações” e desafios, sempre nos instigando a buscar o conhecimento. É o trabalho arqueológico: na descoberta de novas pedras, novos arqueólogos. Sei que sua função nesta Universidade é de grande relevância onde busca lapidar as pedras prestes a brilhar no campo da Arqueologia, que dá o brilho que a pedra precisa para se fazer visível para trilhar o campo científico.

Posso dizer que foi a pessoa certa, na hora certa! Nada acontece por acaso! Só podia ser o nome desta orientadora nesta pesquisa, pois acredita, assim como eu, no trabalho sobre os relegados de uma história oficial dentro da Arqueologia. Obrigado!

Aos tantos afros- brasileiros de nosso país em que suas histórias encontram em fase de ampliação do cotidiano dos seus descendentes em solo brasileiro, A vocês dedico esta monografia.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo entender às relações de gênero e poder a partir do estudo do espaço doméstico como componente da paisagem urbana arqueológica do sítio da Palha casa pertencente aos familiares da Senhora Josefa de Jesus, antiga moradora do sítio da Palha. Os resultados permitiram observar que da cozinha era lócus privilegiado o poder da mulher, pois a cozinha e a cultura material associada é um cenário fundamental para o palco das discussões da relação de gênero e poder que servem para transmitir e reafirmar conhecimentos, crenças e memórias, notadamente dos afro-brasileiros.

Palavras-chaves: cidade de Laranjeiras; Cultura Material; Comandaroba; Arqueologia Histórica.

ABSTRACT

This research has as its aim understand the relationships between gender and power, from the study of the domestic space as a component of the the urban achaeological landscape from the site Palha, house belonging to the famlily of Mrs. Josefa de Jesus, former resident of the Palha site. The results allowed us to observe that the kitchen was a priveleged locus of the woman's power, because the kitchen and the associated material culture is a fundamental scenario for the stage of the gender discussions and power that serve to transmit and reafirm knowledges, creeds and memories, notedly for the afro-brazilian.

Keywords: City of Laranjeiras; Material culture; Comandaroba; Historical Archaeology.

A minha voz ainda
com rimas de sangue e fome.
A voz de minha filha
recorre todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem - o hoje - o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade.
(EVARISTO, 1990, p. 32)

LISTA DE FIGURAS

Figura 01– Mapa do Brasil demonstrando os locais estudados sobre os Africanos e seus descendentes. Fonte: (SINGLETON, T.; SOUZA, M. A. T. 2009).....	19
Figura 2 - Principais zonas e sítios dos quilombolas e movimentos sociais das populações africanas e dos descendentes no território Brasileiro - Séculos XVI/XIX. Fonte: ANJOS (2011).	27
Figura 3 - Refêrências da dinâmica da Diáspora Africana para o Brasil e as Fronteiras atuais. Fonte: ANJOS (2011).....	27
Figura 4- Região do Cotinguiba. FONTE: AMARAL (2007).	36
Figura 5 –Região do Cotinguiba com principais rios, cidades e vilas no século XIX. FONTE: OLIVEIRA, 2010.	38
Figura 6 - Mercado Municipal de Laranjeiras no século XX. Fonte: Silva, 1820-1920).....	40
Figura 7 – Pesquisa no sítio da Palha. Foto: João Mouzart.....	61
Figura 8 – Imagem de satélite com localização do sítio da Palha, Laranjeiras. Fonte: Google Earth..	60
Figura 9 – Imagem de satélite com localização do sítio da Palha e das igrejas das irmandades de pardos e pretos.....	62
Figura 10 – Distribuição da cultura material, por categoria funcional, coletada no sítio da Palha.	63
Figura 11 – Vista do quintal a partir da cozinha de dona Maria Josefa de Jesus. Foto: João Mozart...	64
Figura 12- Fogão de lenha. Foto: João Mouzart	66
Figura 13- Foto do melhoramento da cozinha e a construção de um banheiro interno na cozinha. Foto: João Mouzart.	66
Figura 14 – Detalhe da porta dos fundos da cozinha do tipo puxado Foto: Diego Bragança.	67
Figura 15- Nova cozinha construída pela vontade da mulher de Willian, neto de Dona Josefa. Foto: João Mouzart.	68
Figura 16 -Pote cerâmico encontrado no Quintal. Foto: João Mouzart.	69
Figura 17- Peça SP-01. Foto: João Mouzart	70
Figura 18– Peça SP-02. Foto: João Mouzart.....	71
Figura 19 – Peça SP-03. Foto: João Mouzart.....	72
Figura 20 – Peça SP-03. Foto: João Mouzart.....	73
Figura 21 – Peça SP-5. Foto: João Mouzart.....	74
Figura 22 – Peça SP-06. Foto: João Mouzart.....	75
Figura 23 – Peça SP-07. Foto: João Mouzart.....	76
Figura 24 – Peça SP-08. Foto: João Mouzart.....	77
Figura 25 – Peça SP-09. Foto: João Mouzart.....	78

Figura 26- Peça SP-10. Foto: João Mouzart	79
Figura 27- Peça SP-11. Foto: João Mouzart	80
Figura 28- Peça SP-12. Foto: João Mouzart	81
Figura 29- Peça SP-13. Foto: João Mouzart	82
Figura 30- Peça SP-14. Foto: João Mouzart	83
Figura 31- Peça SP- 15. Foto: João Mouzart	84
Figura 32- Foto de Maria senhora de Jesus. Foto: Acervo da família.....	87
Figura 33- Foto de Maria Josefa de Jesus. Foto do acervo da família.	89
Figura 34- Mala utilizada por dona Josefa em suas viagem entre as cidades de Laranjeiras Ribeirópolis e Itabaiana. Foto João Mouzart.	91
Figura 35- Foto de D. Josefa em evento religioso (procissão). Fonte: Acervo da família	92
Figura 36- Quintal de D. Josefa. Foto: João Mouzart	94
Figura 37 - Genealogia Parcial de Dona Josefa.	95

LISTA DE ABREVIATURAS

ACMA– Arquivo Público da Cúria Metropolitana de Aracaju

AJES – Arquivo Judiciário do Estado de Sergipe

APA – Arquivo Público de Aracaju

BPED – Biblioteca Pública Ephifâneo Dórea

IHGS – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

UFS – Universidade Federal de Sergipe

NAR– Núcleo De Arqueologia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I - ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA E GÊNERO	19
1.1 POR UMA ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA	19
1.2 “ESCAVANDO” OS ESTUDOS SOBRE ARQUEOLOGIA DE GÊNERO	28
CAPÍTULO II - ESTUDOS DA DIÁSPORA AFRICANA EM LARANJEIRAS	36
2.1 O MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS	36
2.2 ESTUDOS DA DIÁSPORA AFRICANA EM LARANJEIRAS	43
CAPÍTULO III - PRESSUSPOSTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS	56
3.1 ARQUEOLOGIA INTERPRETATIVA	56
3.2 METODOLOGIA	58
CAPÍTULO IV- RESULTADOS	60
4.1 LOCALIZAÇÃO	60
4.2 ETAPA DE CAMPO	60
4.3 EM LABORATÓRIO	62
4.4 UM OLHAR ARQUEOLÓGICO SOBRE O ESPAÇO DA COZINHA	63
4.5 DESCRIÇÃO DO MATERIAL	70
4.6 RECRIANDO O MUNDO DE JOSEFA	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
FONTES DOCUMENTAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	100
APENDICE 1 – PLANTA DA CASA DE D. JOSEFA	110
APENDICE 2 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA.....	111
APENDICE 3 - TABELA DE ANÁLISE DE CACHIMBOS.....	112
APENDICE 4 - TABELA DE ANÁLISE DE CERÂMICAS.....	113
ANEXO 1 – CERTIDÃO DE BATISMO DE D. JOSEFA	114
ANEXO 2 - CARTEIRA DE TRABALHO.....	115
ANEXO 3 - CORRESPONDÊNCIA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL.....	116
ANEXO 4-JORNAL CORREIO DA MANHÃ DE 1920 (ANÚNCIO DA SELECTA QUALIDADE E DA FUNDIÇÃO INDÍGENA).....	117

INTRODUÇÃO

As pesquisas de Arqueologia em Sergipe vêm sendo retomadas, a partir da criação do curso de Bacharelado da Universidade Federal de Sergipe - UFS. Tendo uma rápida ascensão e reconhecimento nacional, os estudos monográficos e as pesquisas acadêmicas desenvolvidas no NAR-UFS tem demonstrado o alto potencial para as pesquisas arqueológicas seja no período pré-colonial seja no período histórico.

Assim, esta monografia surge dentro deste momento da Arqueologia de Sergipe, sendo fruto das discussões e do desenvolvimento da disciplina Prática de Campo I, realizada na Universidade Federal de Sergipe, no Campus de Laranjeiras, sob responsabilidade da Prof.^a Márcia Barbosa da Costa Guimarães, durante o semestre de 2011/1. Esta disciplina possibilitou a realização de prospecção arqueológica não interventiva na cidade de Laranjeiras, visando caracterizar o potencial arqueológico do centro histórico tombado e de suas imediações.

O estudo da cultura afro brasileira, mais especificamente a diáspora e o gênero, tem sido uma das principais preocupações da minha trajetória acadêmica e também vem sendo um dos objetos delimitados por mim para pesquisar nos últimos anos. Desde que ingressei no curso de Bacharelado em Arqueologia, na Universidade Federal de Sergipe, passei a ter contato com esta temática e fui instigado a pensar e a investigar sobre as culturas africanas, o negro no Brasil e em Sergipe.

Em relação ao estudo de gênero e da diáspora africana, proposto neste trabalho, este se insere no contexto contemporâneo da Arqueologia Histórica que é assinalado por um período de novos discursos pautados em perspectivas críticas e simbólicas, também esta corrente explora temáticas diversificadas, que possibilita ampliar a área de atuação da Arqueologia que ganha assim força em todo território brasileiro, com as diversas análises através das pesquisas sobre comportamento de consumo, relação de poder e gênero, diáspora, construção de identidades, vilas operárias e o papel estruturador do ambiente construído e das paisagens.

A proposta de se estudar um bairro periférico, ocupado por classes menos favorecidas, tem sido objeto recente da Arqueologia, notadamente a partir da corrente pós-processualista. Exemplo disso é a variedade de estudos desenvolvidos em outros países que vêm trazendo à tona às possibilidades de abordar a cultura material dos grupos silenciados

(mulheres, índios, negros, pobres, entre outros), oferecendo uma maior compreensão das relações socioculturais dentro do espaço urbano.

Outro fator crucial a destacar é que mesmo com o crescimento das pesquisas sobre o estudo de gênero na Arqueologia ainda existe um número restrito de trabalhos que enfocam os estudos dos espaços domésticos. Diante disso, este trabalho tem como objetivo principal entender as relações de gênero e poder, a partir do espaço doméstico e do estudo da cultura material do sítio da Palha, unidade doméstica contemporânea de propriedade de D. Josefa de Jesus, possibilitando entender as práticas existentes neste espaço.

O estudo de gênero constrói duas visões de mundo onde se pode verificar que a perspectiva da mulher, portanto, seus interesses, divergem do ponto de vista do homem, por conseguinte dos interesses destes; observando que homens e mulheres podem vivenciar os mesmos fatos de maneiras diferentes. Busca-se a partir da experiência da mulher, conferir suas escolhas dentro do espaço residencial.

Nos últimos tempos, observam-se vários pesquisadores chamando atenção para construção da história dos excluídos, e não mais de uma elite que dominava grande parte dos discursos construídos dentro do campo científico. Sendo assim, esta pesquisa se direciona aos grupos sociais marginalizados nos estudos arqueológicos históricos, como as classes menos favorecidas das cidades.

Em relação às pesquisas realizadas no campo arqueológico existe pouca aproximação da Arqueologia com um passado recente no Brasil no que tange ao estudo das relações de gênero, seja abordando grupos diaspóricos ou no espaço doméstico inserido na paisagem arqueológica urbana. Foi preciso ir ao fundo das casas, às cozinhas e oficinas, àqueles lugares onde se movem as “figuras menores” e “furtivas” de uma sociedade.

No Brasil, em particular no estado de Sergipe, existe uma lacuna sobre as discussões do estudo sobre gênero na Arqueologia. Ao considerarmos o contexto das pesquisas em nosso país os estudos são raros dentro da Arqueologia Histórica. Nesta perspectiva, procuramos aqui elencar a proposta ao estudo da cultura material do sítio da Palha, localizado na divisa entre o centro histórico e o bairro da Comandaroba, na cidade de Laranjeiras - SE.

A atuação da mulher se funde dentro de um cenário material e imaterial, para tanto, procurou-se identificar estes espaços como lugar para memória, através da percepção sensorial dos objetos e do ambiente. Também nos foi permitido observar a sua representação

social, percebendo as suas experiências, trazendo à tona as vozes que durante muito tempo foram silenciadas: mulher, pobre e negra

Por vezes, pudemos perceber, a partir do viés da Arqueologia de gênero, o quanto a Arqueologia pode contribuir no processo de recuperação, preservação e análise de outros espaços sociais que não estejam necessariamente associados à elite, mas também às classes menos favorecidas. Assim, buscamos auxiliar o entendimento do cotidiano das pessoas “comuns”, trazendo para o cenário acadêmico suas vivências e práticas sociais.

Podemos dizer que discorrer sobre as experiências de mulheres consideradas “comuns”, ainda hoje, é uma tarefa delicada a despeito do avanço inegável da história das mulheres; mesmo assim o silêncio continua sendo um aspecto comum a muitas delas em diferentes contextos e lugares. Escrever o percurso da história de algumas parece dessa maneira, um reforço nas hierarquias, já que somente mulheres privilegiadas puderam deixar suas marcas na história, por isso são mais visíveis os registros de suas memórias, seja em suas trajetórias política, econômica, social ou cultural. Mas, apesar disso, esta pesquisa procurou compreender o passado de uma mulher chamada Dona Josefa, buscando entender suas atividades, sua forma de vida e principalmente seu papel dentro da sociedade, através de sua atuação dentro da cidade de Laranjeiras no início do século XX.

Para melhor compreensão, dividiu-se a pesquisa em quatro capítulos.

No primeiro capítulo tratei de um panorama sobre a Arqueologia da Diáspora Africana e Gênero, no Brasil e no Mundo, levando em consideração as discussões conceituais a partir das abordagens traçadas por diferentes autores, e seus desafios nos últimos tempos dentro da Arqueologia.

No segundo capítulo apresento a história da cidade de Laranjeiras e os estudos da Diáspora Africana neste espaço.

No terceiro capítulo descrevo os pressupostos teóricos – metodológicos e o debate sobre a Arqueologia Interpretativa.

No quarto capítulo exponho os resultados obtidos nesta pesquisa, através da análise desenvolvida no sítio da Palha, da descrição da cultura material recuperada e dos dados documentais sobre a biografia de dona Josefa de Jesus.

A monografia se encerra com a discussão sobre o papel da mulher dentro do cenário familiar, sendo este espaço um lugar propício para discussão das relações de gênero feminino e poder. Para isso, busca evidenciar os objetivos atingidos neste trabalho.

CAPÍTULO I - ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA E GÊNERO

1.1 POR UMA ARQUEOLOGIA DA DIÁSPORA AFRICANA

Estudar o movimento migratório dos negros para a América é sem dúvidas um bom argumento para se compreender o início de nosso processo histórico e social. Esses estudos neste sentido vêm se tornado cada vez mais frequentes na Arqueologia. Diversos avanços nos estudos arqueológicos vêm se mostrando cada vez mais evidentes. Para o arqueólogo Orser Junior (1998), a importância de se estudar sobre esse tema tão relevante para nossa história é clara para um melhor entendimento acerca da “migração”, mesmo que forçada, dos africanos para a América e, principalmente, para o Brasil, compreendendo como seus costumes se modificaram ou se assemelharam com a cultura aqui já existente.

Segundo Orser Junior (1998) a Arqueologia Histórica vêm se dedicando especificamente à investigação da história pós-colombiana principalmente a partir de 1930. Desde então, e até os anos de 1960, os arqueólogos históricos direcionaram suas escavações quase que exclusivamente para sítios e propriedades associadas com aos ricos e famosos, ou seja, a elite. Já na América do Sul, esse interesse transferiu-se para o estudo das casas grandes dos latifúndios monocultores. Na região da América do Norte, as pesquisas se dirigiram para escavações de assentamentos coloniais ou sítios associados com o nascimento da nação. Geralmente essas pesquisas tinham como objetivo tangível a restauração física ou a reconstrução de edifícios e monumentos destinados a promover a ideologia nacional americana. Estes projetos de reconstrução, por sua vez, foram alimentados por um crescente interesse em turismo histórico, revelador da história através das casas, locais de trabalho e assentamentos das elites.

Apesar do interesse de diversos arqueólogos em estudar a elite social da época, muitos se inspiraram no orgulho da “raça”, da etnia e voltaram seus estudos para os oprimidos, menos favorecidos ou simplesmente os “esquecidos”. Como observa Orser Junior, (1990, p.122-29): “Como parte de seu despertar, arqueólogos desenvolveram uma perspectiva subalterna como uma forma de examinar a cultura e a história de baixo para cima”.

Toda essa mudança do foco inspirou muitos arqueólogos a investigar as vidas dos homens e mulheres que até então haviam sido silenciados da história tradicional. A partir de 1980, alguns arqueólogos voltaram seus estudos para os modos de vida dos subordinados e sua relação com os debates acerca da diáspora africana. As oportunidades de pesquisas e a variedade de informações disponíveis, muitas vezes, criam situações frustrantes, especialmente em lugares como a Nova Inglaterra colonial e a antiga Europa moderna, onde a presença africana tem sido muitas vezes esquecida (GARMAN, 1994, p. 89-90).

A distribuição desigual da pesquisa arqueológica no Novo Mundo tende a demonstrar um primeiro plano nos Estados Unidos e no Caribe, enquanto minimiza ou mesmo ignora importantes contribuições africanas na Ásia, Oriente Médio e Europa. Alguns historiadores tem se dedicado intensamente na busca pela natureza da História Cultural da diáspora africana para provar a contribuição do negro no desenvolvimento histórico do Novo Mundo, dentre eles podemos destacar os trabalhos de Curtin (1990), Gilroy (1993), Harris (1993), Jalloh e Maizlish (1996), Lemelle e Kelley (1994) e Solow (1991).

Para Orser Junior (1996) muitos arqueólogos históricos reconhecem que a história que estudam é inexoravelmente entrelaçada com o capitalismo internacional, o imperialismo e o colonialismo. Para a maior parte, as pesquisas sobre a diáspora africana sempre contém um entendimento tácito da natureza, em todo o mundo pós-colombiano, da vida do africano, uma conceituação transcontinental que começou com a busca da identidade Africana em sítios arqueológicos fora da África.

De acordo com T. Singleton e M. Souza (2009), o Brasil recebeu em seu território cerca de 4 - 5.000.000 de africanos que foram importados através do comércio de escravos, sendo mais do que qualquer outra nação nas Américas, enquanto Cuba importou cerca de um milhão de africanos, mais do que qualquer outra colônia do império espanhol. Os dois países acolheram cerca de 40 por cento de todos os africanos transportados através do comércio transatlântico de escravos.

Para Singleton e Souza (op.cit), as principais discussões sobre diáspora dentro da Arqueologia centram-se no processo de escravidão e quilombo, que é a fuga dos escravos em busca de sua libertação. Esses dois objetos das pesquisas privilegiam a escravidão e os centros do comércio transatlântico de escravos como ponto de partida para a compreensão de experiências; além dos debates sobre escravidão estes falam dos quilombos. Isso reflete, em parte, nossos preconceitos como estudantes da escravidão, bem como o fato de a grande

maioria da pesquisa arqueológica ter sido realizada junto à escravidão e aos quilombos. A escravidão foi o tema principal que os arqueólogos estudaram nos Estados Unidos, enquanto que no Brasil e em Cuba, mais atenção tem sido dirigida para as comunidades auto-emancipadas mais do que nas propriedades agro-exportadoras.

Quando os arqueólogos históricos tiveram acesso aos estudos do patrimônio das populações africanas fora da África eles foram incentivados a examiná-los como membros de culturas deslocadas. Inicialmente a contribuição dos arqueólogos para os estudos diaspóricos africanos seria fornecer evidências tangíveis para a contribuição de traços culturais africanos para além das fronteiras da África. De acordo com Orser Junior (1998), os estudos de Herskovits- Frazie retratam a trajetória sobre os homens e mulheres escravizados que mantiveram elementos de suas culturas africanas originais no Novo Mundo. A Arqueologia era imediatamente relevante para este debate, pois os arqueólogos poderiam potencialmente fornecer provas materiais de características estilísticas africanas nos objetos físicos feitos e usados fora da África.

Segundo Little (1994) a busca por tais materiais também se adequou às necessidades disciplinares dos arqueólogos históricos, pois apresentava um caminho para reafirmarem seu campo de estudo, sempre visto como um primo de segundo grau pela Arqueologia americana, tendo concedido uma séria contribuição aos ‘estudos antropológicos. As escavações arqueológicas em locais associados aos africanos da diáspora poderiam fornecer pistas sobre a sobrevivência cultural; ao mesmo tempo em que a capacidade dos arqueólogos históricos tinham em fornecer informações tangíveis sobre um determinado assunto no campo da: Antropologia, História, Folclore, Arquitetura, e várias outras disciplinas, mostrou que o campo era realmente multidisciplinar como seus defensores alegaram.

Em busca de encontrar indícios de sobrevivências Africanas nos depósitos arqueológicos, os pesquisadores têm sido talvez, mais otimistas sobre o potencial das pesquisas junto aos cemitérios. Após a realização de anos de pesquisa em numerosos cemitérios pré-coloniais dos nativos da América do Norte, os arqueólogos passaram a supor que a natureza temporalmente estática do sepultamento preservaria os elementos sociais da vida nos apetrechos materiais da morte. Baseado nos conjuntos de informações comparativas parecia razoável concluir que uma pessoa expressando um patrimônio africano na vida iria refletir este comportamento também na morte. Mesmo nos casos em que poderia ser mostrado que os acompanhamentos funerários referem-se mais a identidade social das carpideiras vivas

do que a do falecido, a presença de africanismos nas sepulturas ainda poderia indicar uma persistência de tradições culturais fora da África.

Um dos mais bem sucedidos estudos sobre análise mortuária relacionada ao reconhecimento da identidade africana foi realizado por Jerome Handler (1978) na *plantation* de Newton, uma propriedade dos séculos XVII e XVIII, em Barbados. Em mais dois estudos cuidadosamente trabalhados, Handler demonstrou que a personalidade social africana poderia ser discernida no enterro de indivíduos em que na vida tinham sido percebidos tanto positivamente quanto negativamente (HANDLER 1996; 1997). Para fazer essas interpretações, o autor confiou em seu extenso conhecimento histórico da cultura barbadiana, bem como nas análises cuidadosas dos artefatos contidos nos sepultamentos, complementados com dados bioantropológicos.

Com o avanço da Arqueologia Histórica e a percepção crescente que estudos diaspóricos africanos tinham o potencial para fornecer informações sobre uma vasta gama de questões intelectualmente significativas, os arqueólogos pós-colombianos fundiram seus interesses em africanismos com o fascínio de longa data com cerâmica.

Segundo Ferguson (1978) muitos elementos morfológicos desta cerâmica vidrada e fabricada em baixa temperatura foram encontrados em sítios associados aos africanos, ao longo da costa Sudeste Americana, sendo consistentes com os elementos da cerâmica fabricada no Caribe e, até mesmo, na África. Estes achados colocaram firmemente a África no quadro arqueológico e demonstrou que os arqueólogos históricos poderiam fornecer contribuições importantes para o conhecimento histórico e cultural sobre temas que até então se mantinham em situação irregular no registro histórico.

Mintz e Price (1976) afirmam que a partir destes achados ficou mais conivente vincular o Novo Mundo a África através de utensílios de cerâmica colonial. Esses achados se tornaram um dos mais importantes pontos de arranque para a Arqueologia da diáspora africana, pois ilustram claramente a natureza global da pesquisa, ao mesmo tempo que apoiaram-se as reivindicações dos antropólogos culturais que identificaram, através da cultura africana, elementos complexos e multiculturais nos materiais fora da África.

Assim, ao pensar, ainda mais sobre as implicações culturais desta cerâmica, Ferguson (1991) propôs mais tarde que a cerâmica representava mais do que apenas africanismos tangíveis. Os fragmentos eram também representações simbólicas de uma alteridade que serviu tanto para capacitar escravos afro-americano em sua multi diferença cultural, como proporcionar uma sensação Pan-Africana de cultura sincrética. A partir daqui,

era apenas um pequeno passo para a compreensão de qualquer cultura africana fora da África seria uma mistura de diversos elementos crioulistas, e que até mesmo, ausentes dos depósitos arqueológicos, mesmo em contextos funerários.

Para o arqueólogo Owsley *et.al* (1987) as pesquisas sugerem que o tempo pode estruturar a presença de africanismos nos sítios arqueológicos, sendo os cemitérios novamente instrutivos neste sentido. Os primeiros sepultamentos, tais como aqueles em na *plantation* de Newton, em Barbados, tendem a apresentar características africanas, enquanto que os posteriores, como as escavações em Nova Orleans, datado por cerca de 1800, não mostram sinais evidentes do patrimônio africano. Já para Watters (1987) os sepultamentos pesquisados no cemitério em Montserrat não continha elementos óbvios africanos, ainda que o local fosse contemporâneo à *plantation* de Newton. Assim, Thomas (1995) afirma que hoje os arqueólogos aprenderam a ser mais cautelosos ao fazer comparações entre os sítios. Em qualquer caso, os aspectos temporais das evidências têm o potencial para trazer de volta os estudos desenvolvidos por arqueólogos sobre os largamente insatisfatórios estudos de aculturação do passado. Um bom exemplo dessas insatisfações são os pesquisadores Wheaton e Garrow (1985) que retratam, o fim do uso dos costumes funerários africanos e da indústria colonial de cerâmica que forneceram evidências para questões importantes sobre acomodação e sobrevivência cultural.

Mesmo com muitas dificuldades em encontrar provas de africanismos em sítios arqueológicos, não desanimaram os arqueólogos a abandonarem este projeto, pelo contrário. Segundo alguns autores, muitos arqueólogos históricos simplesmente mudaram para novos tipos de evidências, normalmente envolvidas com o ritual e o simbolismo da religião. Estes estudos não só seguiram a prática arqueológica em curso, como também demonstraram o caráter tenaz dos costumes culturais incorporados dentro dos sistemas de crenças e dos comportamentos rituais. Ao mesmo tempo, o simbólico ou o uso do ritual de africanismos por homens e mulheres fora da África pode dialogar com questões sobre resistência e manutenção de fronteiras culturais que devem existir em quaisquer outras fontes.

Singleton e Souza (2009) observam que a diáspora africana refere-se ao processo de dispersão por todo o mundo dos povos africanos e seus descendentes, como consequência da escravidão e outras migrações para fora da África. Os autores ainda complementam dizendo que o termo diáspora está ligado com o rompimento e dispersão de um povo e muitas vezes usado para descrever qualquer dispersão de pessoas a partir de sua pátria original. A construção do conceito de diáspora africana está relacionando com a maneira como os

africanos e seus descendentes reorganizaram suas práticas e tradições culturais nas Américas, e dessa forma reconstruíram suas identidades africana, sendo uma conceituação transcontinental que começou com a busca das identidades africanas em sítios arqueológicos fora da África (SINGLESTON e SOUZA, 2009).

Para Siglestone e Souza (op.cit.), a terminologia da diáspora pode ser identificada com outros tipos de migrações à medida que são normalmente caracterizadas por parte ou a totalidade dos seguintes critérios: (1) migração forçada ou induzida; (2) uma presença permanente do grupo em novas configurações como um grupo distinto cultural/étnica, racial, religiosa ou socialmente; (3) consciência coletiva ou memória que desempenham um papel na produção de patrimônio cultural; (4) as experiências do grupo se apresentam sob alguma forma de alienação dentro da sociedade que recebe ou acolhe; (5) a existência de algum tipo de troca ou relação entre duas ou mais populações separadas espacialmente tomando-se a diáspora, e/ou com a pátria.

Os autores observam, ainda que a conceituação de migração forçada do africano como uma diáspora, formalmente surgiu, durante os movimentos de consciência pan-africanos e negros do século XX. Em meados da década de 70 do corrente século, os pesquisadores cada vez mais utilizaram o termo diáspora para designar a dispersão mundial dos africanos, como nos trabalhos de Bryce-Laporte e Drake (1976). A partir deste período a diáspora africana tornou-se uma pesquisa com interesses bem estabelecidos prosseguido em diversas disciplinas e subdisciplinas das humanidades e ciências sociais.

Os arqueólogos têm sido lentos em adotar o conceito da diáspora africana nas pesquisas arqueológicas junto às populações de ascendência africana. Este termo tem sido utilizado nas pesquisas com maior frequência a partir da década de 90 do século XX, por arqueólogos. No entanto, os estudos arqueológicos de uma determinada comunidade diaspórica são geralmente designados como Afro-Americana, Afro-caribenhas, ou Afro-latino-americana. Não tendo assim nenhuma adoção do termo “diáspora” em Arqueologia, no entanto, ainda não foi produzido, de forma mais ampla, estudos nos quais o conceito possibilite elaborar um quadro analítico em que as experiências de deslocamento, as ligações comparativas com outros grupos da diáspora africana ou as teorias da diáspora e os discursos sejam examinados. Para os autores essas deficiências no uso da diáspora como uma ferramenta heurística nos estudos arqueológicos não diminuem o papel que a Arqueologia desempenha nos estudos da diáspora africana (SINGLETON e SOUZA, 2009).

Segundo o arqueólogo Orser Junior (1998), os arqueólogos históricos ligados ao estudo do patrimônio das populações africanas fora da África foram incentivados devido à sua formação antropológica, a examiná-los como membros de culturas deslocadas. Como inicialmente estabelecido, a contribuição dos arqueólogos para os estudos diásporico africanos, neste período, era de fornecer evidência tangível para a continuação de traços culturais africanos para além as fronteiras da África.

Para Orser Junior (1998) alguns pesquisadores das áreas sociais (Historiadores e Antropólogos) estão começando a questionarem a tese de crioulistização, argumentando que os escravos importados em várias partes do mundo não criaram populações tão heterogêneas quanto poderíamos supor. Em alguns casos, por exemplo, importadores escravistas tenderam a buscar homens e mulheres a partir de partes específicas da África. Mostra também que fazendeiros produtores de arroz tentaram adquirir mão de obra de trabalhadores de áreas da África já familiarizadas com a cultura do arroz. Sendo assim, estas populações de africanos com longas tradições de cultivo de arroz aparecem reunidas em várias partes do mundo, podemos também supor que os africanos livres eram capazes de se reassentarem, procurando ambientes sociais prazerosos com pessoas de origens e tradições culturais semelhantes. Dado este direcionamento, parece que as sociedades quilombolas também têm potencial para fornecer informações sobre os esforços dos africanos deslocados para manter suas culturas tradicionais em ambientes estranhos.

Concordo com Singleton e Souza (2009) que os direitos civis, a consciência negra, os Estudos Negros, a Nova História Social e os movimentos de mulheres contribuíram para persuadir os arqueólogos a investigar os vestígios de povos do passado que tinham sido forçados a posições sociais subordinadas, e que deixaram poucos registros escritos de autoria própria a respeito de suas vidas.

Em Singleton e Souza (2009), o estudo de sítios arqueológicos sobre quilombolas e comunidades de negros livres tem um lugar de destaque nas novas abordagens da Arqueologia, sendo ele de fundamental importância para a compreensão do processo de reconstrução de identidades africanas nas Américas, inclusive no Brasil.

Observaremos um mapa com os principais locais de pesquisas arqueológicas realizadas no Brasil, discutindo a partir de eixos temáticos sobre a relação entre residências de senhor e escravos, objetos pessoais, plantações, quilombos, produções dos artefatos, cerâmicas e outros objetos, como as garrafas encontradas próximos de cemitério de africanos neste território.



Figura 01– Mapa do Brasil demonstrando os locais estudados arqueologicamente sobre os Africanos e seus descendentes. Fonte: (SINGLETON, T.; SOUZA, M. A. T. 2009).

A Arqueologia da diáspora africana no Brasil, como em outros países da América, emergiu por motivos diversos e seguiu diferentes trajetórias no seu desenvolvimento. Cada um enredados em contexto sócio - político que influenciou, em certa medida, as orientações para o estudo da diáspora africana, embora estas influências sejam mais frequentemente implícitas, ao invés de explícitas. Isso não significa que outros fatores não tenham contribuído para o desenvolvimento desta pesquisa, mas não há uma relação entre maiores questões sociais e políticas e as preocupações destas Arqueologias (SINGLETON e SOUZA, 2009).

Para Singleton e Souza (op.cit.), a Arqueologia da diáspora africana está se desenvolvendo de diferentes formas em cada uma dessas nações. O trabalho também está começando em algumas áreas que tinham significativas populações africanas no passado, mas hoje essas populações são muito pequenas como Argentina, México e Peru; a troca de ideias e as abordagens para a investigação arqueológica das diásporas africanas aumentam as análises comparativas desta temática.

As contribuições mais estimulantes sobre esta temática na Arqueologia devem concentrar-se na dispersão dos africanos da África e no papel dinâmico desempenhado por eles em nosso território, sendo que o seu legado cultural que foi passado para seus descendentes deve ser estudado de uma maneira mais sistemática, pois estas pesquisas partem do desenvolvimento de uma criação cultural “afro-diaspóricas” nas Américas.

O conceito de diáspora africana deve ir para além do viés de dispersão dos povos africanos, e pode ser entendido como um processo de organização, assimilação, significação e ressignificação dos elementos culturais, a partir da presença africana em diferentes grupos sociais (sejam eles brancos e “índios”).

A Arqueologia pode incorporar os vários vieses já abordados por outras áreas das ciências sociais, com os debates acerca dos processos de resistência, relação de poder, identidades, solidariedade, cotidiano, família escrava, morte e festa, e não só isso, precisa ampliar esta discussão trazendo através da materialidade destes grupos no presente novos dados que se somem para entender as experiências destes grupos fora da África.

1.2 “ESCAVANDO” OS ESTUDOS SOBRE ARQUEOLOGIA DE GÊNERO

Transformações variadas estão sendo estabelecidas no campo das pesquisas arqueológicas. Deste modo, uma crescente pluralidade temática de abordagens tem possibilitado aos arqueólogos melhores condições para o entendimento sobre as sociedades.

Nesta perspectiva, entendemos que os estudos sobre a materialidade de gênero podem ser concebidos enquanto possibilidade de compreender o universo das relações de poder entre indivíduos (MARTÍ, 2003).

Neste contexto, podemos dizer que grande parte dos estudos da Arqueologia mais tradicional, foram construídos a partir de uma ótica masculina, que privilegiava as relações do homem dentro dos espaços da sociedade, ocultando e, por vezes, deformando a atuação da mulher, presença silenciosa, mas não omissa naquele cenário (FUNARI e MARQUETTI 2001).

Em relação às publicações sobre a discussão do gênero, a figura feminina vem sendo trazida à tona através de trabalhos inovadores e preocupados com a “recuperação” da atuação da mulher dentro da sociedade. As mulheres desempenharam e desempenham papéis que saíram das normas e tornaram-se práticas recorrentes, tanto na área política como na área sócio- cultural. Sendo assim, o instrumental de gênero é trazido aqui como um objeto de pesquisa importante para pensarmos as relações de poder e trazer à tona as vozes alternativas que são estabelecidas entre os mais variados indivíduos (BERROCAL, 2009).

Ainda pensando na atuação das mulheres, visualizamos que estas romperam com os padrões usuais, durante a ausência temporária ou definitiva da figura masculina, sendo que existiram atuações de mulheres de várias classes sociais, se dedicando a administração dos bens, roças, propriedades, criação de gado, das tarefas domésticas, atuações política e no campo científico, tornando-se assim senhoras do seu próprio destino.

Outro fator crucial que podemos elencar sobre as publicações, a respeito do estudo do gênero no Brasil dentro da área da Arqueologia, é a existência de um número restrito de pesquisas disponíveis que carecem de informações sobre os papéis das mulheres dentro de suas comunidades e as relações que estas mantinham com suas famílias, não sabendo ainda as relações de “poderes” que estavam submetidas e expostas. Pois seguindo as ideias da pesquisadora Joan Scott (1992, p.88), é necessário ampliar o foco dos estudos da atuação das mulheres na sociedade, cuidando dos relacionamentos “macho” / “fêmea” e de questões sobre como o gênero é percebido, que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e sexualidade produzem nas experiências do cotidiano deste grupo feminino.

Nos estudos de Beauvoir (1974), Scott (1995), Rago (1995), Jaggar e Bordo (1997) podemos observar a conceituação do termo gênero como uma construção eminentemente social das ideias acerca dos papéis próprios de homens e de mulheres que

determinam suas identidades subjetivas. Ressaltam ainda que o campo da história das mulheres evoluiu, ganhando energia própria ao ampliar o seu campo de questionamento, documentando todos os aspectos da vida das mulheres no passado, passando do campo político para a história especializada e daí para a análise, onde a inserção da mulher como sujeito da história e objeto de estudo ampliou as perspectivas e questionamentos de várias ciências.

Observa-se que a emergência do gênero enquanto instrumento teórico no Brasil ganhou maior dimensão nas ciências sociais a partir da década de 80 e 90 do século XX. Vários fatores foram fundamentais para motivar as diversas áreas do conhecimento a explorarem este novo objeto de estudo, enfrentado uma trajetória difícil, especialmente pelo contundente aporte androcêntrico que os estudos sempre representaram. Inclusive no campo da Arqueologia (PERROT, 1998; MARTÍ, 2003). Mesmo assim as novas pesquisas arqueológicas se deparam com a limitação do conceito de gênero, é necessário buscar novas visões de análise para interrogar e mudar os paradigmas arqueológicos existentes.

Seguindo essa ideia visualiza-se uma difícil empreitada da inclusão do estudo das mulheres no campo arqueológico, seguido em passos lentos a partir do caráter homogeneizado da construção histórica e sua universalidade discursiva do sujeito único, igual e universal, este, o “homem”.

Pode-se dizer que o conceito de gênero foi utilizado de diferentes maneiras, como por exemplo, as relações sociais entre sexos, criticando um pouco a ideia de subordinação entre homens e mulheres e desconstruindo a superioridade do homem criada em nossa sociedade. Podemos visualizar isso com o conceito de gênero de Scott (1994) que esta relacionado ao saber a respeito das diferenças sociais. Para autora, esse saber sobre as relações entre homens e mulheres não é absoluto, mas, sim, relativo. Uma vez que os significados de gênero nascem de disputas políticas, econômicas e sociais, sendo isto, meios pelos quais as relações de poderes de dominação e subordinação são construídas. Assim a referida autora entende que gênero é a “organização social da diferença sexual sem refletir ou programar diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais” (SCOTT, op. cit., p.12-13). Alguns autores se baseiam nas ideias desta pesquisadora para discutir e interpretar as questões de gênero no mundo, inclusive no Brasil.

Em sua obra, Berrocal (2009, p.1), observa a teoria e prática de uma Arqueologia científica, elencando a importância do estudo de gênero dentro das pesquisas arqueológicas,

tendo como objetivo principal neste trabalho a realização de uma revisão sobre a Arqueologia feminista, especialmente seguindo a corrente norte americana. A autora trabalha a importância do estudo de gênero para a compreensão do papel da mulher dentro da ciência arqueológica e sintetiza a trajetória da Arqueologia feminista, sua relação com Arqueologia de gênero e Arqueologia processual, buscando entender a sua formação epistemológica. E diz também que é necessário observarmos o desenrolar da Arqueologia feminista na Espanha, onde possui uma relação com a Arqueologia Social (Materialismo Histórico).

A autora mostra já no início da sua pesquisa que a teoria feminista criou e vem criando uma prática arqueológica ao longo das últimas duas décadas, especialmente no campo anglo-saxão, escandinavo e espanhol. Ainda fazendo o percurso de Berrocal (op. cit.), as abordagens teóricas traçadas são tão diferentes de região para região que podem enfrentar inúmeros problemas relacionados às análises das pesquisas, não existem diretrizes ou protocolos que estabeleça como deve ser fazer uma pesquisa no campo da Arqueologia feminista.

Em relação ao feminismo, diz que “é mais um reflexo de várias práticas que resultam em um novo reflexo”. De uma forma mais clara, a definição de feminismo para a autora, deve ser vista como uma prática comprometida com a definição e os limites da ciência, com a objetividade, com suas implicações e estando atenta para adoção de uma base teórica explícita (BERROCAL, op. cit.).

A autora citada segue uma linha dos estudos feminista norte americana, onde o feminismo, neste continente sempre foi orientado na construção de uma Arqueologia crítica. Seguindo esta ideia, a autora organiza a base central da sua pesquisa buscando a alegação do feminismo como construção política e estratégia científica, demonstrando sua importância na Arqueologia nos últimos anos.

Faz também uma pequena crítica, mostrando que os estudos feministas são discutidos apenas em ambiente feminista, gerando assim a marginalização de todos estes desenvolvimentos teóricos. Em parte, é necessária a popularização da Arqueologia de gênero, pois a fronteira entre a Arqueologia e Arqueologia feminista e de gênero, é uma análise absolutamente necessária para este contexto (BERROCAL, op. cit.).

Acredito, como o arqueólogo Orser (1992), que o estudo da cultura material pode trazer uma melhor visão sobre as sociedades e suas transformações, chamando atenção para uma reflexão sobre as classes mais excluídas dos estudos eruditos como a sociedade que constitui-se por mulheres, indígenas, população negra, operários e etc., resgatando através de

sua cultura material, novas visões ou novos olhares que são até hoje vistas de maneira figurativa. Lima (2011) observa também, que a decisão do espaço, dos objetos e práticas não é acidental segue regras, comportamentos formalizados e vinculados à idade, ao parentesco, à posição social, ao sexo e à atividade que o indivíduo exercia.

Voltando ao foco da pesquisa, o estudo de gênero dentro da Arqueologia teve uma maior dimensão a partir das várias discussões no âmbito político, social e cultura, a partir do ano de 1990 dentro das várias linhas de estudo da Arqueologia e principalmente com o estudo Pós-Processual que se começou perceber a necessidade de debater sobre o estudo do gênero feminino no âmbito das pesquisas arqueológicas. A partir dessas necessidades alguns arqueólogos buscaram solucionar algumas lacunas dentro deste espaço como Claassen (1992); Gero e Conkey (1991); Preucel (1991); Redman (1991); Spaulding, (1988); Trigger (1991) e Wylie (1991).

Para melhor compreender estas novas discussões podemos apontar o trabalho de Fredel (2008), que analisou a partir do enfoque arqueológico as relações de poder, gênero e práticas da liberdade. Nesta pesquisa autora buscou priorizar duas categorias em relação ao estudo de gênero: a natural (sexo) e social (status) que o indivíduo possui dentro de uma sociedade. Para ela, esses dois fatores estão contidos na busca dos sujeitos excluídos, em que também está a discussão sobre gênero feminino. Sendo um dos seus objetivos analisar a precariedade da figura feminina e do elemento inferiorizado dentro dos discursos científicos na busca dos sujeitos excluídos e suas histórias perdidas.

Em relação ao estudo de gênero, Bellelli (2001 apud Conkey e Gero, 1991), observa que o estudo da Arqueologia de gênero busca compreender a relação do sistema de gênero entre o universo feminino e masculino em diversos períodos da história humana, seja pré- histórico ou histórico, através dos problemas e métodos arqueológicos. Cumpre destacar que este estudo enfoca sobre a utilização da categoria de “gênero” nas pesquisas arqueológicas, nas quais a produção e manuseio da cultura material, que forma o registro arqueológico, podem ser associadas às mulheres ou homens. Estas novas análises permitem que vejamos os papéis produtivos e contribuições das mulheres e dos homens, fazendo inferências sobre a divisão do trabalho entre eles; observando como os objetos são envolvidos na formação de identidades e significados sociais; e explorando como uma categoria social como "feminino", por exemplo, pode ser incorporada às sociedades passadas e como estas poderiam ter agido sobre aquelas.

Na verdade, as concepções do estudo de gênero podem ser entendidas como construção relacionada às categorias culturais, sociais e históricas, reconhecendo que os papéis e as relações de gênero são constituídos de significados; e são historicamente e culturalmente formas específicas (CONKEY e GERO, 1991, p. 8). Para os autores, sexo é portanto, um elemento constitutivo de relações sociais humanas, com base nas diferenças e semelhanças entre mulheres e homens que são culturalmente percebidos e culturalmente inscritos através de sua materialidade.

Discutindo o campo mais geral da Arqueologia nos últimos vinte anos do final do século XX, os temas sobre sexo e gênero surgiram como preocupações centrais para a Arqueologia internacional. Para a arqueóloga Gilchrist (2009, p.129), a preocupação central não é pouca e como ainda recorda, resulta dos movimentos sociais como o feminismo, mas também das lutas pelo respeito à diversidade em geral.

Na medida em que novas abordagens, métodos e técnicas foram incorporados aos estudos arqueológicos no Brasil, mediante a valorização da história oral e da história do passado recente e a utilização dos arquivos particulares (cartas, diários, fotografias) foi possível ampliar as balizas temporais das pesquisas e abarcar períodos mais próximos. Criaram, assim, uma brecha para produção de novos estudos, que serão importantes para atuação das mulheres no mundo e dos relegados de uma história oficial (LIMA, 1997; SYMANSKI, 2009).

Em relação à Arqueologia no Brasil nas últimas décadas, vem sendo estimulada a ampliação das problemáticas relacionadas aos temas sobre sexo e gênero, que emergiram como preocupações não apenas relacionada aos temas centrais da Arqueologia brasileira, mais sim, em termos internacionais (FUNARI e MARQUETTI 2001). Continua dizendo que isso caracteriza a invenção da narrativa sobre o sexo, ao qual damos o nome de sexualidade, e somos, aí sim, prolixos e prolíficos. Inventamos a *scientia sexualis*, sensu de Michel Foucault (1984), na esteira desse discurso sobre a sexualidade surgiram temas correlatos, como as relações de gênero.

Em Zarankin e Salerno (2010, p. 7), a maior parte dos trabalhos sobre gênero, em Arqueologia, buscou pôr em evidência os cortes androcêntrico que caracterizaram a disciplina. Alguns investigadores tentaram demonstrar que tradicionalmente a reconstrução do passado se realizou em torno da figura dos homens, ignorando ou minimizando a visibilidade das mulheres e de outros grupos. Assim, do mesmo modo que uma pessoa pode ter sua

identidade definida pelos bens que possuem dentro da sociedade, o gênero pode ser definido a partir do papel que um indivíduo exerce na sociedade através de sua sexualidade.

Embora esta seja uma ideia para se entender o problema de gênero, a masculinidade, neste contexto, vem adquirindo novas ferramentas relevantes para estudar a relação entre homens e mulheres, seguindo em direção à discussão das identidades multifacetadas, plurais e mesmo conflitantes que exercem (FUNARI e MARQUETTI, 2001).

Os temas relativos à sexualidade e ao gênero foram particularmente relevantes para a revisão do estudo da mais alta pré-história. Trata em sua pesquisa de uma forma da representação pré-histórica bem conhecida e estudada, mas pouco explorada em seus aspectos simbólicos a um só tempo religioso e sexual. Para isso, adentra na perspectiva semiótica que permita discutir alguns aspectos do simbolismo dos nossos antepassados mais distantes (FUNARI e MARQUETTI, op.cit.).

Na mesma linha de trabalho, Carvalho (2003) toma como ponto de partida os estudos sobre gênero e cultura material, os estudos das relações de gênero principalmente em seus recortes temáticos, é o espaço doméstico – alterações de equipamentos de trabalho doméstico, de fontes de energia, de disponibilidade de mão-de-obra, de alocação e arranjo de mobiliário, de infra-estrutura sanitária, etc. Esta delimitação temática pode contribuir para o entendimento da construção material de noções como tecnologia, trabalho, conforto, limpeza, funcionalidade, individualidade, prestígio e personalidade, dentro do espaço doméstico. Com isso podemos, dentro deste espaço, buscar várias interpretações para entender o cotidiano.

Matsinhe (2012) em sua pesquisa sobre percepções e representações sobre trabalho doméstico de mulheres donas de casa, no bairro das Mahotas, em Maputo, objetiva a compreensão dos significados do trabalho efetuados pelas donas de casa, buscando captar as percepções e representações sobre os trabalhos efetuados por estas mulheres. Para o autor, as relações de trabalho são codificadas pelas relações familiares e marcadas pelas distinções de gênero. No seu estudo utilizou dos métodos de recolha de dados e a observação direta e as entrevistas semi-estruturadas.

No entanto, tanto Carvalho (2003) quanto Matsihe (op. cit.), concordam que as discussões sobre as relações de gênero nos espaços domésticos podem partir do viés das distinções entre homens e mulheres dentro deste espaço, de uma relação de prestígios ou nas relações de trabalhos estabelecidas por elas. É interessante que os dois pesquisadores não fazem nenhuma delimitação de que espaço seria mais importante para atuação da mulher dentro da residência. Para eles a residência é o espaço da mulher.

Acredito, com Martí (2003, 202) que os aspectos mais interessantes oferecidos por esta nova dimensão da Arqueologia, é o fato de associar os conceitos de "espaço" e "mulher". Na medida em que associamos ideias e valores a determinados espaços ou mulher, estes assumem uma relação de poder que podem ser evocados visualmente ou sensivelmente, aquelas ideias e valores que são suportes fundamentais para redefinir suas identidades, e uma forma para fazer isto é através de dois parâmetros em que essa identidade é construída: tempo e espaço. Portanto, quando falamos de Arqueologia do espaço e Arqueologia da mulher, estamos retratando também a construção das identidades, com o objetivo de encontrar o passado (tempo), nos vestígios materiais dentro dos espaços ocupados por mulheres (MARTÍ, op. cit.).

Para um melhor entendimento foi construído um pequeno esboço da trajetória de gênero na Arqueologia, discutido a partir das informações extraídas nos livros e artigos lidos, assim as pesquisas vem contemplando nos últimos tempos uma reflexão maior sobre a materialidade do gênero feminino. Em busca de trazer a tona vozes que durante muito tempo foram silenciadas nas pesquisas arqueológicas, assim, surge também novas propostas metodológicas para se pensar os caminhos que os pesquisadores devem seguir.

CAPÍTULO II - ESTUDOS DA DIÁSPORA AFRICANA EM LARANJEIRAS

2.1 O MUNICÍPIO DE LARANJEIRAS

Localizada na região Nordeste do Brasil, no Estado de Sergipe, a cidade de Laranjeiras, concedida em sesmaria no ano de 1594 a Tomé Fernandes, alcançou seus tempos áureos com a economia açucareira do século XIX, concentrando os principais engenhos-de-açúcar da capitania de Sergipe d'El Rey (MOTT, 1986).

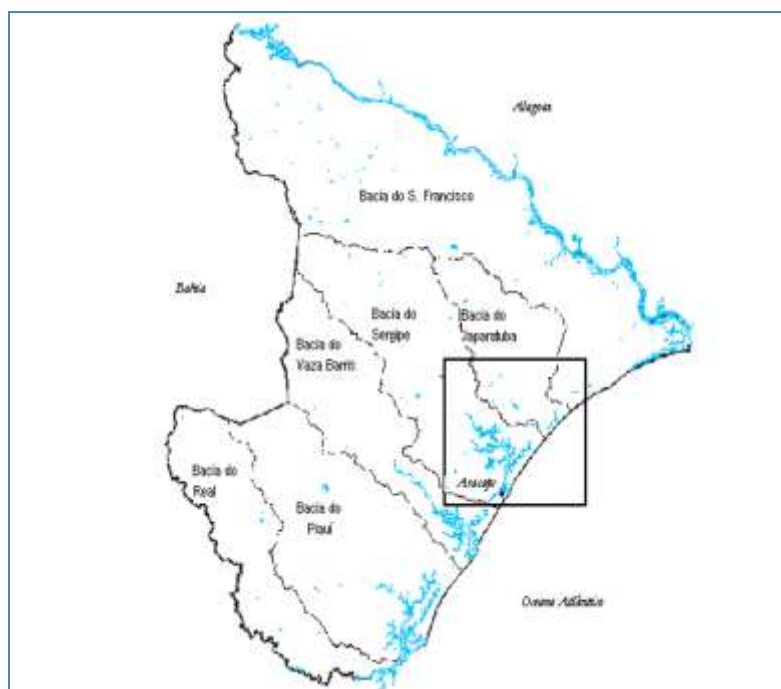


Figura 4- Região do Cotinguiba. FONTE: AMARAL (2007).

Erguida no final do século XVI, no Vale do Cotinguiba, foi denominada pelos jesuítas, como povoado da Vila de Nossa Senhora do Socorro e em meados do século XIX, foi elevado à categoria de vila devido à sua participação político-social, recebendo o nome de Laranjeiras (MOTT 1986; DANTAS, 1988). Ela contou com a formação dos primeiros engenhos de cana-de-açúcar, aproveitando-se do clima favorável, solo de massapê e facilidade de escoamento da produção através do rio Cotinguiba.

O surgimento de um núcleo urbano nesta região tem registro no ano de 1794, a partir de um povoado pertencente ao engenho Comandaroba localizado no sítio ou Vale das Laranjeiras. Com o intenso desenvolvimento econômico foi elevado à categoria de vila em 07 de agosto de 1832, para anos depois alcançar a condição de cidade através da Lei Provincial nº 209 de 04/05/1848.

Segundo os pesquisadores Dantas (1972), Mott (1991) e Nunes (1993), Laranjeiras tornou-se um dos principais centros comerciais e produtores de açúcar de Sergipe no século XIX, e seu comércio muito se desenvolveu, sendo também um grande exportador de açúcar no período oitocentista. Estando ligado ao crescimento populacional do antigo povoado e das disparidades sociais: intelectuais, comerciantes, senhores de terras, agricultores, empregados domésticos, jornaleiros, entre outras profissões que compunham o cenário social da época.

A vila de Laranjeiras no século XIX transformou-se no núcleo urbano e intelectual mais importante da Província de Sergipe, estando ligada a diversificação social que estava explicitada em sua vida cultural através da criação de teatros, dos gabinetes de leitura, dos liceus, dos clubes e dos jornais que veiculavam todos os movimentos que estavam ocorrendo na época. Neste período, a província de Sergipe com as cidades principalmente de Laranjeiras e Estância refletiam as discussões e transformações culturais e sociais que estavam ocorrendo no restante do país, como, por exemplo, as apresentações de peças nacionais nos seus dois teatros, as discussões políticas e religiosas travadas em jornais e periódicos, a construção de escolas, templos, e do clube democrático, do qual saíram os primeiros dirigentes da República em Sergipe (OLIVEIRA, 1935).

Segundo o pesquisador Passos Subrinho (2000), duas regiões sergipanas mostravam-se potencialmente favoráveis ao cultivo da cana de açúcar: a região do Cotinguiba e da Vasa – Barris. A região do vale da Cotinguiba está inserida na zona da mata sergipana, sendo o pólo da produção açucareira que mais se desenvolveu no século XIX. Sendo atravessada pelos rios Sergipe e Japarutuba, esta região possuía um clima adequado à produção da cana e gozava do privilégio de ter solos de fertilidade surpreendente.

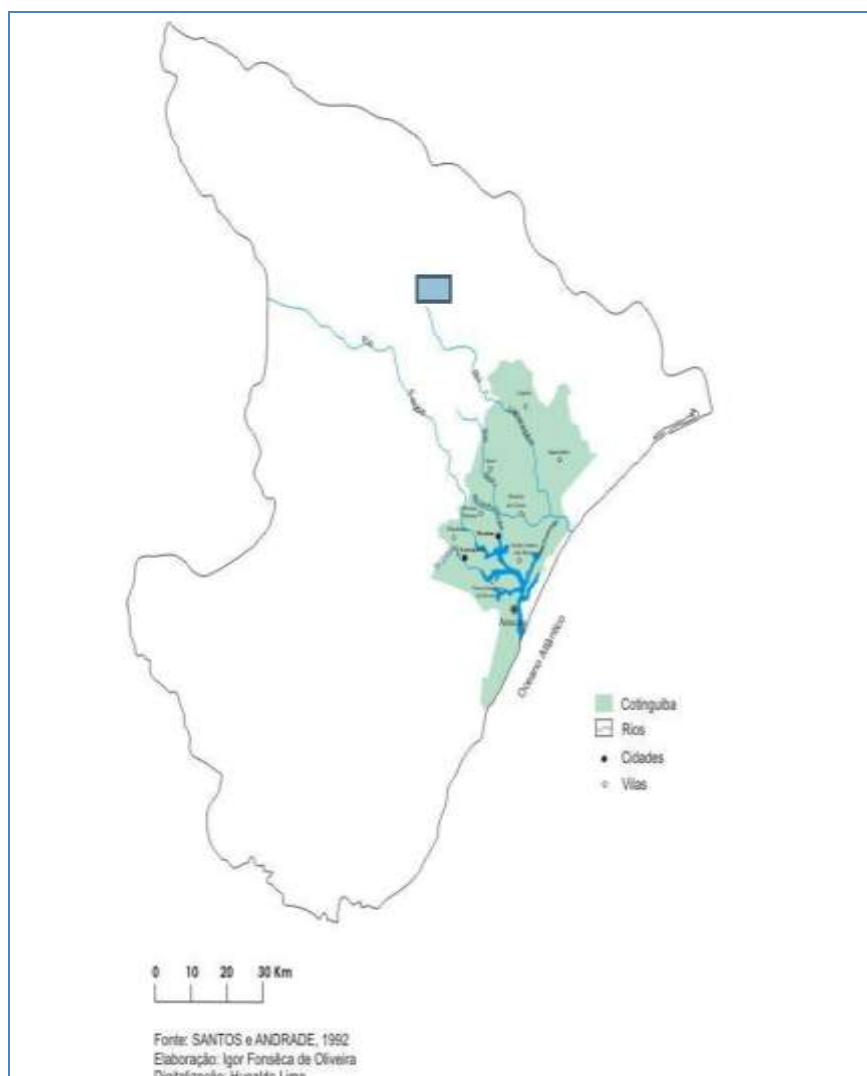


Figura 5 - Região do Cotinguiba com principais rios, cidades e vilas no século XIX. FONTE: OLIVEIRA, 2010.

A região do Cotinguiba compreende os seguintes municípios: Santo Amaro, Laranjeiras, Nossa Senhora do Socorro, Riachuelo, Nossa Senhora do Rosário, Capela, Divina Pastora, Maruim e Japaratuba. Sendo a região de Laranjeiras considerada um dos mais importantes centros sócio- cultural desta região no período oitocentista. Esta região possuía os solos de massapé, argilosos, escuros e pesados, que retinham bem a umidade e eram os preferidos para o cultivo de cana de açúcar, além de contar com o transporte fácil através dos grandes rios e de seus números os afluentes durante a maré cheia (AMARAL, 2007).

Pode-se ressaltar que a cidade de Laranjeiras recebeu negros africanos para trabalhar na expansão da lavoura canavieira de cana-de-açúcar, onde aos latifundiários e senhores de engenhos coube às riquezas e ao povo negro a precária condição de vida, mesmo assim, em sua forma de se organizar através das senzalas, nos quilombos e mocambos, garantiu que sua

ancestralidade não fosse esquecida, ao contrário, seus valores foram fortalecidos através da cultura e da religião (AMARAL, 2007).

Também esta região foi marcada por várias rivalidades, analfabetismo e concentração de renda, principalmente após 1832, ano em que o povoado se tornou vila, além da ocorrência de atos de violência entre os mais abastados e entre classes desprovidas de poder na sociedade laranjeirense. A ascensão à nova categoria de cidade em 1848, título almejado por muitas vilas na província de Sergipe, atraiu diversas pessoas, o que contribuiu para o “florescer da urbanização”. A esta altura, vários povoados se comunicavam com Laranjeiras através das relações comerciais. Lá também foi instalada a Alfândega de Sergipe, o que permitiu que o comércio crescesse ainda mais (DANTAS, 1972).

A partir de 1840 houve uma grande multiplicação dos engenhos de açúcar, que podia ser explicada por herança; era doação ou venda de parte das terras das posses maiores; ou ainda pela baixa tecnologia que limitava a expansão dentro de cada engenho, obrigando os senhores a montarem novos engenhos quando havia aumento de produção (AMARAL, 2007).

Com o desenvolvimento comercial de Laranjeiras começa o processo de construção de novos edifícios, melhoramento das praças, feiras e do mercado, além de aterros e calçamentos públicos. Ainda deste período, são fundados alguns jornais e as camadas mais abastadas da sociedade laranjeirense assume costumes urbanos e se espelha no comportamento e nos valores sócio- culturais da corte ¹. É nessa questão que o professor José Silvério Leite Fontes (1974, p. 567) chama a atenção de que “em 1829 Laranjeiras era considerada a povoação mais rica e opulenta da província”.

¹Governo do Estado de Sergipe (Sudope/Emsetur). **Laranjeiras: a região e sua ocupação**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1975.

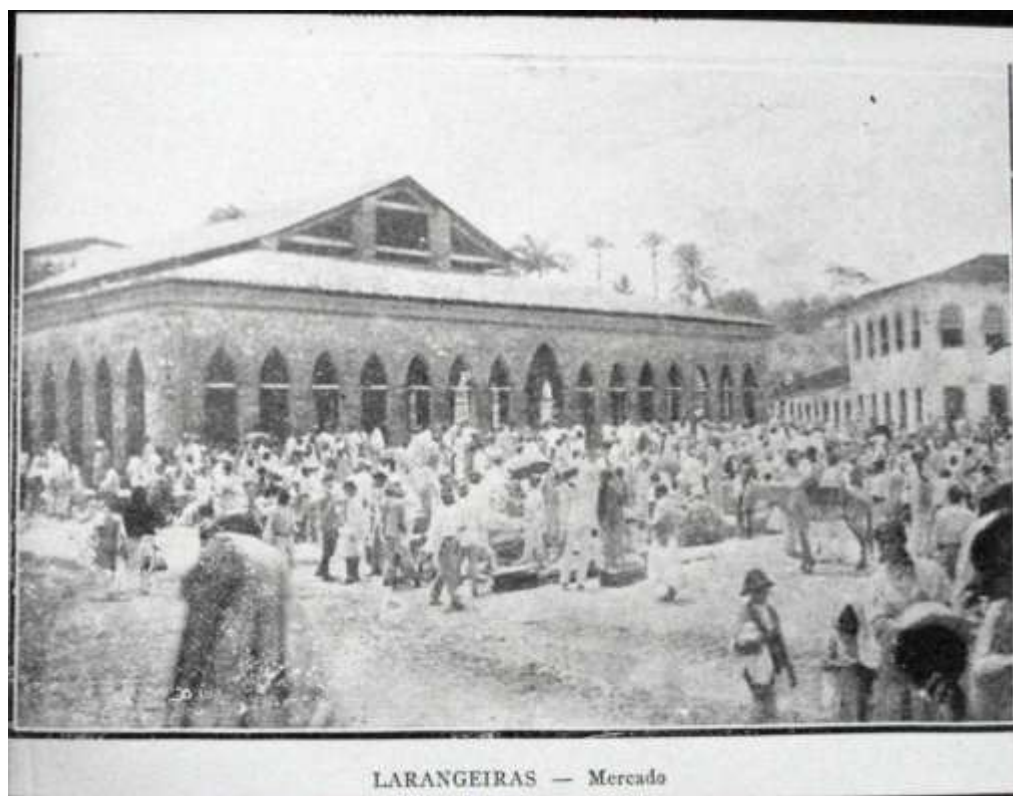


Figura 6 - Mercado Municipal de Laranjeiras no século XX. Fonte: Silva, 1820-1920.

Devido ao apogeu econômico a cidade começa a passar por melhorias tais como a iluminação por lampião e a navegação a vapor entre a capital e as cidades de Laranjeiras e Maruim, além da criação do internato com aulas de inglês, francês, aritmética, geometria, álgebra e mercantil (OLIVEIRA, 1935).

A diversidade étnica existente em Laranjeiras abriu espaço para uma pluralização também no campo da religiosidade a partir do crescimento de terreiros, de templos católicos, no aparecimento da primeira igreja protestante de Sergipe. Pode-se dizer que as relações sociais deste período estavam dentro de uma sociedade rigidamente dividida entre pardos, brancos e negros (Africanos e descendentes nascidos no Brasil). A esse respeito Francisco José Alves (1999, p. 152-153) afirma que as Irmandades do Rosário celebravam duas festas: a principal era no primeiro domingo de outubro, em honra a Nossa Senhora do Rosário; outra, em seis de janeiro, dedicada a São Benedito. Quando a irmandade era mista, a primeira festa era dos “brancos” e a segunda dos “pretos”. A duplicidade de calendário e de formas festivas evidenciava a divisão étnica existente na Confraria. Desse modo, o universo ritual refletia clivagem social vigentes na sociedade. A religião não escapava aos antagonismos existentes na ordem social escravocrata. Embora “irmãos”, a etnia e a condição social os diferenciavam.

Com isso observamos que na cidade de Laranjeiras tinha uma divisão visível das questões étnicas, isso fica bem claro na construção de igrejas católicas desta região, tendo templos para brancos, pardos e negros. As igrejas de pardo e negro ficavam mais afastadas da malha urbana da cidade.

O antropólogo Mott (1986) mostra que o censo de 1834 sugeria que, em todo território sergipano, a população seria de 160.452 indivíduos, sendo que deste montante apenas 30.011 seriam brancos, enquanto 128.925 eram pardos e pretos. Uma proporção de 810,3% de gente considerada de “cor”² versus míseros 18,8% de brancos.

Para a antropóloga Dantas (2007) Laranjeiras é um dos municípios nordestinos onde ainda se pode ver a força da arquitetura com característica colonial e imperial. Ruas, casarios, igrejas, retratam fases dos séculos XVIII e XIX. Considerada berço da cultura negra sergipana e patrimônio artístico-cultural sendo desta forma um município de grande importância no cenário regional e nacional.

Nas primeiras décadas do período oitocentista, Laranjeiras possuía uma das maiores populações da província com cerca de 3000 habitantes (FREIRE, 1995, p. 161); dezesseis anos depois já era a povoação mais rica da província. Tinha mais de 850 casas entre edifícios menores.

A década de 1850 foi inesquecível para os senhores de engenho, o fim do tráfico transatlântico de escravos, sucedeu-se a epidemia do cólera morbus, em 1855 e 1856, resultando da dificuldade de dispor de mão de obra escrava para lavoura de cana, além das secas que vitimaram o nordeste nos anos de 1857 a 1859. Como consequência os senhores de engenhos viram-se forçados a vender parte de sua força de trabalho, o que agravou o problema de mão de obra (AMARAL, 2007, p. 45).

No fim do século XIX, com o apogeu da produção açucareira, a cidade ganha importância no cenário político, a ponto de receber a visita do imperador D. Pedro II e a imperatriz Thereza Cristina em 1860, quando estes se fizeram presentes na província de Sergipe.³

Segundo Dantas (2007, p. 8), a localidade irá se formar entre os séculos XVIII e XIX, período de apogeu da produção de cana-de-açúcar na região. A esse respeito é ilustrativa a sua observação, ao afirmar que a idade de ouro de Laranjeiras situa-se no século XIX.

² Expressão utilizada pelo pesquisador Mott, para apontar a proporção de pretos e pardos no Estado de Sergipe no censo de 1834.

³ ARACAJU, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Ofício do Presidente Manuel Clemente Cavalcanti de Albuquerque a sua Majestade. Nº 23, ano 1959, p. 157 e 158.

Embora o traçado de cidade se delineie já no século XVIII, seu casario, suas igrejas e suas pontes revelam um núcleo urbano que muito se desenvolveu ao longo dos oitocentos, para atingir seu apogeu na segunda metade do século. Sua riqueza vinha, sobretudo, do açúcar produzido nos engenhos espalhados pelos terrenos de massapé do vale do Cotinguiba, rio que banha a cidade e lhe assegurava no passado adequado porto, permitindo-lhe desempenhar funções intermediárias no processo de escoamento da produção agrária da região.

A cidade de Laranjeiras, justamente com Maruim, atraíram negociantes estrangeiros. Em 1872 eram eles 79 portugueses, 17 italianos, 8 alemães e 3 paraguaios. Em grande parte, eram pequenos negociantes, dono de estabelecimentos de secos e molhados. Nessas duas cidades estes estrangeiros foram atraídos pela pujança e estiveram sediados em casas comerciais maiores, como a casa Schramm e Co, fundada por Ernest Schramm, com sede em Hamburgo e filial na Bahia, envolvidas com os negócios de importação e exportação. (AMARAL, 2007)

Outro fator crucial a destacar sobre a história desta cidade foi a grande influência dos jesuítas na catequização dos índios e africanos constituindo um dos fatores importantes para a compreensão da construção das identidades culturais do povo de Laranjeiras, especialmente para aqueles que procuram estudar as tradições culturais destes grupos.

No início da década de 50 do século XIX Sergipe, possuía um total de 726 engenhos, sendo que 72 estavam em Laranjeiras. Por isso, em 1874 a população escrava em Sergipe representava 19,1% da população total, um dos maiores percentuais da província de Sergipe (FIGUEIREDO, 1977, p.33).

Em 1863 Laranjeiras voltou a sofrer com a nova epidemia do cólera-morbus, fazendo inúmeras vítimas, cobrindo a cidade de luto. Um ano depois, foi aprovado o compromisso da irmandade da Santa Casa de Misericórdia, cuja finalidade era instalar um hospital de caridade para dar aos desvalidos e aos enfermos o socorro devido, sendo inaugurado em 1866 (OLIVEIRA, 1935).

É na década de 70 do século XIX, que a cidade de Laranjeiras conseguiu se reerguer dos problemas financeiros gerados pela cólera-morbus, entrando no seu apogeu econômico (OLIVEIRA, op.cit.). Os ricos faziam as cavalcadas e se distraiam nos salões suntuosos em festas requintadas e nas sessões teatrais, apresentadas em prédios próprios, como o teatro Santo Antônio. Espetáculos vindos da corte ou ocasionalmente da Europa deslumbravam as novidades de fora (NUNES, 1993).

No início da década de 80 do século XIX Laranjeiras possuía doze trapiches, seis na cidade e seis próximos a ela. Por eles haviam escoado em pequenas embarcações, entre 1880 e 1881, 128.147 sacos de açúcar, 14,40 fardos de algodão e 1, 209 couro (AMARAL, 2007, p.44).

Teve sua decadência associada à queda da produção açucareira e ao contexto de mudanças sociais e econômicas ocorridas no final do século XIX. Seu tombamento aconteceu na década de 1970, através do decreto nº2003, sendo a cidade elevada a patrimônio histórico cultural (Nunes 1993, 76). Sendo, assim, observamos o quanto Laranjeiras foi importante para a economia de Sergipe. Contudo, os discursos construídos sobre a cidade envolvem apenas a elite comercial e oligárquica, inclusive quando se trata sobre a escravidão, que é sempre vista a partir da dicotomia senhor-escravo. Assim, existem raras análises do cotidiano dos menos favorecidos desta região, exceção aos trabalhos de Dantas (1988) e Amaral (2007). Considerando esta visão elitizada de Laranjeiras, buscamos neste estudo arqueológico trazer à tona a história daqueles relegados pela História oficial.

2.2 ESTUDOS DA DIÁSPORA AFRICANA EM LARANJEIRAS

A escravidão é um aspecto marcante na história da região do Cotinguiba em Sergipe. A presença de estudos sobre os africanos e seus descendentes na cidade de Laranjeiras foi registrada nos estudos de Amaral (2007), Dantas (1988; 2011; 2007), Mott (1986), Nunes (2000), Santana (2008), Santos (2010), Marcon *et al.*(2009). Estes autores vêm contemplando em seus estudos, através das temáticas que abrangem a escravidão, resistência, quilombos, religiosidade, diáspora, solidariedade, cotidiano e demografia, visando compreender a vida do africano e seus descendentes no vale do Cotinguiba.

Podemos ressaltar que tanto no livro *Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil*, publicado em 1988, como no artigo *os Africanos em Laranjeiras*, de Beatriz Góis Dantas, publicado em 2001, a autora propõem importantes questões para pensarmos a questão da diáspora africana em Laranjeiras. Seguindo o prisma de Santos (2010), nos últimos anos têm surgido novos trabalhos que abordam a vivência de africanos e africanas no Brasil. Pesquisas sobre os africanos remontam ao final do século XIX⁴ (João Ribeiro, Sílvia Romero

⁴Enquanto os sergipanos João Ribeiro e Sílvia Romero diziam que no Brasil do século XIX predominou a presença dos bantos, Nina Rodrigues contrapunham as suas ideias dizendo que o Brasil predominou os “sudanese”.

e Nina Rodrigues)⁵, mas ressalta que esse tema tem sido revisitado com novos olhares. A diáspora africana e as reconstruções de identidades é um dos temas que têm atraído os pesquisadores da escravidão ou da cultura afro-brasileira. Santos (2010) aponta algumas ideias das pesquisas que abordam essa temática, enfatizando as que tratam da reconstrução de identidades dos africanos e dialogando sobre as possibilidades de uma pesquisa sobre a temática em Sergipe.

Mott (1986) afirma que na década de 1980 existiam poucas pesquisas que contemplassem os estudos da escravidão no estado de Sergipe, pois ao se dedicar ao estudo da escravidão no Brasil pôde revelar um grande avanço no que tange aos estudos referentes à escravidão, de um lado às grandes e mais importantes Capitanias, e de outro às pequenas e mais pobres regiões da Colônia e do Império. Para o autor as pesquisas no Brasil já dispõem de importantes trabalhos sobre “a escravidão no Pará, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e no Rio Grande do Sul”. “As pequenas capitanias – Piauí, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, entre outras, vem sendo pouco requisitadas pelos pesquisadores da escravidão, entretanto pode se observar a presença de uma fase inicial dos estudos”. No caso específico de Sergipe Del Rey as fontes que informam sobre o grupo dos escravos descendentes de africanos são extremamente raras e incompletas.

O trabalho de Mott (op. cit., p. 28) contempla as discussões dos pesquisadores sergipanos sobre a procedência dos africanos desta província. De acordo com os mapas apresentados havia em Sergipe 40.796 pretos, o que significava 35,34% da população total.

O vigário D. Marcos Antônio de Souza, no século XVIII, vai dizer que os pretos de Sergipe vieram de Guiné e em maior número de Angola, onde habitaram as vilas de São Cristóvão e Santo Amaro. Já Felte Bezerra afirma que os africanos provinham iguais a Bahia, do Sudão (SOUZA, 2005).

Outro importante trabalho para este debate será a obra de Felte Bezerra, do final da década de 1940, abordado no livro *Etnias Sergipana*, em um de seus capítulos, intitulado *O Elemento Negro em Sergipe*. É interessante destacar a aproximação de Felte com as ideologias traçadas por Gilberto Freyre, em quem relatava que a escravidão em Sergipe fazia parte de uma das mais brandas no Brasil (SOUZA, op.cit.).

⁵O “sergipano” Silvio Romero já chamava atenção no final do século XIX, para a necessidade e a urgência de se estudar os africanos no Brasil, já que eles estavam morrendo e também por ser um importante objeto das ciências humanas em potencial. O “maranhense” Nina Rodrigues pouco depois escreveu “*Os africanos no Brasil*” no início do século XX, com o intuito de entender algumas virtudes e os diversos “vícios” que os brasileiros possuíam provenientes dos africanos e atendendo ao apelo citado de Silvio Romero.

É no final da década de 1970 que esta tese da brandura do escravismo é contestada pelas pesquisas do sociólogo Florestan Fernandes. No rastro desta ideia Ariosvaldo Figueiredo o sociólogo, publica o livro *O Negro e a violência do Branco – O Negro em Sergipe*. Este estudioso concorda com os estudos da escola paulista, restando para os escravos africanos de Sergipe a resistência através da fuga ou da criminalidade.

Outro trabalho que contemplou a temática da escravidão foi à pesquisa de Maria Nely Santos (1997), observando o tema do movimento abolicionista em Sergipe, como foco, a Sociedade Libertadora "Cabana do Pai Thomaz"- Francisco Alves, que faz uma biografia de vida e traz à tona o processo de resistências dos escravos de Sergipe. A autora fez um levantamento através de informações sobre escravos nos jornais sergipanos da década de 1870 e 1880, descrevendo um processo de resistências através de crimes de injúrias, fugas, roubos e suicídios. Em relação à Francisco José Alves, diz que ele contribuiu com a libertação de diversos escravos através da criação dos jornais *O Descrido* e *O Libertador*, além da fundação da Sociedade Libertadora Cabana de Pai Thomaz (SANTOS, op. cit.).

Em relação ao foco dos estudos na Arqueologia da diáspora em Laranjeiras temos a dissertação de Regina Norma de Azevedo Santana intitulado *Mussuca: por uma Arqueologia de um território negro em Sergipe D'el Rey*. Com esta dissertação, buscou-se reconhecer os benefícios sociais dessa ressemantização, valorizando a dimensão temporal e reconhecendo sua importância para o sentido de pertencimento a essas comunidades, defendendo que a Arqueologia pode ser uma ferramenta fundamental para construção de versões alternativas que podem ajudar a compreender a trajetória desses grupos (SANTANA, 2008).

Nesta seara, a autora apresenta os aspectos materiais e simbólicos do território negro da Mussuca, em Laranjeiras, cuja memória da escravidão é atipicamente negada pela comunidade. Santana (op.cit) discute a proximidade da Mussuca com Laranjeiras e com os engenhos produtores de açúcar no século XIX, assim como suas formas de subsistência, caminhos, lugares, casas e manifestações culturais. Esses aspectos materiais resultaram na construção de uma paisagem cultural de tal forma eloquente, que ultrapassa e fala mais alto que **essa memória negada (grifo nosso; pensamento da autora)**.

Discordo da autora quando fala que a população da Mussuca nega a memória da escravidão ou de suas descendências africanas nesta localidade. Na verdade visualizamos perante a comunidade todo um processo de rememoração de suas práticas (danças, músicas, religiosidade) com o outro lado do Atlântico (ver AMARAL 2000; DANTAS, 1988).

Outro trabalho que podemos destacar sobre a diáspora africana é o artigo *Mobilidades africanas em Sergipe: discursos e práticas de solidariedades e diferenças*, de Marcon *et al.* (2009). Os autores percorrem sobre os estudos através da análise de testamentos e inventários que propiciaram reflexões sobre as solidariedades, os vínculos, as atividades e as economias dos africanos libertos. Mais do que isso, tais documentos retratam características e peculiaridades de uma época, contribuindo para novas possibilidades de debates sobre as populações africanas e da diáspora em Sergipe. (MARCON *et al.* 2009, p. 239). O interesse dos pesquisadores foi identificar e analisar os discursos de identidade e diferenças produzidos por estes africanos a partir da documentação extraída do arquivo AJES.

Para Nunes (2000), o texto que trata sobre o escravo negro e as culturas de subsistência na capitania de Sergipe D'El Rey diz que somos sempre levados a associar a escravidão africana ao latifúndio monocultor destinado às culturas de exportação. Teriam sido as grandes plantações, principalmente de cana-de-açúcar, algodão, fumo e café, que absorveram os grandes contingentes de negros encaminhados para a zona rural brasileira. Para ela estudos recentes, porém, vêm mostrando que as chamadas culturas de mantimentos - milho, feijão, arroz e, sobretudo, a mandioca embora fora dos interesses da economia monetarizada européia orientada pelo mercantilismo, também se apropriaram do braço dos africanos e seus descendentes sejam eles na condição de escravo ou liberto em solos sergipano (NUNES, op. cit., p.199).

A autora frisa que é indiscutível o fato de que foi com os primeiros proprietários de terra que entraram os escravos africanos na Capitania de Sergipe Del Rey

“... no começo do século XVII, já os escravos negros fugiram dos engenhos da Bahia e das fazendas de Sergipe, que em grandes mocambos se haviam organizado nos Palmares do rio Itapicuru” (NUNES, op. cit., p. 200).

Estes escravos tinham procedência da região de Angola e Mina, inicialmente destinados a trabalhar nas culturas de subsistência e na pecuária (NUNES, op. cit., p. 227).

Mott (1986) afirma que no período de 1785 os africanos eram 34% dos escravos e dentre os africanos havia: 197 Angola, 2 Congo, 6 Benguela, 67 Mina e 4 Jeje. Diferente da Bahia e do Rio de Janeiro que faziam parte do tráfico, Sergipe terá um índice menor de africanos em seu território, pois existia a impossibilidade de importar negros diretamente da costa da África. Outro fator que justifica esta tese se baseia no estilo de pequenas empresas domésticas de engenhos, que teria contribuído para o aumento da taxa de

reprodução de escravos e, conseqüentemente, a predominância de crioulos nas terras de Sergipe D'el Rey. Para confirmar isso, o quadro demográfico de 1872 mostra que a composição de Sergipe segundo a nacionalidade era de 21.228 nacionais e 1.395 africanos (MOTT, op. cit., p. 144).

Em relação aos estudos sobre a escravidão, no vale da Cotinguiba, um dos principais trabalhos foi à tese de doutorado de Sharyse Amaral (2007). Neste, a autora buscou compreender o comportamento dos escravos e libertos nas últimas décadas da escravidão na zona da Cotinguiba. Destacou e analisou as estratégias utilizadas para obtenção de alforrias, as relações estabelecidas com os senhores, as solidariedades e identidades entre os escravos e libertos e a relação entre liberdade e trabalho.

Amaral (2007) verificou em sua pesquisa que a maioria dos libertos do vale da Cotinguiba no século XIX era em sua grande maioria de etnia africana. Esta pesquisa teve como metodologia o levantamento dos inventários *post-mortem* e testamentos. Segundo Santos (2010), a pesquisadora Amaral conseguiu perceber a teia de relações econômicas e culturais que existiam entre os africanos e que eles formavam uma verdadeira comunidade negra. Essa comunidade vivia na Rua da Poeira, Cangaleixo, Porto dos Oiteiros e nos sítios localizados nos subúrbios da Vila. Ressalta, ainda, que esses africanos, em sua maioria, iorubas, recriaram um padrão ioruba em Laranjeiras, moravam na vila e trabalhavam no campo. Outro fator destacado por Amaral foi à preocupação denotada em relação ao sepultamento, exigindo que os pares e os parceiros fossem os responsáveis por esta atividade.

Para Santos (op. cit.), S. Amaral irá sugerir que os ritos fúnebres dos africanos em Laranjeiras eram organizados através de dois momentos: um público, católico; e um privado de acordo com os seus costumes africanos. A comunidade africana não era homogênea, pois os iorubas eram divididos entre nagôs – os que adoravam os orixás – e os malês, adeptos do islamismo; e ainda haviam os nagôs católicos, denotando disputas no mercado religioso, mas também solidariedade, pois moravam nas mesmas ruas ou em áreas próximas. Santos (op.cit.) conclui que os africanos construíram uma cultura autônoma. Amaral (2007) consegue penetrar na alcova desses africanos. No entanto, devido ao fato dela ter estudado os últimos anos da escravidão, ela encontrou indícios apenas dos iorubas, possivelmente os últimos grupos africanos a chegarem para a região da Cotinguiba. Por isso, pouco abordou a relação entre africanos de nações distintas.

Amaral (2011) buscou em seu artigo, *Religiosidade africana e comunidades negras em Laranjeiras (1860-1910)*, fazer uma análise dos papéis sociais de lideranças

africanas residentes em Laranjeiras (Sergipe) para as comunidades negras nos últimos anos da escravidão e primeiros anos da pós-abolição. Com o foco nas redes de identidades e de solidariedades entre africanos e crioulos, libertos e escravos, é que busca entender a passagem da escravidão à liberdade, fosse esta através da busca de moradia, nas demandas judiciais, no cuidado das doenças do corpo e do espírito, ou ainda na procura de formas mais autônomas de ganhar a vida após a liberdade. A pesquisa em séries documentais variadas inventários, testamentos, cartas de alforria, livros de notas e testemunhos orais - abordadas através da metodologia de “ligação nominativa”, permitiu perceber uma cultura negra em gestação, com forte presença africana.

Amaral (2011) ressalta alguns Africanos de Laranjeiras através da análise recorrente nos inventários e testamentos de negros, africanos e crioulos, todos libertos. Ela detectou os africanos Henrique Luís Dantas, Herculano Barbosa Madureira, José Carlos da Costa (vulgo Sapucary) e Lázaro Barbosa Madureira. Segundo a autora estes africanos aparecem nas contas dos inventários organizando a distribuição de bens dos falecidos, pagando suas dívidas, cuidando dos doentes enquanto ainda viviam, se responsabilizando pela encomendação do corpo, pelo enterro e, ainda, alugando casas e canoas, arrendando sítios a outros oriundos da África, emprestando dinheiro para o começo da vida dos libertos. Em relação aos enterramentos, Amaral (op.cit., p. 2) diz que foi possível constatar também uma grande preocupação dos testadores com a forma como seriam enterrados, daí a importância e a presença de lideranças religiosas nesses documentos.

A autora citada retrata que as comemorações da abolição no Brasil especificamente na região do vale da Cotinguiba foram marcadas por inúmeras passeatas, destacando principalmente a “passeata das luzes” na cidade de Laranjeiras, noticiada no jornal *O Laranjeirense*, de 20 de maio de 1888. Isso demonstrava a força dos abolicionistas no interior da província. Demonstrar que os eventos realizados nesta cidade faziam com que as ruas da cidade ficassem “belamente arborizadas”, as “casas particulares” ostentavam “rica iluminação” e os “conhecidos oradores” declamariam “brilhantes poesias”. Comunicava o jornal que a passeata teria início no paço da municipalidade, onde uma “girândola de foguetes” anunciaria a concentração do “povo”. Esta trajetória da passeata incluía as principais praças e ruas; por último, as ruas do Porto dos Oiteiros, Poeira e Cangaleixo, onde se concentravam o maior número de africanos e crioulos libertos da cidade. Seguindo as ideias de Gomes (2006) os espaços das ruas constituíam o típico “campo negro” de que fala, ao estudar os espaços no Rio de Janeiro.

Segundo ainda Amaral (2007), a ordem do povo na passeata seguia a mesma lógica da escolha do trajeto. Dividia-se em duas alas: primeiramente, os cavalheiros, tendo à frente banda com maestro; por último, a banda dos barbeiros, seguida pelos ex-escravos. O exercício da profissão de barbeiro por africanos era comum em diversos locais do Brasil, assim como o padrão dos barbeiros possuírem uma banda de música. Vemos, portanto, que os organizadores da festa pretendiam separar o povo em duas alas, através de uma linha de cor, renda e título. Se por um lado o programa evidência o lugar social, que as elites reservavam para a ala preta do povo, por outro, ele também tinha o objetivo de limitar as manifestações daquela.

Entretanto, a autora observou que o percurso estabelecido na cidade de Laranjeiras era proposital. Assim, a ordem do povo na grande passeata das luzes também estabelecia significados e conexões com o que pensavam as elites locais.

Ao nos determos numa reflexão mais específica podemos perceber que os donos da festa ocupavam as últimas posições do cortejo por medo ou temor das elites locais, pois estas, receavam a aglomeração de libertos e populares.

Sobre as questões econômicas no Brasil, destacando principalmente a atual região Nordeste no período de pós-abolição, Furtado (1967, p. 138) diz em sua obra *Formação Econômica do Brasil*, que na região nordestina as terras de utilização agrícola já estavam ocupadas praticamente em sua totalidade na época da abolição. Os escravos liberados que abandonaram os engenhos encontraram grandes dificuldades para sobreviver. Nas regiões urbanas já pesava um excedente de população que desde o começo do século constituía um problema social.

Ainda seguindo o raciocínio de Furtado (op.cit), no interior do Nordeste a economia de subsistência se expandira a grande distância e os sintomas da pressão demográfica sobre as terras semi-áridas do agreste e da caatinga se faziam sentir claramente. Essas duas barreiras limitaram à mobilidade da massa de escravos recém-liberados na região açucareira. Os deslocamentos se faziam de engenho para engenho e apenas uma fração reduzida filtrou-se fora da região. Não foi difícil, em tais condições, atrair e fixar uma parte substancial da antiga força de trabalho escravo mediante um salário relativamente baixo.

Depois da abolição da escravidão houve um grande aumento do trabalho não formal perante a população afro-brasileiro. Como bem colocado por Furtado (op.cit.) houve um aumento da dificuldade para sobrevivência desta população. Mas deixa claro que isso não foi uma situação homogênea que aconteceu em todos os Estados do Nordeste, pois essa região

deve ser estudada a partir do contexto de cada localidade que forma essa região.

Em relação às profissões destacam-se os carregadores de caixas, cozinheiros, copeiros, caixeiros, costureiras, vendedores de balas, carregador de pão, lavadeiras, mucamas, saideiras, carregador de cestos, tiradores de goiabas, ajudante de alfaiate, charuteiro, oficial barbeiro, padeiro, forneiro, carpinteiro, ama seca, ama de leite, ajudante de cozinha, lavador de pratos e aparecendo de maneira esmagadora a função de criada e outros.

Para Fernandes (1978, p.17), os libertos e ex-escravos tinham de optar, na quase totalidade, entre a reabsorção no sistema de produção, em condições substancialmente análogas às anteriores e a degradação de sua situação econômica, incorporando-se à massa de desocupados e de semi-ocupados da economia de subsistência do lugar ou de outra região. Sendo eliminados para setores residuais daquele sistema, o negro ficou à margem do processo, retirando dela proveitos personalizados, secundários e ocasionais.

Outro fator crucial a ser destacado no estudo de Fernandes (op.cit.) e que foi palco de discussão por toda elite brasileira foi o trabalho da população negra dentro do país, pois os componentes negros libertos eram vistos com maus olhos pelas elites e punidos por conta de serem considerados os estimuladores da vagabundagem em nosso país. As principais ações de punição eram as prisões, castigos corporais, e outros. Essas medidas coercitivas não dariam certo, por conta da insatisfação da população liberta, diante disso, as elites buscaram criar novos mecanismos, ou seja, tiveram que negociar as condições de trabalho.

Esse problema da atuação dos Afro-brasileiros dentro de nossa sociedade causou grande preocupação social, principalmente nas regiões agrícola no período após abolição. Segundo o pesquisador Passos Subrinho (2000), ao trabalhar o reordenamento do trabalho escravo e trabalho livre no Nordeste açucareiro, mostra que em relação a outros lugares de nosso país, Sergipe terá leis mais rigorosas contra vadiagem dessa população negra, sejam os africanos ou seus descendentes (escravo ou livres), onde os códigos de leis criados neste período reprimiam diretamente a ociosidade ou obrigavam os cidadãos a terem emprego, no entanto a sociedade não oferecia oportunidades para essa nova classe trabalhadora surgida após a libertação. Os principais municípios destacados pelo pesquisador que possuíam esse código eram Nossa Senhora das Dores, Siriri, São Cristóvão e Laranjeiras.

Irei exemplificar com a documentação do professor Passos Subrinho sobre o código de postura da cidade de Laranjeiras localizada no vale da Cotinguiba, em que a medida de repressão diz que:

É proibida neste município a permanência de qualquer indivíduo válido, tanto do sexo masculino como do feminino, que não mostre exercer indústria útil ao lugar.

§ 1º Todo aquele que não tiver ocupação lícita, será internado para os estabelecimentos agrícolas, onde terá o salário correspondente ao seu trabalho, ficando sujeito a uma vigilância escrupulosa e incessante.

§ 2º Recusando-se ao trabalho qualquer indivíduo que nessas condições se ache, ou retirando-se temporariamente da ocupação em que estiver, no intuito de continuar na indolência, incorrerá na pena de dez dias de prisão que será repetida tantas vezes quantas na mesma reincidir. (Locação de serviços. Folha de Sergipe, Aracaju, 10/10/1891, PASSOS SUBRINHO, op. cit. 320).

Podemos visualizar três pontos perante a criação desse Código de Postura: o primeiro era uma preocupação de repressão à vagabundagem dos cidadãos sergipanos; o segundo era que essas medidas favoreciam o aumento da mão de obra para agricultura, tanto que eram colocados para internação do trabalhador ilícito nos estabelecimentos agrícolas; e o terceiro foi à resistência da elite ainda a adoção do trabalho livre de fato e algo parecido com a tentativa de retorno à escravidão.

Em relação aos africanos em Laranjeiras a pesquisadora Dantas (2011 p.1), mostra que a atividade agro-açucareira desenvolvida no vale do Cotinguiba transformou a cidade de Laranjeiras em um principal centro comercial de Sergipe durante todo século XIX. Em função disso esta localidade irá abrigar grande número de escravos e se tornou o principal reduto de africanos de nossa Província. De acordo com o censo de 1872, na Paróquia de Laranjeiras vivam 412, ou seja, 27% dos 1.506 africanos que, à época, foram contados no território sergipano. É interessante destacar os dados elencados pela autora que mostra a quantidade de Africanos que viviam na cidade de Laranjeiras em meados do século XIX, sendo estes dados extraídos a partir do censo de 1872.

Seguindo as ideias de Dantas (op. cit.) no início do século XX, Laranjeiras possuía uma grande quantidade de remanescentes africanos que vieram do outro lado do Atlântico. Para ela muitos conseguiram conquistar sua liberdade tornando-se livres antes mesmo da abolição da escravatura. Outros, porém, antes de 1888 conseguiram sua alforria e, na condição de negros libertos, viveram na cidade de Laranjeiras como “senhores da própria vida”. Tendo diferentes atuações dentro deste espaço, vivendo de pequeno comércio, plantações de inhame, algodão e cana, entre outros produtos, aluguel de casas, de emprestar dinheiro uns aos outros, enfim de uma série de atividades econômicas, sociais e religiosas que tornavam os negros libertos visíveis na cidade e expressavam uma forma de viver.

Tanto a antropóloga Dantas (op. cit.), como as historiadoras Amaral (2007) e Santos (2010) chamam a atenção para o cotidiano destes Africanos em solo sergipanos principalmente ligados a região do vale Cotinguiba no final do século XIX.

A pesquisadora Dantas (2011) enfatiza a história de um africano chamado Herculano que vai chegar a esta cidade na condição de escravo, não se sabe quando. Alforriou-se e, como liberto, conseguiu reunir um bom patrimônio material. Ganhou visibilidade na sociedade local, sobretudo como chefe religioso na tradição nagô.

Descreve a trajetória de vida de Herculano que morava na Comandaroba e o local de sua residência foi incorporado ao seu nome, sendo assim conhecido entre seus pares. Em documentos oficiais, aparece como Herculano da Costa, indicativo de sua procedência da Costa da África, ou como Herculano Barbosa, um africano liberto identificado com o nome de família do antigo senhor. Era casado com Bernarda, com quem teve oito filhos e deixou longa descendência (DANTAS, op.cit.).

Para pesquisadora Amaral (2007), tio Herculano ao morrer em 1907, tinha deixando um patrimônio considerável, para a sociedade da época. Sua herança estava estimada em dois contos e 66 mil réis, muito acima dos pobres da localidade à época entre suas posses, estão inventariados o Sítio Salinas, três casinhas no Porto Oiteiro e mais três casas na Comandaroba. Uma destas, bem ampla, era a sua residência e sede do terreiro nagô que então dirigia.

É interessante observar a história de outros africanos que residiram nesta vila, percebendo-se na descrição do cotidiano destes em Laranjeiras feitos pela pesquisadora Dantas (2011p. 2):

ISABEL viúva de Vicente Guaraná da Costa, morava na Rua do Cangaleixo e vendia açúcar, panelas, cachimbos, outros objetos e mantimentos. Morreu afogada em 1870. Quando viajava para comercializar em Aracaju. **LÁZARO BARBOSA** emprestou dinheiro ao africano Benedito em 1878, mediante hipoteca de sua casa. **LUIZ FREITAS** morreu em 1881 e deixou casa de Taipa e telha, um cavalo velho e roças de cana no terreno do Engenho Cachoeira. **JOSEFAPINHEIRO DA COSTA**, em 1885, testemunhou que era filha natural do africano Antônio Moraes. **BIBIANA** casada com o africano liberto João Antônio de Moraes, morava no Porto do Oiteiro e plantava inhame. Morreu em 1885. **BIRUNI** entregou bastão a Bilina, quando esta foi confirmada como mãe-de-santo na Comandaroba. **DIONÍSIO** trabalhou na roça de Bibiana, a quem comprou uma casa de construção. **ATHANÁSIO** morreu em 1887, com 110 anos de idade. **SAPUCARY**, como era conhecido José Carlos da Costa, líder religioso dos Malês no final do século XIX. Fez viagens à África, tinha muitos bens. Faleceu em 1889. **MARIA SACRAMENTO** faleceu de congestão em 1890. Enterrada no cemitério da Misericórdia. **CANUTO**, em 1891, aos 70 anos de idade morreu de erisipela. **CASSIANO** morreu em 1904, com 105 anos, vitimado por febres. **JULIANA** era de Moçambique. Foi escrava no brejo, alforriou as filhas e depois o filho e mudou-se para laranjeiras. Adotou a religião do malês e morreu em 1916. **GERTRUDES** tinha casa com terras em Comandaroba e, ao morrer em 1902, deixou seus bens para Gonçalo Pinto Mendonça. Este fez o seu funeral segundo os ritos católicos e africanos. **ISMERA**, negra nagô, cujo nome pela África era Birunqué. Casada com Avertani, foi escrava no tanque da Moura. Alforriou-se e foi morar em Laranjeiras. Era avó de Bilina. **PEDRO**, africano que morava no Porto do Oiteiro. **CAETANA**

na linguagem dos africanos chamava-se Lalepô. Era mulher de Henrique, o fundador da religião dos nagôs em Laranjeiras. **LUCRÉCIA** teve seus santos jogados no rio, na madre deus, pois não houve que os cultuasse. **CHICA**, nagô de origem que se tornou malê. **PULQUÉRIA**, **RITA** e **ROSA**, três africanas malês. **CALABI** era malê de posses. Tinha um sobrado e uma família grande. **MANOEL CURVELO DE MENDONÇA** residia na Rua do Cangaleixo, fundos dando para a Rua da poeira, vizinho ao africano José Carlos da Costa, que tratou dele na doença e fez seu enterro. **BERNARDA**, companheira de Herculano. **LUIZA**, conhecida como TaKeTê, Luiza era uma africana nagô ligada ao terreiro de Herculano. Viva de pequeno comércio no Porto do Oiteiro e morava em Socorro. **JOAQUINA**, nagô muito respeitada. Ocupava lugar de destaque na hierarquia religiosa do grupo. Era uma nagô entendida, mulher muito forte, fina e sabida. Seu santo era Oguidibô.

Os dados apresentados acima ajudam a entender o modo de vida dos africanos na cidade de Laranjeiras. Estas referências foram observadas através da documentação obtida por Dantas (2011) para contar um pouco das experiências dos africanos neste espaço no início do século do XX. Observamos em sua obra as várias formas de trabalhos exercidos por eles para a sua sobrevivência em solo brasileiro. Três fatores tornam-se interessantes destacar sobre os africanos em Laranjeiras: primeiro é o número de africanos adeptos a religião islã dos malês; segundo, a idade de muitos africanos que chegaram a um século de vida, ou seja, viveram mais de cem anos; e terceiro, a descrição dos espaços onde residiam. Em sua análise sobre a religiosidade africana faz uma breve menção à presença de muçulmanos em Laranjeiras, Sergipe, com formas de organização separada dos lá denominados "nagô" e "toré" (Dantas 1988, p.117-118). Sobre estes, declarou Bilina que,

“Nos tempos pra trás só tinha aqui em Laranjeiras nagô e malê. Era tudo da África. Agora quer dizer que a classe deles era outra. Eles não festejavam santo. Era mais assim como negócio de crente. Não tinha muita fé em santo não. Obrigação deles era com o rosário e uma varinha que batia na mesa. [...] A classe dos malês não pegou. A de Xangô (nagô) pegou, mas a de malê [...] Não tem ninguém mais vivo. Tinha uma no asilo mas morreu. Zé Sapucary tinha uma filha que se meteu com Alexandre, mas se acabou tudo de fazer o mal. O chefe deles era muito mal. [...] Ele matava uns aos outros, os companheiros mesmo, para ficar com o dinheiro. [...] Quando Zé Sapucary era vivo, ele queria misturar com Herculano, este que nós é da banda dele. [...] Agora depois que Zé Sapucary morreu teve malê que passou pro nagô. Foi dançar com Herculano e depois ficou brincando com nós” (DANTAS 1988, p.117-118).

É interessante frisar no discurso de Bilina como se dividia a religião Africana na cidade de Laranjeiras, e que existiam uma heterogeneidade em suas práticas religiosas, ou seja, diferentes formas de expressar a sua fé. Revelando assim uma disputa religiosa em um mesmo espaço social. Para Bilina tanto o chefe do malês como os componentes eram acusados de fazer o mal; estas características diferenciavam-se nas práticas do nagô de Herculano. Ao descrever os nagôs, Bilina os aproximou dos católicos, enquanto que ao

descrever os malês, os aproximou dos protestantes, pois, como estes, aqueles não festejavam santos (AMARAL, 2011; DANTAS, 1988).

Dantas (2007) aborda que os elementos africanos dentro dos terreiros de candomblé tornam-se vivos em todas as cerimônias realizadas e dão à prova de que estes espaços constituem uma realidade da experiência africana no Brasil. Esta herança africana pode ser visualizada até hoje no Estado de Sergipe, onde remanescem na cidade de Laranjeiras dois terreiros, dois centros de candomblé ou xangô, como são mais conhecidos em Sergipe, cujas origens de suas raízes estão interligadas em velhos africanos que cruzaram o Atlântico e terminaram seus dias em Laranjeiras, deixando como legado para os seus descendentes o culto dos orixás. O Terreiro Filhos de Obá e o Terreiro de Santa Bárbara Virgem, ou o Nagô, com seus valores e ritos, que rememoram constantemente esta presença dos africanos em Laranjeiras.

Dantas (1988) faz uma crítica à legitimação da pureza dos terreiros em nações africanas, onde conseguiu observar isto na cidade de Laranjeiras, mostra que nem tudo que legitima a “pureza nagô” proveniente dos terreiros da Bahia é valorizado nesta localidade, pois os terreiros de Laranjeiras criaram uma identidade própria. Esta característica verificada pela autora de um processo de “rejeição” ou “desvalorização” da “pureza nagô” tem sido presenciada também em outros estados do Brasil. Desta forma, torna-se difícil circunscrever os cultos afro-brasileiros em uma única nação “pura”, mas sim buscar a “autenticidade” e a “pureza” de cada Candomblé.

De acordo com o argumento de Dantas (1988) a imposição de uma pureza nagô não constitui necessariamente a fidelidade a uma tradição, pois o culto nagô apresenta distinções na diversidade geográfica e social do Brasil, mas isso para ela partir de uma construção na qual os intelectuais têm papel destacado dentro de suas práticas religiosas. A sua discussão parte da análise dos terreiros baianos jeje-nagô como modelos para uma compreensão dos terreiros brasileiros, sendo que para ela nação escolhas dos intelectuais que teriam valorizado a contribuição da cultura nagô classificando-a como mais “pura”, sendo retratada como parte do processo de resistência deste grupo, considerando com pequenos indicadores de mistura, a partir dos traços encontrados nos candomblés e tomados como Africanos. O exemplo claro que a autora trabalhou foi à comparação entre Bahia e Sergipe, mostrando, com clareza, que mudanças aconteceram.

Dantas (op. cit.) discorre que em relação aos trabalhos no campo da religiosidade afro-brasileira as análises contemplam duas principais temáticas: a primeira

tenta identificar a cultura africana e a segunda procura pelas origens destes africanos, demonstrando assim o processo de preservação da cultura africana pelos terreiros.

Outra ideia que nós conseguimos perceber no trabalho de Dantas (1988) são os argumentos para a compreensão dos processos de mistura ou mestiçagem, dando ênfase aos cultos de Laranjeiras de mistura entre africanos e indígenas cujas práticas e processos de mistura entre esses dois grupos, no campo das religiosidades podem ser reconhecidos.

Como retratam Amaral (2007), Dantas (2011) e Marcon *et.al* (2009) o encontro entre as religiões foi marcado por um processo de reinvenção das religiões em solo brasileiro, tudo isso ocasionou um processo de solidariedade e trocas, gerando assim produtos completamente modificados, ou seja, a religião não se torna nem um objeto de discussão do puro nem muito menos impuros, mas apenas ocasionada em período de transformação, muitas vezes legitimado por uma identidade ou herança africana, sendo necessário observar o espaço religioso dos africanos em solo brasileiro, levando em consideração a ótica das várias influências identitárias de africanos de diferentes partes da África, estes grupos étnicos deixaram diversos elementos dentro do espaço religioso.

CAPÍTULO III - PRESSUSPOSTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS

3.1 ARQUEOLOGIA INTERPRETATIVA

Na década de 1980 apareceu uma nova corrente na Arqueologia denominada Arqueologia pós-processual que buscava fazer uma atualização teórica e ampliar o campo das discussões arqueológicas na direção de reconhecer o significado e o simbolismo como fatores-chaves na criação dos registros arqueológicos (JOHNSON, 2000). É na corrente pós-processualista que se verificou os limites das abordagens positivistas, empiristas e generalistas dos processualistas. Os arqueólogos perceberam a necessidade de se analisar outras questões até então ignoradas entre elas os fatores cognitivos, simbólicos e o papel social do arqueólogo no contexto em que atua. Para tanto, buscaram subsídios no estruturalismo, no marxismo e na fenomenologia (JOHNSON, 2000).

Para Lima (2011), o pós processualismo a mecanismo de uma nova discussão no campo da Arqueologia internacional, abrindo caminho para a investigação de um domínio até então praticamente inexplorado pela Arqueologia: a dimensão sensorial das coisas materiais. Tendo em vista que as pessoas se comunicam todo o tempo com o mundo ao seu redor por meio dos sentidos, esta é uma dimensão que não pode ser suprimida simplesmente da investigação da materialidade.

No momento em que o registro arqueológico passa a ser observado em uma perspectiva de texto, tornou-se necessário compreender os mecanismos para a sua interpretação. Desta forma, surgiu um conflito entre as práticas da hermenêutica no ramo da corrente pós-processuais na Arqueologia, sendo tão grande que alguns segmentos deste campo de pesquisa se auto definiram como uma corrente interpretativa (HODDER 1991; JOHNSON, 2000).

Concordo com Johnson (2000) que o movimento pós-processual se caracteriza pela união de diferentes escolas teóricas que se baseiam inicialmente na necessidade de se obter fatores cognitivos, de uma crítica à epistemologia positivista e nas limitações que tinham de ser discutir temáticas de âmbito social. No pós- processualismo a cultura material ganhará sinônimo de significados, os objetos eram mais que invenções. As principais influências para a Arqueologia Pós-processual são o estruturalismo, neomarxismo, discussões sobre gênero e a Arqueologia Interpretativa (HODDER e SHANKS, 1994; JOHNSON, 2000).

Seguindo as ideias de Hodder (1991), é nesta seara do surgimento de uma nova Arqueologia que se criará uma oposição à Arqueologia denominada “tradicional”. No início, o pós-processualismo direcionou fundamentalmente suas preocupações na rejeição aos postulados centrais da Arqueologia processual, como a Arqueologia concebida como uma ciência antropológica, o estrutural-funcionalismo, o adaptacionismo ecológico e o positivismo.

Johnson (2000) caracteriza o pensamento pós-processual com oito afirmações chaves:

“1. Recusamos o ponto de vista positivista sobre a ciência e a separação entre teoria e dado; geralmente os pós-processualistas se alinham com outras concepções não positivistas sobre o que é ciência. 2. A interpretação é sempre hermenêutica. 3 Recusamos a oposição entre material e ideal. 4. Há que indagar-se sobre os pensamentos e valores do passado. 5 O indivíduo atua 6. A cultura material é parecida a um texto. 7. O importante é o contexto. 8. Os significados que produzimos se situam sempre no presente político e compartilham, logicamente, ressonâncias políticas”.

Outro aspecto abordado pelo pós-processualismo diz respeito é a relação do homem com o objeto. Nessa vertente teórica, todo sujeito e suas ações estão carregadas de simbologia, que é própria da cultura material. Nesse sentido, se torna um fator de grande influência sobre qual seja a funcionalidade do artefato no grupo social (JOHNSON, op. cit.).

Em Johnson (op. cit.) e Shanks e Hodder (1995), a Arqueologia Interpretativa ou Pós-Processual observa os homens e mulheres como indivíduos atuantes, e não apenas vítimas passivas em relação ao seu redor. Assim, há a existência de regras sociais, porém cada sujeito pode reagir de forma distinta a elas. Nesse sentido, a resposta para qualquer alteração ou continuidade de uma regra social terá a influência da individualidade do sujeito em um processo social. A discussão entre arqueologia pós-processual e a processual caminhou em compreender as formas de conhecimento apropriadas para se construir uma ciência social, ou como a sociedade pode ser pensada, olhando também atuação do profissional de Arqueologia em campo e como seu papel social, político, ideológico e cultura, pode influenciar o mundo contemporâneo enquanto construtores do passado no presente.

Segundo Preucel e Hodder (1996), na Arqueologia interpretativa o passado pode ser entendido como uma forma significativa a partir de diferentes perspectivas, onde o papel dos agentes usando ativamente a cultura material deve ser considerado, que há uma relação entre estrutura e prática, e que a mudança social é histórica e contingencial.

No final da década de 1990 um novo consenso parece emergir entre os debates das duas posições teóricas da Arqueologia, desafiando as rígidas dicotomias das diferentes

perspectivas teóricas e permitindo ver como diferentes teorias podem interagir no exame de problemas específicos (PREUCEL e HODDER, 1996, p. 5). Desconstruído a ideia de uma “teoria” universal e única na Arqueologia, mas sim criam o conceito sobre “teorias sobre algo” utilizadas para questões específicas no fazer arqueológico, pois a partir das correntes arqueológicas se observa diferentes formas de se analisar e interpretar um objeto (HODDER, 2000, p. 5). É a partir dessa ruptura e uma teoria universal que a ideia de pós-processualismo muda sua finalidade, sendo substituídas pela chamada “Arqueologias interpretativas”, utilizado para tipos de Arqueologias que trabalham com a interpretação através de procedimentos hermenêuticos (HODDER, op.cit.).

Em Shanks e Hodder (1997), as principais ideias traçadas sobre as finalidades da Arqueologia interpretativa foi resumidas pelos pesquisadores em:

“1. A interpretação é vista como uma prática que requer do intérprete uma responsabilidade sobre suas ações e interpretações, sem estar escondido por detrás de regras e procedimentos pré-definidos. 2 Arqueologia é pensada como uma prática no presente, construindo conhecimento sobre os traços materiais do passado. 3 Práticas sociais (incluindo o fazer arqueológico) estão relacionadas com significados, com fazer sentido nas coisas do mundo. Trabalhar, fazer, agir é interpretativo. 4 A prática interpretativa da arqueologia é um processo infinito: não existe um conhecimento final e definitivo sobre o passado. 5 A interpretação sobre o social deve estar menos preocupada com explicações causais, e sim com entender e fazer sentido sobre os fatos. 6 A interpretação, consequentemente, é multi-vocal: diferentes interpretações sobre mesmas coisas são perfeitamente possíveis. 7 Podemos, então, esperar uma pluralidade de discursos arqueológicos adequados para diferentes propostas, necessidades e desejos. 8 Interpretação é um procedimento criativo, mas nem por isto deve ser menos crítico e responsável com os interesses e desejos das pessoas, comunidades e grupos que expressam tais interesses sobre o passado material”.

Seguido este prisma, a Arqueologia Interpretativa pode ser compreendida como uma prática arqueológica pensada no presente, sendo também ativamente engajada em âmbito social, cultural e econômico, através de um processo teórico crítico que relacionar o passado e o presente, gerando assim um pluralidade de discursos e diferente propostas para se trabalhar no campo da Arqueologia (SHANKS e HODDER, 1995).

3.2 METODOLOGIA

Seguindo os pressupostos teóricos discriminados anteriormente, as análises foram efetuadas junto à cultura material observada e resgatada na casa de D. Josefá, denominada por nós os pesquisadores do Sítio da Palha, e teve por suporte os estudos de Lima (1997), O’keeffe e Yamin (2006), Agostini (2008), Morales e Moi (2001), Souza e Symanski (2009), Symanski (2010).

De forma a desenvolver o trabalho foi realizado o levantamento bibliográfico sobre gênero e poder, Arqueologia do Passado Recente e Diáspora Africana, visando compor o quadro referencial do projeto.

Neste procedimento também fizemos o levantamento documental sobre D. Josefá de Jesus e seus familiares, através da busca de documentos individuais da proprietária que se encontra em poder de seu neto, atual morador. Assim foram analisados o registro de óbito, certidão de nascimento, carteira de trabalho e correspondência da previdência Social. Na cúria metropolitana de Sergipe fizemos o levantamento da certidão de batismo. Também nos debruçamos nas documentações do Arquivo Público do Estado de Sergipe e no Instituto Histórico de Sergipe com o intuito de coletar mais documentações sobre a construção do espaço urbano de Laranjeiras. Todas estas fontes foram suportes desta pesquisa, visando entender a trajetória da moradora.

Outra etapa executada foi o levantamento da tradição oral junto aos familiares da Senhora Maria Josefa de Jesus.

Foram também realizados levantamentos arquitetônico e cartográfico da residência de D. Josefa com o auxílio de instrumentos de mensuração e geodésica; registro fotográfico da cultura material e dos aspectos arquitetônicos; descrição detalhada dos aspectos morfo-tecno-funcionais da cultura material e das estruturas arquitetônicas, a partir do uso de planilhas específicas para cada matéria-prima.

Após a coleta de dados foi efetuado em gabinete através da tabulação, análise e interpretação dos dados a construção da planta baixa do sítio da Palha. A análise dos dados ocorreu concomitante à pesquisa de campo, pois a cultura material corresponde aos objetos existentes na cozinha do Sítio da Palha que eram utilizados pela antiga proprietária.

Para esta análise da cultura material foram utilizados os estudos de Agostini (2008), Deetz (1977), Morales e Moi (2001) e Lemos (1976).

CAPITULO IV- RESULTADOS

4.1 LOCALIZAÇÃO

O Sítio da Palha fica localizado na divisa entre o centro e o bairro da Comandaroba, na cidade de Laranjeiras, estado de Sergipe e tem por proprietário o Senhor Marcos Williams Silva de Jesus, neto da ex-proprietária D. Maria Josefa de Jesus. Tem por coordenadas Sul 10° 48' 26.8" e Oeste 037°10' 19.2" (figura 7).

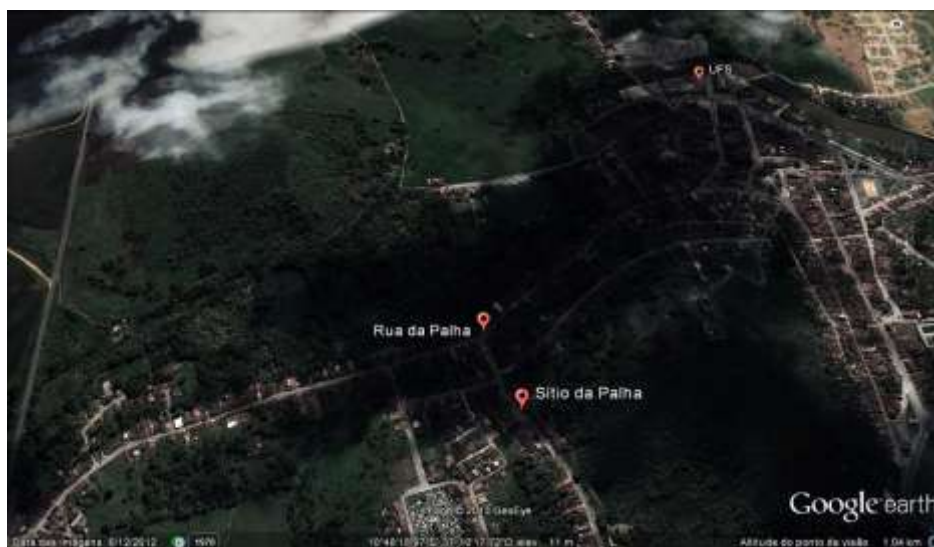


Figura 7 – Imagem de satélite com localização do sítio da Palha, Laranjeiras. Fonte: Google Earth.

4.2 ETAPA DE CAMPO

Em campo foi realizado o levantamento métrico da casa de dona Josefa. Na primeira visita foi possível observar, na cozinha, a presença de fogão de lenha, algumas panelas penduradas nas paredes para o cozimento dos alimentos, três potes, uma geladeira, uma mesa e um armário que servia para guardar os mantimentos da família; outros cômodos foram observados como um banheiro próximo à cozinha (figura 8).

Este sítio arqueológico é representado por uma pequena residência familiar de sete cômodos: duas salas, dois quartos, duas cozinhas ampliadas e banheiro, tendo um pequeno quintal (aos fundos). O foco do estudo reside na cozinha do tipo “puxado” anexo, uma característica marcante nas casas do início do século XX no Brasil, especificamente em Laranjeiras. A cozinha foi considerada espaço privilegiado para estudo de relações de gênero

e poder, em se tratando da antiga proprietária do imóvel, Sra Josefa, filha de escravos africanos, nascida no início do século XX.



Figura 8 – Pesquisa no sítio da Palha. Foto: João Mouzart.

O trabalho de campo foi realizado em maio de 2012 a setembro de 2012, com visitas abrangendo o espaço residencial, no qual se situava toda a cultura material analisada. Os vasos cerâmicos da cozinha, cachimbos, ralador e mão de pilão foram coletados nesta etapa da pesquisa. Foi encontrado, ainda, grãos de café e café prensado no local, alimento que era submetido na época ao cozimento, seguindo as técnicas da dona Josefa.

Tendo por marco zero a Universidade Federal de Sergipe, se alcança o sítio da Palha atravessando as ruas da Poeira, Cangaleixo, Francisco Bragança, Direita, até chegar a Rua da Palha, onde se localiza o sítio em estudo.

Seguindo as ideias de Dantas (1988) e Amaral (2007), este percurso foi traçado com o intuito de delimitar espacialmente as principais ruas de Laranjeiras onde há registro da presença de residência de africanos e seus descendentes, tanto para o final do século XIX como para o início do XX, a saber: ruas do Oiteiro, Cangaleixo, Direita e Comandaroba. A

pesquisa possibilitou incluir a Rua da Palha como mais um espaço de populações diaspóricas e seus descendentes.

Duas igrejas foram georreferenciadas na área, visando reforçar este espaço como local de populações diaspóricas e de seus descendentes. Assim estão presentes na área a Igreja de N.Sra. da Conceição dos Pardos e a Igreja de São Benedito (figura 9).



Figura 9 – Imagem de satélite com localização do sítio da Palha e das igrejas das irmandades de pardos e pretos.

4.3 EM LABORATÓRIO

O material foi levado para o Laboratório de Arqueologia da Paisagem e Identidade Cultural (LAPIC), na Universidade Federal de Sergipe, em Laranjeiras, onde se iniciou a análise tecno-morfo-funcional, a identificação e o registro fotográfico. É interessante destacar que foram coletadas 16 peças no sítio da Palha. A condição de um procedimento metodológico foi essencial para a validade dos resultados obtidos e sua posterior interpretação, por isso a escolha do método a ser empregado para a coleta de material mereceu detalhados mecanismos para sua execução.

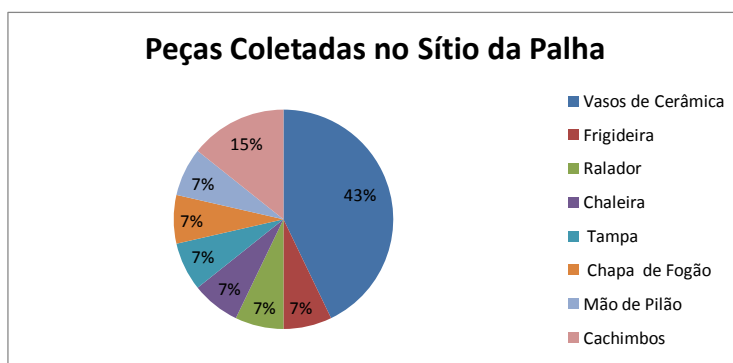


Figura 10 – Distribuição da cultura material, por categoria funcional, coletada no sítio da Palha.

A elaboração de planilhas de análise foi fundamental para execução desta etapa. Então organizamos duas planilhas: uma para os recipientes cerâmicos e outra para os cachimbos. Na planilha do material cerâmico buscamos detalhar a *forma*, através da análise do corpo, base, borda e lábio; a *decoração*; e a *função* através da sua utilização para servir, consumir, armazenar e/ou preparar; Por último foram observadas as *marcas* presente nestes recipientes. Já a planilha de análise dos cachimbos contem aspectos sobre a *técnica de produção*, que poderia ser moldado ou modelado; sobre o *tratamento de superfície* pintado ou alisamento pouco cuidadoso; sobre a *matéria-prima*, em plástico, madeira e/ou cerâmica; e sobre a *decoração* que poderia ser inciso, espatulado, pontado, alisado e pintado. Estas etapas foram estabelecidas para identificar as descrições detalhada dos aspectos morfo-tecnofuncionais da cultura material que forneceu informação sobre o processo de confecção e utilização das peças no espaço da cozinha. Podemos dizer que os materiais arqueológicos analisados encontram-se em bom estado de conservação.

Os objetos representam aspectos domésticos, associado ao cotidiano de Dona Josefa. Estes objetos possuem diferentes funções utilitárias, demonstrando o poder de escolha da proprietária que definiu para sua residência o que poderia compor o cenário do seu espaço residencial.

4.4 UM OLHAR ARQUEOLÓGICO SOBRE O ESPAÇO DA COZINHA

Segundo Ferreira (2000, p.192) a palavra cozinha remete a dois significados, sendo o primeiro designado ao termo, cozinha, que se refere ao compartimento de uma casa onde se preparam os alimentos; e o segundo a arte de os preparar. O conceito que privilegiamos em nossa pesquisa para se discutir as questões de gênero feminino na Arqueologia relaciona-se aquele que se refere eminentemente ao espaço.



Figura 11 – Vista do quintal a partir da cozinha de Dona Maria Josefa de Jesus. Foto: João Mozart.

Concordo com as ideias de Lemos (1976), que os hábitos que foram trazidos da Europa para o Brasil aos poucos foram entrelaçados aos hábitos de diferentes culturas de grupos sociais (populações indígenas e africanas) explorados no período Colonial. Os portugueses foram os principais responsáveis por implantar as primeiras cozinhas na sua colônia americana, onde foi adaptada às realidades regionais do país. Ao longo dos séculos o espaço da cozinha ganhará funções distintas, nos espaços residenciais, mas sempre vinculada

ao exterior, até o século XIX. Nesta viagem, vários utensílios de cozinha, entre eles fogões portáteis ou fixos, fumeiros, alguidares chegam ao nosso território.

O autor observa que a primeira mão de obra nas cozinhas brasileiras terá seu início aproximadamente a partir de meados do século XVI, onde ocorrerá a utilização da prática das nativas, as “índias”, que se tornaram as primeiras empregadas domésticas dos lares brasileiros exercendo toda uma influencia sobre o espaço residencial, inclusive no espaço da cozinha, introduzindo utensílios tais como objetos cerâmicos de sua própria cultura. Mostra como exemplo o jirau, uma espécie de armação horizontal de paus suspensa acima do chão que era utilizado para assar os alimentos e acabou fixando-se na casa paulistas. Estas práticas indígenas refletiram-se, ainda, na localização do fogo destinado ao cozimento dos alimentos. De uma forma poética Lemos (1976) diz que o português esqueceu o fogo interno optando pela fogueira externa do índio, no quintal, já que, nos trópicos, tornava-se insuportável o calor dentro de casa.

Em Lemos (1993), o espaço da cozinha afastada da casa, foi uma das primeiras características da casa brasileira, desde os tempos em que era construída em palha. Se diferenciado do estilo da casa portuguesa, pois em Portugal, o “fogão” era o centro de interesse da casa. Já aqui no Brasil, o calor tropical acabou por separar esse espaço. As cozinhas no Brasil tinham paredes grossas para absorver o calor, altos pés direitos para aumentar o volume de ar e as paredes internas mais baixas, que serviam como uma espécie de selecionador de atividades domésticas, também marcaram a arquitetura brasileira, sendo coberta por telhas vãs⁶, que permitiam que o ar corresse pela casa toda, resultando em uma “promiscuidade olfativa e acústica própria da continuidade espacial”.

Para Lemos (1976), a cozinha aproximou-se da residência e ocupou os fundos do primeiro pavimento no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX no Brasil, sendo anexada a casa. Acompanhando a descrição do espaço do mesmo autor, o chão da cozinha apresentava-se, ainda, em terra batida, forno e fogão eram de barro e não existia forro no teto. A água, quando havia, era encontrada apenas em uma torneira ou bica, muitas vezes perto da porta de saída daquele ambiente. Seguido este processo de transformações do espaço residencial, o autor mostra que o banheiro aos poucos também irá se anexarem um canto da varanda, quando não, no espaço da cozinha.

⁶ As telhas Vãs são Telhado que não possuem forros, ficam aparentes e ajudam a ventilar a casa. Também não possuem argamassa, feito apenas sobre ripas ou caniços. Disponível em <http://www.colegiodearquitetos.com.br/dicionario/tag/telhado/>. Acessado em: 12 de jan.de 2013.



Figura 12- Fogão de lenha da cozinha do Sítio da Palha. Foto: João Mouzart



Figura 13- Foto do melhoramento da cozinha e a construção de um banheiro interno. Foto: João Mouzart.

Comungo com a ideia da arqueóloga Queiroz (2006) quando retrata que dentro da área residencial, nem todas as atividades de serviços eram realizadas. Essas construções eram secas, sem abastecimento interno de água, sem pias ou sanitários. Roupas e louças eram lavadas fora, dejetos levados e despejados no ribeirão próximo. Água para beber vinha da mina. Água para banho era aquecida em caldeirão e despejada em gamelas de madeira. Cozinhava-se e assava-se, lavava-se roupa e engomava-se no porão. Podiam se encontrar

fogões para vários tipos de coisas. O serviço era bem confuso quanto à sua distribuição espacial. A maioria das casas possuía um “puxado” que fazia ângulo com o corpo principal do edifício, onde se instalava a cozinha do dia-a-dia, frequentados até pela dona de casa. Há descrições de diferentes formas de cozinhas: no puxado, nos fundos, duas e até mesmo três na mesma propriedade, com ou sem forno, de palha, etc.



Figura 14 – Detalhe da porta dos fundos da cozinha do tipo puxado do Sítio da Palha. Foto: Diego Bragança.



Figura 15 - Nova cozinha construída pela vontade da mulher de Willian, neto de Dona Josefa.
Foto: João Mouzart.

Para Helena Catarino (2005), no espaço da cozinha é evidenciado, nos estudos arqueológicos, um alto número de cerâmicas sendo os principais vestígios que aparecem em maior proporção em uma escavação, onde contribuem para o conhecimento de grupos sociais, seja ele ligado às elites ou as classes menos favorecidas de uma cidade.

Ainda a autora observa que o estudo sistemático tem vindo a tornar possível relacionar as formas com as respectivas funções que estes objetos desempenhavam. Alguns exemplos esboçados pelo pesquisador são: os recipientes de cozinha, que serviam para cozinhar os alimentos, como as panelas, as caçoilas, as frigideiras ou sertãs; os recipientes usados no serviço de mesa, em particular os que tinham as superfícies vidradas, como os pratos, as tigelas, as taças, as pequenas bilhas, púcaros e jarrinhas; os recipientes para armazenamento de água e outros alimentos, divididos em cântaros, bilhas, grandes talhas e potes: os cândis (candeias fechadas), as candeias abertas e as de pé alto, que serviam para a iluminação; os alguidares, recipientes que eram utilizados no serviço de cozinha e na higiene pessoal, (CATARINO, 2005).



Figura 16 -Pote cerâmico encontrado no Quintal do Sítio da Palha. Foto: João Mouzart.

4.5 DESCRIÇÃO DO MATERIAL

a) SP-01



Figura 17- Peça SP-01. Foto: João Mouzart

FORMA

Corpo: Oval

Base: Convexa/Côncava

Borda: Direta

DECORAÇÃO

Lábio: Direta

Plástica: Alisada e escovada na inflexão do corpo

FUNÇÃO

Servir ou armazenar

MARCAS

Cimento no corpo (carena) e marcas de queima distribuída na parte inferior

A peça SP-01 possui 14 cm de diâmetro da base, 41 cm de diâmetro do corpo (carena), 0,6 cm de espessura da base e 11 cm de altura.

b) SP-02



Figura 18– Peça SP-02. Foto: João Mouzart

FORMA

Corpo: Oval

Base: Convexa/Côncava

Borda: Extrovertida

Lábio: Arredondado

DECORAÇÃO

Plástica: escovada na inflexão do corpo e alisada no restante

FUNÇÃO

Preparar

MARCAS

Marcas de queima no corpo.

A peça cerâmica possui 20 cm de diâmetro da base, 72 cm de diâmetro do corpo, 0,6 espessura da borda e 19 cm de altura.

c) Peça SP- 03



Figura 19 – Peça SP-03. Foto: João Mouzart.

FORMA

Corpo: Oval

Base: Convexa/Côncava

Borda: Extrovertida

Lábio: Arredondado

DECORAÇÃO

Plástica: escovada na inflexão do corpo e alisada no restante

FUNÇÃO

Preparar

MARCAS

Marcas de queima

A peça cerâmica possui 28 cm de diâmetro da base, 71 cm de diâmetro do corpo, 21 de espessura de borda e 20 cm de altura.

d) Peça SP-04



Figura 20 – Peça SP-03. Foto: João Mouzart.

FORMA

Corpo: Ampulheta

Base: Biplana

Borda: Extrovertida

Lábio: Arredondado

DECORAÇÃO

Plástica: escovada na inflexão do corpo e alisada no restante

FUNÇÃO

Preparar

MARCAS

Queima

A peça cerâmica possui 28 cm de diâmetro da base, 55 cm de diâmetro do corpo, 10 de espessura de borda, 17 cm de altura.

e) Peça SP-05



Figura 21 – Peça SP-5. Foto: João Mouzart

FORMA

Corpo: Esférica

Base: convexa /côncava

Borda: Extrovertida

Lábio: Arredondado

DECORAÇÃO

Plástica: alisada

FUNÇÃO

Preparar

MARCAS

Queima

A peça possui 28 cm de diâmetro da base, 93 cm de diâmetro do corpo, 12 cm de espessura da base, 25 cm de altura.

f) Peça SP-06



Figura 22 – Peça SP-06. Foto: João Mouzart

FORMA

Corpo: Esférica

Base: convexa /côncava

Borda: Extrovertida

Lábio: Arredondado

DECORAÇÃO

Plástica: alisada

FUNÇÃO

Armazenar

MARCAS

Impregnação de sedimento

A peça possui 30 cm de diâmetro da base, 110 cm de diâmetro do corpo, 20 cm de espessura da borda e 38 cm de altura.

g) Peça SP- 07



Figura 23 – Peça SP-07. Foto: João Mouzart

A frigideira foi feita de metal, sendo que a peça encontra-se oxidada. De acordo com informações do Sr.Marcos William de Jesus, sua função era para torrar os grãos de café. Possui 32 cm de diâmetro, com cabo medindo 37 cm de comprimento.

h) Peça SP-08



Figura 24 – Peça SP-08. Foto: João Mouzart

Esta chaleira possui uma alça com formato elipsóide com um pequeno reforço para o manuseio. Apresenta-se oxidada. No fundo da peça encontra-se a inscrição “Selecta Qualidade Extra N°C”. De acordo com informações era usada no preparo do café. Possui 38 cm de diâmetro e 13 cm de altura; o bico tem 11 cm de comprimento e 0,6cm de espessura. O jornal na cidade do Rio de Janeiro anunciou a venda de panelas esmaltada este dado foi encontrado no correio da manhã de 20 de março 1920; Com uma propaganda dizendo “prefiram Marca Selecta sem rival” (CORREIO DA MANHÃ, 1920, p.2).

i) Peça SP-09



Figura 25 – Peça SP-09. Foto: João Mouzart

Tampa de metal com puxador pertencente à chaleira. No puxador encontra-se a inscrição “Louça Selecta Fundição Indígena”. Mede 11 cm de diâmetro. No jornal do dia 20 de março de 1920 na cidade do Rio de Janeiro encontro uma propaganda dizendo “Placas esmaltadas para firmas, numerações, reclames, etc. na Fundição indígena” (CORREIO DA MANHÃ, 1920, p.2).

j) Peça SP - 10



Figura 26- Peça SP-10. Foto: João Mouzart

A mão de pilão em madeira. De acordo com informações do Sr. Marcos Willian de Jesus era usada para pilar os grãos de café. Mede 56 cm de comprimento, 17 cm de diâmetro.

k) Peça SP-11



Figura 27- Peça SP-11. Foto: João Mouzart

Peça confeccionada em suporte de madeira com formato trapezoidal, com ralador de alumínio fixado com pregos. Era usada na produção da farinha de milho. O comprimento do suporte é de 71 cm e sua largura é de 13 cm. Já o ralador de alumínio possui 15 cm de largura e 31 cm de comprimento.

1) Peça SP- 12



Figura 28- Peça SP-12. Foto: João Mouzart

Chapa de metal com formato trapezoidal, em avançado estado de oxidação. Possui duas aberturas: a direita possui 17 cm de diâmetro e esquerda 19 cm de diâmetro. Era uma chapa que servia de suporte para as panelas usadas no fogão à lenha. O seu comprimento é de 48 cm, tem largura de 27 cm na parte direita e 23 cm na esquerda.

m) Peça SP-13



Figura 29- Peça SP-13. Foto: João Mouzart

TÉCNICA

Talhado

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE

Pintado

MATERIAL

Madeira e plástico (piteira)

DECORAÇÃO**Linhas:** Ondulada e ziguezague

O cachimbo possui condensador e piteira de 13 cm, o corpo de seu forninho tem 0,4cm, o diâmetro de 0,4cm; a espessura da base corresponde 0,7 cm.

n) Peça SP-14



Figura 30- Peça SP-14. Foto: João Mouzart

TÉCNICA

Moldado

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE

Alisamento pouco cuidadoso

MATERIAL

Cerâmico

DECORAÇÃO

Inciso espatulado (Na Borda do Fornilho)

O cachimbo de cerâmica possui 0,3cm de diâmetro no forninho e comprimento com a mesma medida; a sua altura equivale a 0,4 cm.

o) Peça SP- 15



Figura 31- Peça SP- 15. Foto: João Mouzart

TÉCNICA

Moldado

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE

Alisamento pouco cuidadoso

MATERIAL

Cerâmico e madeira (tubo)

DECORAÇÃO

Inciso espatulado (Na Borda do Fornilho)

O cachimbo de cerâmica possui o 0,3cm diâmetro do forninho de e seu comprimento com a mesma medida a sua altura equivale a 0,4 cm; o condensador possui o comprimento de 15 cm.

4.6 RECRIANDO O MUNDO DE D. JOSEFA

As pesquisadoras Michelle Perrot (1988; 1991), Mary Del Priore (1998; 2001) e Priore e Carla Bassanezi (2002) resgatam para o campo acadêmico a mulher como sujeito da história, trazendo para esse espaço as suas trajetórias de vida, buscando assim um reconhecimento maior de suas práticas, política, econômica e cultural. Elas mostram que a história das mulheres está relacionada com diversas vertentes a relação com os homens, a sexualidade, família, crianças, das representações de masculino e feminino, das classes sociais, do poder e da sociedade; para estas pesquisadoras este novo universo de pesquisa, que surgiu a partir da década de 60 do século XX compete que, destacar as mulheres, significa verificar que elas têm uma história, da qual são também sujeito ativo neste processo, onde buscam engajar-se como militante no projeto de emancipação das mulheres.

De acordo com Perrot (1988), o processo de construção de um eixo para o estudo das mulheres busca a visibilidade do estudo de gênero feminino em seus combates e suas conquistas nos espaços, público e privado de nossa sociedade. Algo que ainda não terminou, luta em curso, narrativa histórica em construção. Segundo Del Priore (1998), as pesquisas sobre este campo do gênero na maioria das vezes foi contada por homens sobre outros homens, relegando a mulher a um papel coadjuvante com pouco destaque à participação feminina na construção da história do Brasil. Com essas discussões o que pouco pretendia por estes pesquisadores era abrir espaço para uma compreensão mais ampla do mundo que rodeava estas mulheres, das normas, do seu modo de viver e de se relacionar.

Segundo Priore (2001), nos últimos tempos o foco da pesquisa tenta ampliar sem perder de vista a atuação da mulher, principalmente relacionado ao seu cotidiano e trabalho, sendo que as atividades executada pelas mulheres contribuíram para a manutenção da família e da sociedade que a subjugava, valorizando assim aquela que possuía um espaço tão limitado, mas que aos poucos vem sendo reconstituídos os fragmentos de suas histórias. O sexo feminino, várias vezes foi referenciado na história como “mulheres de vida fácil”. Ao contrário deste discurso, desde os primórdios a luta pela sua sobrevivência foi à marca de suas ancestrais. Com duplas jornadas de trabalho que executava em seu cotidiano, seja, no campo ou na cidade, em casa ou nas ruas, era acrescida de muitas outras tarefas, fundamentais para buscar a estabilidade da família.

Seguindo as ideias destas autoras buscamos ampliar, a partir da trajetória histórica de dona Josefa de Jesus, as experiências de vida sobre mulheres marginalizadas da história oficial desenvolvida nas pesquisas científicas.

Maria Josefa de Jesus nasceu em 26 de março de 1920, no povoado Serra do Machado, na cidade de Ribeirópolis - Sergipe. Um pequeno lugarejo⁷ que pertencia à Vila de Itabaiana, chamado anteriormente de Saco do Ribeiro, sendo emancipado em 18 de Dezembro de 1933, separado assim, da Vila de Itabaiana, hoje cidade.

Dona Maria Josefa de Jesus desde pequena foi criada por sua mãe Maria Senhora de Jesus (Figura 32). Seu neto descreve isso dizendo que:

“O nome da mãe dela era Maria Senhora de Jesus, foi por isso que a mãe dela decidiu botar o nome em sua filha de Maria Josefa de Jesus. Além dela, existiam mais dois irmãos, um deles por nome de José que é padeiro hoje e a outra agente chama de dona Tir, agente conhece ela como dona Tir, que até hoje tá viva, ta lá pra contar a história toda”.⁸

O batizado de Maria Josefa de Jesus foi realizado na cidade de Itabaiana, no dia vinte e sete de junho de mil novecentos e vinte na igreja matriz desta cidade (Paróquia Santo Antônio e Almas); seus padrinhos foram Manoel Victorio de Santana e Maria do Carmo do Céu. Esta solenidade foi presidida pelo o Vigário Pe.Sangueman Henrique⁹. Dona Josefa dizia para os seus descendentes (filhos e netos) que a sua mãe Maria Senhora era uma africana¹⁰ que chegou a Sergipe no século XIX, na região de Ribeirópolis, na condição de escrava e depois conseguiu comprar sua alforria.

⁷ Seus principais povoados são: Serra do Machado, Fazendinha, Lagoa das Esperas, Queimadas, Pinhão, Esteios, Malhada das Capelas, Caenda, Riachinho, Velame, Milagres, Serra Redonda, Sítio Velho e Serrinha.

⁸ Entrevista realizada com Marcos Willian de Jesus, neto de dona Maria Josefa de Jesus, concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior em 10 de janeiro de 2013.

⁹ Paróquia de Santo Antônio e Almas. Batistério-livro 32fls. 163 v. ano 1920.

¹⁰ É interessante que próximo da região que Maria de Josefa de Jesus nasceu tem uma comunidade rural negra denominada de Caenda que tem o mesmo nome de uma região da África.



Figura 32- Foto de Maria senhora de Jesus. Foto: Acervo da família.

D. Maria Josefa passou a sua infância na cidade de Ribeirópolis com sua mãe, mas desde cedo teve que ajudar sua família ora nas tarefas da casa e ora na plantação que sua mãe tinha atrás de sua residência. O seu neto Marcos, lembra-se com muito respeito das histórias contadas por sua avó em sua infância. Dizendo que

“a sua bisavó era uma africana escrava não sabendo de que parte, assim, que aqui nos temos também o quilombo da Mussuca, não é isso? mas a gente não sabe que ela veio da terra de lá, de Ribeirópolis, não tenho informação, mas que a ter pela cor e pelo jeito de se vestir, a maneira de viver dava para você ver e entender aquilo ali que ela tinha um jeito diferente, para tudo, desde até as roupas a alimentação”¹¹. “Pois minha bisavó era descendente de escravo, justamente pela maneira de se vestir, pelo estilo do calçado que minha avó sempre me falou disso tudo, até pelo povo que foi criado no sertão, ela sempre se vestia desse jeito que era uma das características dela para entender isso aí de afro-descendente”¹².

¹¹ Entrevista realizada com Marcos Willian de Jesus, neto de dona Maria Josefa de Jesus, concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior em 10 de janeiro de 2013.

¹² Idem.

Marco Willian de Jesus continua expressando o seu sentimento sobre Maria Josefa de Jesus, dizendo:

“aquilo ali foi minha mãe, foi tudo! Até quando eu nasci, fui separado dos meus pais, ela que foi que me pegou para criar mesmo já tendo criado três filhos, ela já estava morando só, então foi ela que me criou, então foi ela que me ensinou tudo desde sobreviver”¹³.

A instabilidade era uma característica forte em vários aspectos da vida de dona Josefa, seja na sua infância, adolescência e na sua fase adulta. Isso se dava devido a sua condição financeira oscilante, ora estável, ora não estável. Como muitas pessoas da época, desprovidas de posse, atravessou dificuldades durante sua trajetória de vida, alternando entre a família e o trabalho para garantir a sua sobrevivência. Deste modo, atuou como vendedora, lavadeira e empregada doméstica. Seu neto fundamenta essa questão dizendo: “havia meses em que dona Josefa estava muito bem em sentido financeiro, enquanto outros tinham que ralar para comer”¹⁴. Tal força de expressão mostra o quanto ela por vez, usava sua força e garra para enfrentar as dificuldades de seu tempo.

Seu neto retrata que a renda de sua casa

“era o seguinte: às vezes vendia café, a algum vizinho que queria experimentar, aquele gosto daquele café ali, e também galinha e ovos, assim pegava a galinha botava pra chocar e sempre tirava muitos ovos e... o que ela mais gostava era de criar galinha, que tinha no quintal, que ela mais tinha prazer em fazer era café e criar galinha”.

D. Josefa chegou a Laranjeiras no ano de 1938, com dezoito anos de idade não se sabe o motivo da sua ida para esta cidade, indo morar no bairro da Comandaroba, depois mudou-se para a atual rua da Palha. Seu neto diz:

“ela nasceu em Ribeirópolis, mais decidiu vim pra cá, pra Laranjeiras, segundo meus pais, ela disse que veio porque como eles moravam em sítios, aí ela com medo, naquela época tinha volante né, querendo pegar Lampião, e toda aquela perseguição que dizem que até Lampião operou o olho aqui em Laranjeiras. Ela com medo disso e também pelos amores que ela arrumou os namorados por aqui, ela decidiu vim pra cá pra Laranjeiras”.

“Até hoje ninguém sabe o certo e se criou aqui e Laranjeiras de um jeito que ela não queria mais voltar a morar lá, agora ela sempre de três em três anos de dois em dois anos, de ano em ano, mais ela sempre, desde de molequinho ela sempre me arrastava junto pra Itabaiana e lá como nome dela era Maria Josefa de Jesus o pessoal conhecia ela até hoje, como finha. Foi em Laranjeiras que conheceu seu primeiro marido, que durou pouco tempo de convivência tendo depois mais dois que também

¹³Entrevista realizada com Marcos Willian de Jesus, neto de dona Maria Josefa de Jesus, concedida ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior em 10 de janeiro de 2013.

¹⁴Idem.

não deram certo”¹⁵. “Teve três filhos destas relações amorosas criando todos através dos seus esforços”.

Sobre a formação da família de D. Josefá, Marcos William de Jesus descreve:

“Minha avó foi uma mulher que teve três maridos, que inclusive um faleceu tem poucos anos, morava aqui próximo, vizinho. E... a cada um ela teve, um teve dois filhos, que foi José Teles de Jesus e... Maria de Jesus que ela mora atualmente no Rio de Janeiro e o meu pai é de Laranjeiras e teve também Celma que já foi com outro rapaz, que é a única branquinha da família, que ela tem a pele mais clara, foi à única que já foi com outro marido”¹⁶.



Figura 33- Foto de Maria Josefa de Jesus. Foto do acervo da família.

Sobre Laranjeiras seu neto lembra que ela dizia:

“essa região aqui, ela foi praticamente, criada na palha da cana, que aqui tem muitos engenhos, pode prestar atenção que cada chaminé daquela que você ver antiga ali era um engenho, ela sempre dizia: aqui é um engenho! E aqui teve esse engenho aqui. Quando agente chegou em Laranjeiras, a rua da Palha nem energia tinha, quando foi ter era aqueles postes de madeira, naquela época era poste de madeira que existia e tudo aqui em Laranjeiras foi sofrido, até desde o pessoal da Comandaroba aquele povo ali Ribeirinho dos rio, todo mundo ali um povo sofrido, ela conseguiu chegar nessa época e conhecer tudinho”. “Essa rua aqui foi uma rua

¹⁵Entrevista realizada com Marcos Willian de Jesus, neto de dona Maria Josefa de Jesus, concedida da ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior em 10 de janeiro de 2013.

¹⁶Idem

de... a rua Comandaroba, rua da Palha, rua Direita, foi uma rua de africanos de descendentes, até porque que a igreja próxima aqui, que é a igreja de São Benedito, que a igreja dos negros, até porque a igreja da Matriz ela não frequentava, assim poucas vezes frequentava, por que? Porque lá a missa era feita em latim”¹⁷.

Como lembra Marcos,

“em Laranjeiras e no interior de uma maneira geral, havia muitas tradições culturais como reisados, samba de coco, circos populares, taieira, chegança, dentre outros, que faziam parte das festividades que mais ela gosta de vê e dançar. **Era uma mulher do povo (grifo nosso)**”¹⁸.

Dona Josefa, devido a esse convívio nas cidades do interior e observação das produções culturais a que tinha acesso, criou desde cedo uma paixão pelas tendências artística da época.

“Encontro cultural, era o tempo todo, desde andar no parque aí na feira tomar um gorózinho, uma cachaça, chamada genebra, pegava a cachaça botava aquela genebra dentro como um remédio, ela falava que era remédio aquilo ali. Ela tomava e chegava um pouco de fogo em casa, mais ela dizia que aquilo ali fazia bem, arco de barri que era bom pras costas, pras costelas e ela sempre foi assim, sempre gostou todo mundo de andar com ela, gostava muito de vê o reisado, de vê o cacumbi, ela sempre gostou disso aí, ela só não gostava muito de Lambi Sujo, mais dos outros grupos ela sempre gostou, do samba de pareia da Mussuca, tudo, ela sempre gostou. Então esperta, aprendeu as manhas da rua, do dia-a dia no qual ela convivia e incorporou astúcia ao seu jeito de ver as artes populares”¹⁹.

Marcos diz que sua avó mal sabia ler e escrever, mas tinha uma inteligência diferente das outras pessoas, era crítica em tudo que fazia. Tinha uma visão muito vasta sobre tudo, principalmente sobre cultura ou cultura da terra²⁰:

“Mesmo sem ela ir pro colégio, ela era uma pessoa inteligente, porque como eu já disse dos costumes que ela vinha trazendo da mãe antigamente. Por exemplo, quando eu tava com dor de barriga, não tinha farmácia não! Remédio aqui era do quintal, era cidreira, chá de cidreira, folha de mamão seca, capim santo, era sempre assim. As coisas aqui... agente foi criado desse modo, agente não tinha muita regalia, aí tudo foi criado desse jeito ela era uma pessoa esperta até no modo de plantar, ela oi: você plante, faça assim, assado. Ela dizia que tinha que ter mão boa se a pessoa não tivesse a mão boa também não prestava. Então tudo isso aí era do modo dela, que já foi desde o ensinamento da mãe dela que passou isso aí, que até hoje agente foi criado assim”.

¹⁷ Entrevista realizada com Marcos Willian de Jesus, neto de dona Maria Josefa de Jesus, concedida da ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior em 10 de janeiro de 2013.

¹⁸ Idem.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem.

Em sua vida dona Josefa desenvolvia atividades como criar animais, dos mais variados. Também gostava muito de vida social, frequentando bares na cidade de Laranjeiras, durante a semana para conversar, beber e dançar, sendo um dos programas que mais gostava de fazer²¹, pois as amizades era algo muito primado por Josefa. Tinha uma relação muito íntima com seus mais próximos companheiros, relação essa sempre marcada por muita irreverência, mas, sobretudo, por afeto, generosidade e respeito. Estava sempre se encontrando com seus amigos e quando estava juntos a eles de fato, fazia questão de manter contato de alguma forma, seja em Laranjeiras, Ribeirópolis e Itabaiana lugares que ela transitou ao longo do período de sua vida²².

“Aqui na comunidade ela era muito querida, por todos não só daqui, desde da feira até aqui na própria localidade dela, porque ela... o pessoal que vinha lá de Itabaiana, da terra dela, de Ribeirópolis, de Serra do Machado vinham vender aqui até os dias de hoje sempre perguntam por ela, sempre lembram dela. Que ela também era uma pessoa religiosa, gostava sempre de ir a igreja católica e fazia parte do grupo de idosos da cidade de Laranjeiras e isso aí é o que tem a ver com a cultura”²³.



Figura 34- Mala utilizada por dona Josefa em suas viagens entre as cidades de Laranjeiras, Ribeirópolis e Itabaiana. Foto João Mouzart.

²¹Idem

²²Idem

²³Idem.



Figura 35- Foto de D. Josefa em evento religioso (procissão). Fonte: Acervo da família

Sobre sua criação seu neto diz:

“aqui em casa a gente foi criado sem muita mordomia, acho que é por isso que hoje eu digo que sou rico, porque na minha infância aqui com ela era sempre aproveitava, chinelo torava, aproveitava botava um brochi, que era aquele chinelo de couro que colocava um brochi, era... aí, é... o combustível aqui da gente, fogo, fogão, arrente vamos pra lenha, vamos pro mato lá na linha do trem próximo do hospital, na mata lá no fundo do quintal, vamos atrás de pau pra, rachar aquela lenha ali pra agente construir ali aquele monte de madeira pra estocar durante o inverno, pra ter fogo. Energia, energia era candieiro, televisão... qui, nem sonhava; depois que os tempos foi mudando, aí agente aí, foi tendo as coisas, energia aquele negócio todo, foi comprando a televisão, mais o fogão de lenha nunca deixou de existir dentro de casa não. Ela mesmo com o fogão a gás, mais o negócio dela era na lenha tudo era na lenha e no candieiro era tanto que ela só dormia com o candieiro”.

Marcos Willian de Jesus, descreveu o espaço da casa quando era criado por dona Josefa dizendo

“que aqui em casa não tinha fogão, era fogão a lenha, até de acender fogo e lenha, carne que na época não usávamos geladeira a comida era toda no sal, tudo até cozinhar eu sei fazer; as comidas tudo graças a ela, desde do tirar lenha, desde brincadeira e tudo e tudo, foi ela que me... até meus brinquedos ela que me ensinava; fazia de pau de madeira ela sempre dizia faça assim e assado, tudo, a gostar de

plantar a gostar desse tipo de coisa foi ela tudo, graças a ela, eu devo minha vida todinha a ela”!²⁴.

Seguindo a narrativa sobre atuação de D. Josefa

“na cozinha ela sempre foi à dona do pedaço, até desde as receitas aquele molho cumprindo que não fosse nada mais e nada a menos que água, sal uma cebolinha e um tomate que a gente colhia da horta ali. O café era o seguinte: o café ela pegava quando não dava para plantar aqui, porque aqui é um terreno muito seco e também pela localidade; ela preferia comprar nas feiras livres, na feira de Itabaiana e na própria Ribeirópolis, dia de segunda feira ela comprava. Só quem sabia fazer este café era ela. Até quando era de manhã cedo se acordava 5 horas da manhã para fazer este café e a vizinhança acordava com o cheiro, porque a fumaça, o pessoal reclamava, dizia eles minha roupa! Respondia ela: um *my god* da peste quero fazer o meu café.”²⁵

Em relação à prática de fazer o café por Josefa de Jesus seu neto relata:

“o preparo do café é assim, oi: primeiro ela pegava a cinza anterior que tinha do fogão que a gente assava a carne; fazia o cuscuz numa panela de barro; que esse cuscuz era daquela massa que ralava a canjica; aí aquele que sobrava ali, aquele resíduo que sobrava do milho, a gente fazia ali na panela de barro. Tudo era aproveitado! Aí o que é que acontecia? Aquela cinza ali, ela pegava e já deixava para fazer o café do próximo dia. Ela pegava, forrava a tábua, quando ela forrava a tábua; o que é que acontecia? Ela aí, pegava o açúcar, mais ou menos 10 a 5 kg ali; aí dissolvia, colocava num tacho; primeiro colocava o café, os grãos, depois colocava o açúcar aí fazia aquele melaço, ficava preto por que o açúcar quando esquentado ele dissolve. Aí quando dissolvia, o que é que acontece? Ela misturava com os grãos, e aí deixava até ficar bem preto. Quando tava o ponto de parecer que tava queimado, ela colocava esse café em cima da tábua com a cinza forrada, que era isso aí que não fazia com que o café agarrasse na tábua, aí entendeu? Aí pegava limpava, socava, colocava no pilão e desse pilão a gente apilava. Tinha vários processos que a gente apilava um pouco aí, peneirava até ficar bem fininho igual café. E aí ela ficava entre panelas e batuques, porque a gente ficava aqui fora, apilando café, a gente chamava de pilar, ficava pilando, e ela lá dentro, fazendo mais mistura pra que ficasse sempre aquecida, era outro processo. Tem que deixar sempre aquecida, ela fica lá, a gente aqui”²⁶.

Marcos, também destaca as características de sua avó, descrevendo:

“Fica ali naquele batuque no fogão, sempre com um lenço na cabeça e um cachimbo que não sai do bico, que inclusive foi os pais dela que... É, hoje quando eu sinto o cheiro de... Quando eu vou às feiras livres que sinto aquele cheiro daquele fumo de... A gente chama fumo de rolo. Aquilo ali sempre me lembra ela porque era o que ela gostava de fazer era todo tempo, era fumando porque os pais diziam, que ela tinha que fumar, desde de novinha que era pra não comer terra. É... superstição dos bisavós, e aí tudo me lembra ela, tudo me lembra; desde quando eu vejo assim fotos

²⁴Entrevista realizada com Marcos Willian de Jesus, neto de dona Maria Josefa de Jesus, concedida da ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior em 10 de janeiro de 2013.

²⁵Idem.

²⁶Idem.

da casa, quando passo ao redor da casa que vejo o pilão dela, vejo o tacho. Época de São João mesmo... canjica, pamonha essa coisa sempre, só o cheiro me lembra ela, que tudinho. E é isso aí, ela tinha esse poder feminino, porque na casa dela só quem manda no pedaço dela, só quem manda é ela, na casa, desde o quintal, até os vizinhos os mais novos pequenos tudo guri é... viessem tiras uma fruta, reclamava até chegar a tirar um cipó de goiabeira pra bater na gente, ela batia ela não gostava... por a casa dela, a cozinha nem se fala, a cozinha se topasse no pilão ou em alguma panela de barro, já foi; oi vai quebrar! É isso é aquilo, ninguém chegava pra dizer nada não e tava tudo certo. Foi criado todo mundo aqui a vizinhança tudo mundo tá de prova, porque foi criado com esse gênio dela e tudo era assim ela xingava, se ela não gostasse do jeito de uma pessoa ela dizia: você não da assim não, faça assim, assim que você tá errado e ela sempre tinha isso com ela, não deixava mexer em nada, inclusive até os próprios filhos dela mesmo, eu e meu pai, tudo se chegasse aqui, meu pai chegava fosse tirar um cacho de banana ou alguma coisa era maior confusão, tudo tinha que ser com ordem dela, se ela lhe desse bem se não desse nada feito”. O ponto forte de saber que Maria Josefa, sai poucas vezes de casa era o seguinte, porque aí como eu estudava pela manhã, aí eu me acordava cedo aí eu ia pro colégio, aí quando eu voltava a única chaminé que tem aqui na vizinhança, era a dela, aí de longe você já via aquele fumaceiro e de longe também você já sentia o cheiro da comida, aí quando chegava na porta, a porta muitas vezes estava fechada, aí você já ouvia também, as vezes dava pra ouvir a batida do pilão ou então ela ralando o milho, você escutava aquele no ralo ela ralando, aquilo ali agente já sabia, oi, hoje agente vai ter negócio bom aí, que era ela que tava fazendo aquelas comidas pra a gente”²⁷.



Figura 36- Quintal de D. Josefa. Foto: João Mouzart

²⁷Entrevista realizada com Marcos Willian de Jesus, neto de dona Maria Josefa de Jesus, concedida da ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior em 10 de janeiro de 2013.

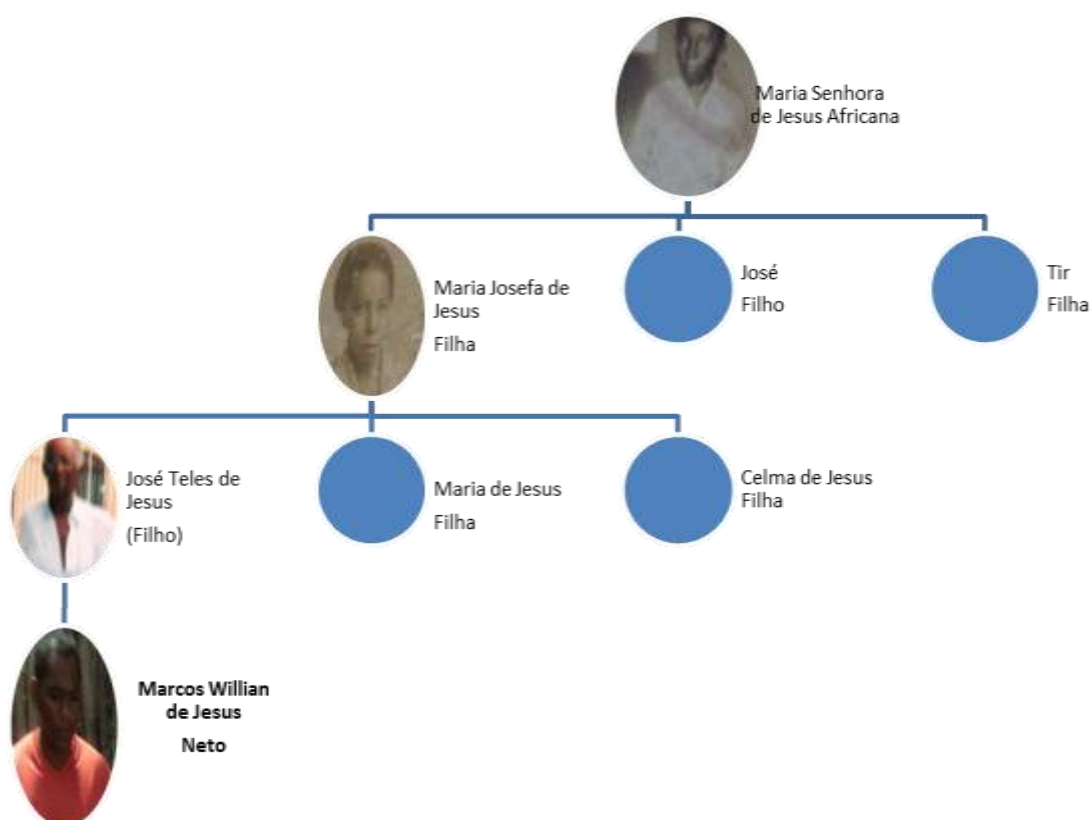


Figura 37 - Genealogia Parcial de Dona Josefa.

Em relação à idade de sua avó seu neto vai explanar:

“porque assim, a idade certa dela agente não pode dizer, porque até dela mesmo se perguntasse, até pelo gênio dela mesmo, se dissesse, dona Zefa a senhora tem quantos anos? Vai tomar na peste! Eu tenho oitenta e seis, ela nunca dizia que tinha mais. Oitenta e seis, isso se passou uns dez anos com esses oitenta seis anos, então identidade não dava a ninguém, ninguém sabia de identidade até hoje, ninguém sabe da identidade dela, e assim era, tinha os costumes dela, agora assim, porque ela falou que naquele tempo a pessoa nascia ai passava de cinco, dez anos, até dez anos sem se batizar e nem ter o registro por conta da localidade também; quando fosse em alguma cidade com cartório é que tirava aquele registro ali, mais aí já tava já com uma certa idade, é por isso que não da pra confirma, mais ela faleceu com noventa e dois anos”.

D. Josefa, mesmo portando uma doença, sempre acreditou seriamente que poderia melhorar. Deixava isso claro na medida em que nunca desistiu de lutar. Inicialmente os diagnósticos médicos diziam que ela deveria apenas repousar, mas ela continuou até os seus últimos dias a executar as tarefas que gostava de fazer. Mesmo delibitada nunca deixou de ser autêntica, mantendo seu jeito ora brincalhona e ora exercia de seu poder para manter o respeito perante as pessoas que convivia no seu mesmo espaço. Seu neto diz que uma de suas vontades foi que “sua cerimônia de enterro ou velório fosse organizado lá em Serra do Machado, lá em Ribeirópolis”²⁸.

Como resumiu seu neto, “a história dela se cruza com a história de Laranjeiras, sem dúvida nenhuma dona Zefa aqui é conhecida, aqui pelos que já se foram e aqueles que estão vivos até hoje que sempre se lembra dela, sempre tem essa lembrança aqui em laranjeiras”.

Dona Josefa é lembrada com muito carinho por aqueles que de alguma forma conviveram com ela. Seus parentes, amigos e admiradores falam dela com muita saudade.

²⁸ Entrevista realizada com Marcos Willian de Jesus, neto de dona Maria Josefa de Jesus, concedida da ao pesquisador João Mouzart de Oliveira Junior em 10 de janeiro de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos aqui abordados, finaliza-se o trabalho apresentando às possibilidades junto aos estudos arqueológicos sobre a materialidade de gênero e da diáspora africana na cidade de Laranjeiras-SE. Através das relações de gênero e poder, a partir do espaço doméstico e do estudo da cultura material do sítio da Palha, entendemos um pouco sobre a trajetória histórica de dona Josefa e a realização da suas práticas nesta unidade delimitado por nós, que tem no espaço da cozinha seu *locus* principal.

O estudo da cultura material do sítio da Palha juntamente com as informações orais e os documentos pessoais de D. Josefa propiciaram reflexões sobre o estudo acerca de gênero e diáspora, através do estudo do modo de vida dos descendentes africanos, que viveram em Sergipe no século XX. Mais do que isso tais evidências retratam características e peculiaridades de uma época, contribuindo para novas possibilidades de debates sobre as populações africanas através do foco da pesquisa arqueológica, seguido assim uma perspectiva diaspórica e o estudo sobre gênero feminino na cidade de Laranjeiras.

Com isso procurou-se entender os modelos que ajudam a explicar como os vários elementos culturais africanos herdados, foram bem-sucedidos em integrar o cotidiano de seus descendentes nos primeiros anos do século XX (seja o cachimbo, panelas de barro, histórias contadas e outros), contribuindo para observar a dinâmica cultural da diáspora africana, que neste caso seria o capital cultural da africana Maria Senhora de Jesus passado para sua filha Maria Josefa de Jesus, seguido assim uma linha matrilinear do poder feminino, sendo que estes elementos estão ligados com o outro lado do Atlântico.

Em relação à dona Josefa, desde cedo trilhou seus caminhos de modo a causar grande admiração naqueles que a prestigiaram. Sua vida sempre foi cercada de traços de sua herança cultural, uma vez que ela apreciava muito suas raízes culturais. Filha muito esperada, tornou-se uma amiga querida por todos, mesmo com seu jeito forte, que muita das vezes tornava uma pessoa polêmica em seu meio social.

O desenvolvimento desta pesquisa permitiu observar as relações de poder que permeavam o tripé mulher/pobre/afro-descendente que caracteriza, parcialmente, a proprietária D. Josefa. A preservação de seu espaço primordial, a cozinha, demonstra a importância desta mulher para a sua família mesmo após sua morte. Não só o espaço físico e a tralha doméstica, mas, também, práticas como o “fazer o café” (torrar e moer os grãos) são

resultados da forte influência e da liderança feminina no universo doméstico, continuando mantido após a sua morte.

Cumpramos observar que as figuras masculinas da família transitam à volta de D. Josefa, inclusive as freqüentes uniões matrimoniais que não deixaram rastros em sua vida a não ser seus filhos.

Não tem como pensar na história de dona Josefa sem se atentar a presença constante dos objetos que circundavam a sua vida social e como eles refletiram em seu cotidiano. Essa presença marcante gera uma relação significativa entre o sujeito e a cultura material, contribuindo para a criação de uma memória afetiva, mesmo após a sua morte pelos seus descendentes, sendo que esta materialidade possui vários aspectos no âmbito econômico, social e afetivo.

Os objetos da cozinha podem ser considerados como canais de representação e de identificação de dona Josefa de Jesus. Estes objetos preservados garantem até os dias de hoje perceber as possibilidades de se reconhecer através do capital de memória e do forte poder evocativo de pessoas que pouco deixaram registros escritos para contar um pouco de sua trajetória histórica, pois suas práticas podem ser compreendidas através de diferentes objetos, que lhes atribuem e definem os valores materiais e a respectiva classificação social do seu tempo.

A cultura material em circulação nesta casa, ainda no século XXI, acaba por se tornar elas próprias, parte e testemunho da presença de dona Josefa, reforçando o seu poder de estabilizadores das identidades, pois estas evidências arqueológicas têm a capacidade de projetar sobre nós toda uma reconstrução da vida de Josefa, cristalizadas nos objetos e na memória de seus familiares. Cada um conhece o poder particular dos objetos deixado por ela, que passa pela exclusividade de um sentido que, não estando ao alcance de quem o olha, funda a relação de escolha que ela institui para seu espaço residencial, agindo como se fossem a única entrada para uma reserva de segredos que, de outro modo, não encontraria caminho para se materializar apenas numa narrativa de memória.

Tendo em conta que a história de dona Josefa foi sujeita a uma forte pressão de mobilidade geográfica, residencial e social, também os modelos decorativos e, concretamente, os objetos, não escapam a esse princípio de circulação, sendo que nesta mudança levam-se móveis, produtos artesanais, objetos de família ou símbolos religiosos. O poder feminino de dona Josefa acaba quando a mulher de seu neto entra no campo deste espaço social, surgindo um novo poder feminino, que busca em seu tempo estabelecer os espaços desta residência a

partir de suas necessidades, ora comprando outros móveis, as últimas novidades em eletrodomésticos e um sem número de pequenos equipamentos destinados a promover o conforto, ora construindo um banheiro no lugar ocupado pelo fogão de barro, dando por consequência na configuração arquitetônica de uma nova cozinha. O melhoramento das paredes da casa mudou o cenário da antiga cozinha utilizada por dona Josefa. Assim, a cozinha assumiu a configuração de sua nova dona, mas mantém-se como espaço privilegiado das relações de poder e gênero.

Podemos também dizer que a história de Josefa de Jesus, na cidade de Laranjeiras, contraria o exotismo das mulheres vistas como pessoas passivas, mulheres que se irmanam, com ou sem doçura, mas sempre numa compreensão profunda do que são, trocando experiência, afeto e proteção, e criando em seu meio mecanismo de poder para sua sobrevivência, fazendo parte das mudanças sociais, política e econômica da sociedade que vivem. Podemos também destacar, a partir da experiência de dona Josefa, que essas mulheres mães solteiras não têm a leveza ou sacralidade das mães construídas pela imaginação masculina; também não se enquadram no modelo sacrificial da mãe cristã, mas não são menos mães, nem menos dignas, nem menos amorosas. Mas são sempre envolvidas em dar seus sangue e lágrimas pelos seus filhos. Conseguindo através de sua atuação o poder de partilhar forças, ternuras e experiências, entre diferentes gerações (filhos e netos).

Seguindo a ideia de Lucilia Delgado (2006), o passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processo coletivo da época. A reconstituição dessa dinâmica da vida de dona Josefa de Jesus pelo processo de recordação inclui ênfases, lapsos, esquecimentos e omissões, contribuindo para a reconstituição do que passou segundo o olhar do depoente no presente. Na diversidade do mundo de Josefa que é apresentada neste trabalho, revela, porém, a cor de um Brasil conhecido, forte, resistente, avesso aos cabrestos e aos rótulos, cheio de uma vigor e de uma memória com eco, que trás a tona o poder da mulher pobre e negra no século XX na cidade de Laranjeiras-SE, que durante muito tempo ficou silenciada neste espaço geográfico.

FONTES DOCUMENTAIS

Paróquia de Santo Antônio e Almas. Batistério - livro 32fls. 163 v. ano 1920.

Fotos do acervo da Família

JORNAL

CORREIO DA MANHÃ. Rio de janeiro, 03 març. 1920, p.2. Disponível em: 1920http://memoria.bn.br/DocReader/hotpage/hotpageBN.aspx?Bib=089842_03&pagfis=30057&pesq=%e2%80%9cplacas+esmaltadas...fundi%c3%a7%c3%a3o+indigena+...1920&url=http://memoria.bn.br/docreader. Acessado em 14 de Janeiro 2013.

ENTREVISTA

JESUS, Marcos de. **Biografia de dona Maria de Jesus** . Laranjeiras, 20 jan. 2013.
Entrevista realizada ao pesquisador João Mouzart.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINI, Camilla. Resistência Cultural e Reconstrução de Identidades: Um Olhar Sobre a Cultura Material de Escravos do Século XIX. **Revista de História Regional**. 2008, p.113-137.

ALVES, Francisco José. As **Irmandades de Nossa Senhora do Rosário em Sergipe (século 19)**. In: XXIV Encontro Cultural de Laranjeiras, Sergipe, **Anais**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 1999, p. 149-157.

ANJOS, Rafael Sânzio Araújo dos. Cartografia da diáspora África – Brasil. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 261-274, out. 2011n. 1, número especial, p. 261-274, out.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **Escravidão, liberdade e resistência em Sergipe: Cotinguiba, 1860-1888**. Tese de Doutorado em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

_____. **Religiosidades africanas e comunidades negras em Laranjeiras (Sergipe, 1860-1910)**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.

BRANDI, Rafael de Alcântara. **Arqueologia Catarinense análise bibliométrica e revisão arqueográfica**. 2004 Monografia (História). Universidade do Vale do Itajaí. Itajaí, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

BELLELLI, Cristina. **Arqueología: cómo el presente devela el pasado**. 2ª. Ediciones Buenos Aires, 2001.

BERROCAL, M. C. Feminismo, teoría y práctica de una arqueología científica. **Trabajos de Pre historia** 66(2): 25-43, 2009.

BEZERRA, Felte. **Etnias sergipanas: contribuição ao seu estudo**. Aracaju: J.Andrade, 1984. (Estudos sergipanos VI).

BOSI, E. As outras testemunhas. In: DIA S, M. O. L. da S. (Org.). **Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BUCHLI, V.; GAVIN, Lucas. The Absent Present: Archaeologies of the Contemporary Past. In **Archaeologies of the Contemporary Past**, Victor Buchli and Gavin Lucas, editors, pp. 3-18. Routledge, New York, 2001.

BRYCE-LAPORTE, R. **One Concept of the Black Diaspora**. In *Black People and Their Culture: Selected Writings from the African Diaspora*, edited by L. Shapiro, p. 9. Smithsonian Institution, Washington, D.C. 1976.

CARDOSO, C. VAINFAS, R. **Domínios da história**. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Gênero e cultura material: uma introdução bibliográfica**. Anais do Museu Paulista. . São Paulo N. Sér. v. 8/9. 2003.

CATARINO, HELENA. História da cultura material de época islâmica e o exemplo de uma cozinha do Castelo Velho de Alcoutim (Algarve). **Revista Portuguesa de História**, Tomo XXXVII, p. 363-376, 2005.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CONKEY M.W.; SPECTOR, J.D. Archaeology and the Study of Gender. **Advances in Archaeological Method and Theory**, 1984.

_____. GERO, Joan. **Tensions, Pluralities, and Engendering Archaeology: An Introduction to Women and Prehistory**. In *Engendering Archaeology: Women and Prehistory*, edited by Joan Gero and Margaret Conkey. Oxford, Blackwell, 1991.

CLAASSEN, C. **Exploring gender through archaeology**. Monographs in World Archaeology, n. 11. Prehistory Press, Madison, 1992.

COSTA, Ana Alice Alcântara. **As Donas do Poder. Mulher e política na Bahia**: Salvador: NEIM/UFBA- Associação Legislativa da Bahia, 1998.

_____. **Gênero, Poder e Empoderamento das Mulheres**. Artigo disponível no site: http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf. Acesso em 30.05.2008.

Curtin P.D. **The Rise and Fall of the Plantation Complex: Essays in Atlantic History**. Cambridge: Cambridge Univ. Press. 1990.

DANTAS, Beatriz Góis. **Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A taieira de Sergipe**: pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional no Nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972

_____. **Laranjeiras: entre o passado e o presente**. Aula inaugural do Campus de Laranjeiras – UFS. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2007.

_____. **Os Africanos em Laranjeiras**. 2011.

DEETZ, J. **In Small Things Forgotten: The Archaeology of Early American Life**. Garden City, NY: Anchor Press/Doubleday. 1977.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006,

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX**. SÃO PAULO: Brasiliense, 1995.

DIÁRIO do Imperador D. Pedro II na sua visita a Sergipe em Janeiro de 1860. **Revista do IHGS**, v21. n. 26b, p.64-78. 1965.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira**. 2004. Disponível: biblioteca virtual. clacso.org.ar/ar/libros /alada a/evaris.rtf. Acesso: 05 abr.2012.

_____. **Cadernos Negros 13: poesia**. São Paulo: Quilombhoje, 1990.

FERGUSON L. **Looking for the .Afro-. in: Colono-Indian pottery**. Conf. Hist. Site Archaeol. Pap., 1978.

_____.Struggling with pots in colonial South Carolina. In **The Archaeology of Inequality**.ed. RH McGuire, R Paynter,Oxford: Blackwell, 1991.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Editora Ática, 1978.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FIGUEIREDO, Ariosvaldo. **O negro e a violência do branco: o negro em Sergipe**. Rio de Janeiro, J. Álvaro Editor, 1977.

FREDEL, Karla Maria. **Práticas de gênero e a cultura material na Província de São Pedro - Século XIX**. In: XIX Encontro Regional de História: Poder, violência e exclusão ANPUH-SP. São Paulo, **Anais**, 2008.

FREIRE, Felisbelo. **História Territorial de Sergipe**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe. Secretaria de Estado da Cultura/ FUNDEPAN, 1995.

FOUCALT, M. **Histoire de La Sexualité**, Paris, Gallimard, 3 volumes, 1976, 1979, 1984.

FONTES, José Silvério Leite. **Cidade e Vilas de Sergipe no século XIX**. In VIII Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, São Paulo, **Anais**, 1974.

FUNARI P. P. A.; MARQUETTI F.R. Reflexões sobre o falo e o chifre: por uma arqueologia do masculino no Paleolítico. **Dimensões**, vol. 26, 2011.

FURTADO, Celso. **Formação Econômica do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

GARMAN J.C. **Viewing the color line through the material culture of death**. *Hist.Archaeol.* 28(3):74.93,1994.

GERO, J. M. e CONKEY, M. **Engendering Archaeology: women and Prehistory**. Basil Blackwell, (eds.) Londres, 1991.

GILROY P.**The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness**. Cambridge:Harvard Univ. Press,1993.

GILCHRIST, R. Sex and Gender. In: CUNLIFFE, B., GOSDEN, C. e JOYCE, R. A. (orgs). **The Oxford Handbook of Archaeology**.Oxford: Oxford University Press, 2009.

GOMES, Flávio dos Santos. **Histórias de quilombolas**: mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HARRIS JE. **Global Dimensions of the African Diaspora**. Washington, DC: Howard Univ. Press, 1993.

HANDLER J.S, LANGE F.W. **Plantation Slavery in Barbados**: An Archaeological and Historical Investigation. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1978.

_____. **A prone burial from a plantation slave cemetery in Barbados, West Indies**: possible evidence for an African type witch or other negatively viewed person. *Hist. Archaeol.* 30(3):76.86, 1996

_____. **An African-type healer/diviner and his grave goods**: a burial from a plantation slave cemetery in Barbados, West Indies. *Int. J. Hist. Archaeol.* 1:91.130, 1997.

HODDER, I. The decoration of containers: an ethnographic and historical study. In: LONGRACE, W. A. (Ed.). **Ceramic ethno-archaeology**. Tucson: University of Arizona Press, 1991.

_____. Introduction: A Review of Contemporary Theoretical Debates in Archaeology. In: HODDER, I. (ed). 2000. **Archaeological Theory Today**. Polity/Blackwell, Cambridge/Oxford, 2000.

_____. & SHANKS, M. **Interpreting Archaeology**: Finding Meaning in the Past. London: Routledge. 1994

JAGGAR, Alison; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

JALLOH, A; MAIZLISH, SE. 1996. **The African Diaspora**. College Station: Texas A&M Univ. Press, eds., 1996.

JHONSON, Matthew. **Teoria Arqueológica**: una introducción. (trad. Josep. Ballart) Barcelona: Ariel, 2000.

LEMELLE, SJ.; KELLEY, RDG. **Imagining Home**: Class, Culture, and Nationalism in the African Diaspora, ed. SJ Lemelle, RDG Kelley. London: Verso, 1994.

LEMOES C. A. C. **Cozinhas, etc**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. **Ramos de Azevedo e seu escritório**. São Paulo: Pini, 1993.

LIMA, Tânia Andrade. **Chá e simpatia**: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. In: Anaisdo Museu Paulista, v. 5, 1997, p. 101.

_____. **Cultura material**: a dimensão concreta das relações sociais. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, 2011.

LITTLE, BJ. **People with history**: an update on historical archaeology in the United States. J. Archaeol. Method Theory ,1994.

MARTÍ, Ruth Falcó. **La arqueología del género**: Espacios de mujeres, mujeres con espacio. Centro de Estudios sobre la Mujer ,Campus de SantVicent del Raspeig. 2003.

MARCON, Frank *et.al.* Mobilidades africanas em Sergipe: discursos e práticas de solidariedades e diferenças. **Revista Pós Ciências Sociais**. v.6, n.12, 2009.

MATSINHE, Cassiano Justino. **Percepções e representações sobre trabalho doméstico de mulheres donas de casa no bairro das Mahotas em Maputo**. Abril de 2012. Dissertação (Mestrado em antropologia) – Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane, 2012.

MINTZ, S.W.; PRICE, R. **An Anthropological Approach to the Afro-American Past**: A Caribbean Perspective. Philadelphia: Inst. Study Hum. Issues, 1976.

MORALES, W. F.; MOI, Flávia. A cerâmica "neo brasileira" nas terras Paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiáí no século XVIII. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 11: 165-187, 2001.

MOTA, L. de B. **A Tralha Doméstica e o Processo de Urbanização de Porto Seguro**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (Dissertação deMestrado), 1998.

MOTA, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura: História, Cidade e Trabalho**.

MOTT, Luis. **Sergipe Del Rey**: população, economia e sociedade. Aracaju: Fundesc, 1986.

NUNES, Verônica M. M. **Laranjeiras: de cidade histórica a encontro cultural: busca de elementos para a integração cultural**. Rio de Janeiro Dissertação (Mestrado) UERJ. 1993, não publicado.

NUNES, Maria Thetis. **Sergipe Provincial I:1820-1840**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 2000.

OLIVEIRA, Igor Fonseca de. **“Os Negros dos Matos”**: Trajetórias de quilombolas em Sergipe Del Rey (1871-1888). Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História Regional e Local – UNEB, 2010.

OLIVEIRA, Philadelpho Jonathas. **História de Laranjeiras Católica**. Aracaju: Casa Ávila, 1935.

ORSER JUNIOR, Charles. Archaeological approaches to New World plantation slavery. In **Archaeological Method and Theory**, ed. MB Schiffer. Tucson: Univ. Ariz. Press. 1990

_____. **Introdução a Arqueologia Histórica**. Oficina de Livros, Belo Horizonte, 1992.

_____. **A Historical Archaeology of the Modern World**. Nova Iorque: Plenum Press, 1996.

_____. **The Archaeology of the African Diaspora**. Annual Reviews in Anthropology 1998.

O’KEEFFE, Tadhg; YAMIN, Rebecca. Urban Historical Archaeology. p. 87-103. In HICKS, Dan; BEAUDRY, Mary C. **The Cambridge Companion to Historical Archaeology**. Cambridge University Press. 2008.

O’KEEFFE, T.; YAMIN, R. **Urban historical archaeology**. Chapter 6. Cambridge, UK, New York : Cambridge University Press, 2006

Owsley DW.*et.al*. **Demography and pathology of an urban slave population from New Orleans**. Am. J. Phys. Anthropol. 74:185-97, 1987.

PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. **Reordenamento do trabalho**: trabalho escravo e trabalho livre no nordeste açucareiro, Sergipe (1850-1930). Aracaju/SE: Funcaju, 2000.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos**. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

_____. **História das Mulheres no Ocidente**. São Paulo, Afrontamento, 1991.

PREUCEL, R. W. Processual and Post processual archaeologist: multiple ways of knowing the past. **Archaeological Investigations, Occasional Paper** n. 10, Southern Illinois Univ., Carbondale, 1991.

_____; HODDER, I. (Org.). **Contemporary Archaeology in theory: a reader**. Cambridge, Oxford: Blackwell, 1996.

PRIORE, Mary Del. História das Mulheres: as vozes do silêncio. In FREITAS, Marcos Cezar. (org.) **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. **História do Cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. (Org.); BASSANEZI, Carla (Coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.

QUEIROZ, C. M. **Chácara Xavier um estudo de caso em Arqueologia Histórica**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). USP. São Paulo, 2006.

RAGO, Margareth. **Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global**. In: LIBYS, estudosfeministas- São Paulo – 13, 2003.

REDMAN, C. L. Distinguished lecture in Archaeology. In **defense of the seventies – the adolescence of New Archaeology**. American Anthropologist, vol. 93, 1991.

SAFFIOTI, Deleite. **Emprego Doméstico e Capitalismo**. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

_____. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. 2ª ed. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes,

_____. **Do artesanal ao industrial: a exploração da mulher – um estudo das operárias têxteis de confecções no Brasil e Estados Unidos**. São Paulo: Hectic, 1981.

SAMFORD, P. **The Archeology of African-American Slavery and Material Culture**. The William and Mary Quarterly, (53): 1, 1996, pp. 87-114.

SANTANA, Regina Norma de Azevedo. **Mussuca: Por uma arqueologia de um território negro em Sergipe d’el Rey**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional/ Mestrado em Arqueologia. Rio de Janeiro. 2008.

SANTOS, Joceneide cunha dos. Um olhar sobre homens e mulheres africanos: indícios da vivência africana nas terras sergipanas (1790-1850). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**/ Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. n. 40 Aracaju, 2010.

SANTOS, Maria Nely, **A Sociedade Libertadora "Cabana do Pai Thomaz"- Francisco Alves- uma história de vida e outras histórias**. Aracaju, Gráfica J. de Andrade, 1997.

SCOTT, Joan W. História das mulheres. In. BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. **Preface a gender and politics of history.** Cadernos Pagu, nº. 3, Campinas/SP, 1994.

_____. **Gênero:** uma categoria útil para a análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v.20, n. 2, 1995

_____. “**Gênero:** Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.” Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.

SHANKS, M.; HODDER, I. Processual, postprocessual and interpretative archaeologies. In. HODDER, I. et alli (ed). 1995. **Interpreting archaeology.** Routledge, London/new York, 1995.

SOUZA, Marcos Antônio. **Memória sobre a capitania de Sergipe.** Sergipe/ Aracaju. 2005.

SILVA, Clodomir de Souza e. **Álbum de Sergipe (1820-1920).** São Paulo: Seção de obras de O Estado de São Paulo, 1920.

SINGLETON, T.; SOUZA, M. A. T. de. Archaeologies of African Diaspora: Brazil, Cuba, and the United States. In T. Majewski, D. Gaimster (eds.), **International Handbook of Historical Archaeology**, Springer Science e Business Media, 2009.

SLENES, Robert W. **Lares negros, olhares brancos:** histórias da família escrava no século XIX. Revista Brasileira de História, 8: 16, 1988.

SOLOW, BL. **Slavery and the Rise of the Atlantic System.** Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1991.

SOUZA, Marcos Antônio. **Memória sobre a capitania de Sergipe.** Sergipe/Aracaju. 2005.

SOUZA, M.A.T.; SYMANSKI, L.C.P. Slave Communities and Pottery Variability in Western Brazil: The Plantations of Chapada dos Guimarães. **International Journal of Historical Archaeology** 13(4):513-548, 2009.

SPAULDING, A. C. **Disntinguished lecture:** archaeology and anthropology. American Anthropologist, vol. 90, 1988.

SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Arqueologia Histórica no Brasil: Uma revisão dos últimos vinte anos. In: MORALES, Walter Fagundes e MOI, Flavia Prado. (orgs.) Cenários Regionais de uma Arqueologia Plural. Editora: Annablume/Acervo, 2009.

_____.Cerâmicas, identidades escravas e criouliização nos engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). **História Unisinos**, 14 (3),2010.

THOMAS BW. **Source criticism and the interpretation of African-American sites**. Southeast. Archaeol. 14:149.57,1995.

TOCCHETTO, F. **Fica Dentro ou Joga Fora? Sobre Práticas Cotidianas em Unidades Domésticas na Porto Alegre Oitocentista**. Porto Alegre: UFSC-SC (Tese de Doutorado), 2004.

TORRES DE SOUZA, M. 2002. **Entre práticas e discursos: a construção social do espaço no contexto de Goiás no século XVIII**. Em ZARANKIN, A. e SENATORE, M.X. (eds.) *Arqueologia da Sociedade moderna na América do sul* Del Tridente, Buenos Aires, 2002. p. 63-86.

TRIGGER, B. G.Constraint and freedom: a new synthesis for Archaeological explanation. **American Anthropologist** .vol. 93, 1991.

WALL, Diana di Zerega.**The archaeology of gender**.Separating the spheres in urban America.(Interdisciplinary Contributions to Archaeology). New York: Plenum Press, 1994.

WATSON, P.; KENNEDY, M. The Development of Horticulture in the Eastern Woodlands of North America: Women's Role. In J. Gero y M. Conkey (eds.): **Engendering archaeology: women and prehistory**. Blackwell. Oxford, 1991.

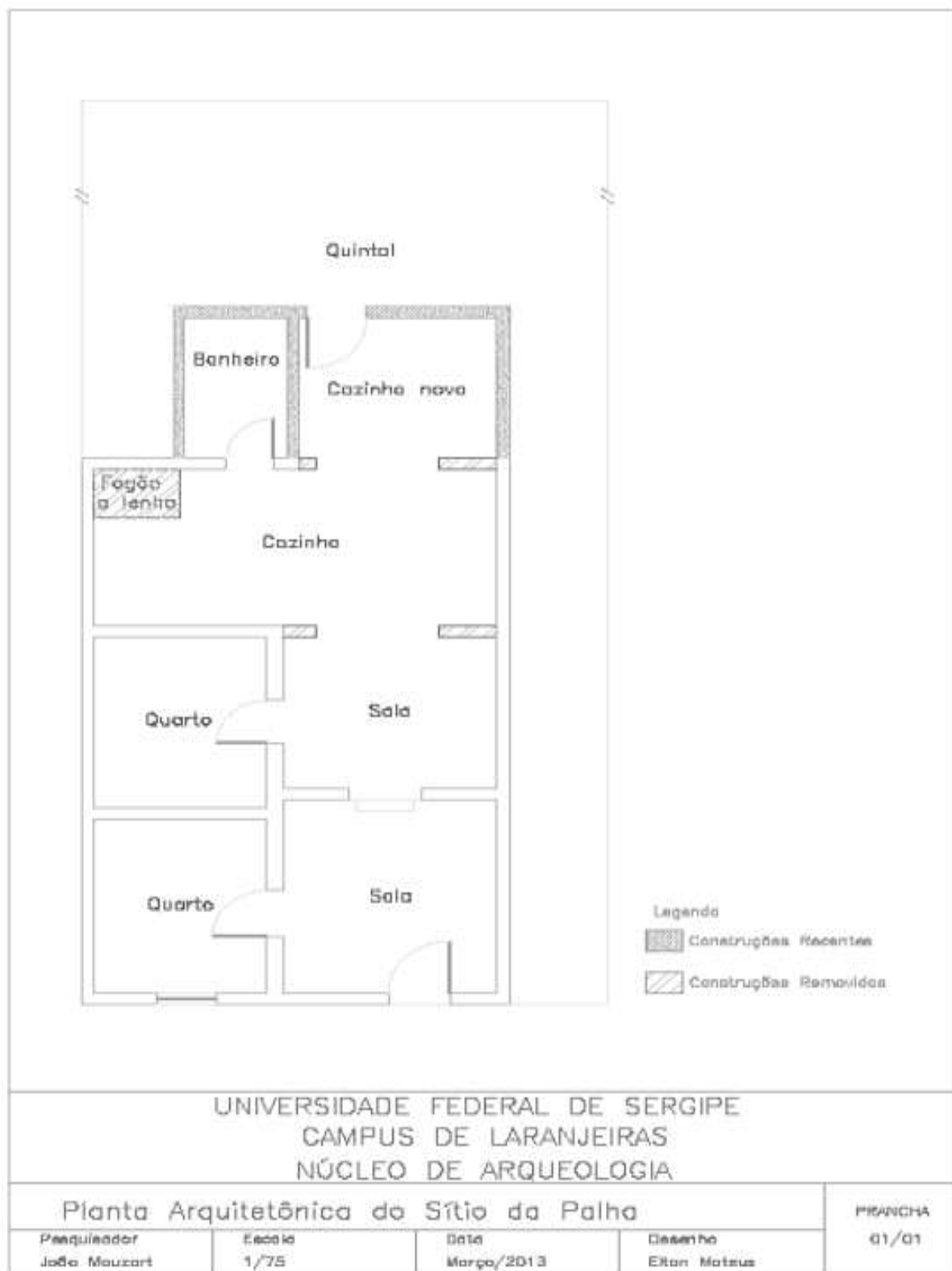
WATTERS, DR. **Excavations at the Harney Site slave cemetery, Montserrat, West Indies**.Ann. Carnegie Mus. 56:289.318,1987.

WHEATON, TR;GARROW,PH. Acculturation and the archaeological record in the Carolina Lowcountry. In: **The Archaeology of Slavery and Plantation Life**, ed. TA Singleton,Orlando, FL: Academic,1985.

WYLIE, A. Gender theory and the Archaeological record. In: Gero, J. M. e Conkey, M. W. (eds.) **Engendering Archaeology, women and prehistory**, pp. 31-56. Basil Blackwell, Londres,1991.

ZARANKIN, Andrés; SALERNO, Melisa Anabella. “**Sobre bonecas e carrinhos**”; **desconstruindo as categorias “feminino” e “masculino” no passado**. Cadernos de Ciências Humanas-Especiaria 11 y 12 (20 y 21): 219-240.Dossiê Arqueologia Hoje. Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-Bahia, 2010.

APÊNDICE 1 – PLANTA DA CASA DE D. JOSEFA



APÊNDICE 2 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, o aluno, João Magalhães de Oliveira Junior, portador (a) do RG 2030599-0 e CPF 025940525-66, a utilizar minha entrevista, a ser veiculada, primariamente, no material em texto desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso, ou ainda destinadas à inclusão em outros projetos educativos, organizados e/ou licenciados pela UFS/LAR, sem limitação de tempo ou de número de exibições.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha a entrevista concedida no dia 20/01/2013, pelo aluno a UFS, da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, CD ("compact disc"), CD ROM, CD-I ("compact-disc" interativo), "home video", DAT ("digital audio tape"), DVD ("digitalvideo disc"), rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, através de qualquer processo de transporte de sinal ou suporte material existente, ainda que não disponível em território nacional, sendo certo que o material criado destina-se à produção de obra intelectual organizada e de titularidade exclusiva da UFS conforme expresso na Lei 9.610/98 (Lei de Direitos Autorais).

Na condição de titular dos direitos patrimoniais de autor da série de que trata o presente, o aluno e a UFS poderá dispor livremente da mesma, para toda e qualquer modalidade de utilização, por si ou por terceiros por ela autorizados para tais fins. Para tanto, poderá, a seu único e exclusivo critério, licenciar e/ou ceder a terceiros, no todo ou em parte, no Brasil e/ou no exterior, a título gratuito ou oneroso, seus direitos sobre a mesma, não cabendo a mim qualquer direito e/ou remuneração, a qualquer tempo e título.

Laranjeiras, 14 de Março, 2013.

Assinatura: [assinatura]

Nome: João Magalhães de Oliveira Junior

End.: Rua Humberto de Oliveira Monteiro

CPF: 029-599905-07

APENDICE 3- TABELA DE ANÁLISE DE CACHIMBOS

Artefato	TECNICA			TRATAMENTO DE SUPERFICIE				MATERIA			DECORAÇÃO		
	Moldado	Modelado	Talhado	Alisamento pouco cuidadoso	NÃO	Polido	Pintado	Cerâmica	Madeira	Plástico	Inciso/Espatulado	INC	
												Ondulado	Ziguezague
SP13			X				X		X	X		X	X
SP14	X			X				X			X		
SP15	X			X				X			X		

APENDICE - 4 TABELAS DE ANÁLISE DE CERÂMICAS

Artefato	FORMA														
	CORPO				BASE			BORDA				LÁBIO			
	Oval	Esférica	Retangular	Ampulheta	Plana	Côncava/Convexa	Convexa/Côncava	Direita	Inclinada	Ref. Externamente	Infletida	Extrovertida	Plano	Arredondado	Apontado
SP01	X						X	X						X	
SP02	X						X					X		X	
SP03	X						X					X		X	
SP04				X	X							X		X	
SP05		X					X					X		X	
SP06		X					X					X		X	
Artefato	DECORAÇÃO						FUNÇÃO							MARCA S	
	PINTURA	PLÁSTICA				Armazenar	Consumir	Servir	Preparar						
		Alisada	Inciso	Escovada	IND										
SP01		X			X		X			X				Queima 10%	
SP02		X			X							X		Queima 35%	
SP03		X			X							X		Queima 98%	
SP04		X			X							X		Queima 60%	

ARQUIDIOCESE DE ARACAJU

PRAÇA MONS. OLÍMPIO CAMPOS, 228

Paróquia de Santo Antonio e

Alma de Itaberna

CERTIFICO que, revendo os livros de termos de Batizados realizados nesta paróquia, foi encontrado o do teor seguinte no

OBSERVAÇÕES

P/ fam Civil

Livro 32 fls. 163 V. N.º - do ano de 1920
Aos vinte e sete de Junho de mil novecen-
tos e vinte na Matriz baptizei solemnemente a
Maria, nascida em vinte e dois de Março últi-
mo illegítima de Senhorinha de Jesus. Foram
padrinhos Manoel Victorio de Santana e Maria
do Carmo do Céu. O Vigário Pe. Sangueman Hen-
rique.



Nada mais se continha no dito termo, a que me reporto, o qual foi fielmente, copiado do original.

ITA IN FIDE PAROCHI

Matriz de Itabaiana, 27 de Dezembro de 1975

Mons. Maria de Oliveira Reis
VIGARIO

VIGANIC

ANEXO2- CARTEIRA DE TRABALHO

4

A CARTEIRA PROFISSIONAL

Por menos que pareça e por mais trabalho que dê ao interessado, a carteira profissional é um documento indispensável à proteção do trabalhador.

Elemento de qualificação civil e de habilitação profissional, a carteira representa também título originário para a colocação, para a inscrição sindical e, ainda, um instrumento prático do contrato individual de trabalho.

A carteira, pelos lançamentos que recebe, configura a história de uma vida. Quem a examinar, logo verá se o portador é um temperamento aquietado ou versátil; se ama a profissão escolhida ou ainda não encontrou a própria vocação; se andou de fábrica em fábrica, como uma abelha, ou permaneceu no mesmo estabelecimento, subindo a escala profissional. Pode ser um padrão de honra. Pode ser uma advertência.

(a) Alexandre Marcondes Filho

MINISTÉRIO DO TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL
DEPARTAMENTO NACIONAL DE MÃO-DE-OBRA
DIVISÃO DE IDENTIFICAÇÃO E REGISTRO PROFISSIONAL

CARTEIRA DE TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL

602

309

81483

Polegar Direito

ASSINATURA DO PORTADOR

QUALIFICAÇÃO CIVIL

Nome Manoel José de Jesus Ribeiro

Loc. Nat. Leopoldina Data 26.03.1920

Est. RS

Filiação Maria de Jesus

Est. Civil Solteiro Doc. N.º 17023

Id. 112 Liv. 23-A Reg. Civil

Outro doc.

Situação Militar: Doc.

N.º _____ Órgão _____ Est. _____

Naturalizado Doc. N.º _____ Em _____

ESTRANGEIROS

Chegada ao Brasil em _____

Doc. Ident. N.º _____ Exp. em _____

Estado _____

Obs. _____

Data Emissão 16.01.75 Leopoldina

Assinatura do Encarregado _____

ANEXO 3- CORRESPONDÊNCIA DA PREVIDÊNCIA SOCIAL



ANEXO 4 - JORNAL CORREIO DA MANHÃ DE 1920 (ANÚNCIO DA SELECTA QUALIDADE E DA FUNDIÇÃO INDÍGENA)

1906-1917. São Paulo - Sétima, 28 de Março de 1920

A NECESSIDADE DE MORAR

Il 20 gennaio 4, il titolo è passato da 100 a 105, e il prezzo di acquisto è di 100. Il titolo è stato emesso da una società che ha un capitale di 100 milioni di lire, e che ha emesso 100 milioni di lire in titoli di 100 lire ciascuno. Il titolo è stato emesso da una società che ha un capitale di 100 milioni di lire, e che ha emesso 100 milioni di lire in titoli di 100 lire ciascuno.

[illegible][illegible]

Quanto a sua obra, o autor afirma que ela é fruto de uma longa e árdua luta, e que ele não se cansa de lutar por ela. Ele afirma que a obra é fruto de uma longa e árdua luta, e que ele não se cansa de lutar por ela.

Temas & Noticias

RECAPITOLARE	
Descrizione	Importo
Spese per la stampa	1.000.000
Spese per la distribuzione	2.000.000
Spese per la pubblicità	3.000.000
Spese per la ricerca	4.000.000
Spese per la formazione	5.000.000
Spese per la manutenzione	6.000.000
Spese per la sicurezza	7.000.000
Spese per la pulizia	8.000.000
Spese per la ristorazione	9.000.000
Spese per la sanità	10.000.000
Spese per la cultura	11.000.000
Spese per la sport	12.000.000
Spese per la ricreazione	13.000.000
Spese per la moda	14.000.000
Spese per la bellezza	15.000.000
Spese per la casa	16.000.000
Spese per la famiglia	17.000.000
Spese per la comunità	18.000.000
Spese per la società	19.000.000
Spese per la politica	20.000.000
Spese per la religione	21.000.000
Spese per la filosofia	22.000.000
Spese per la scienza	23.000.000
Spese per la tecnologia	24.000.000
Spese per la medicina	25.000.000
Spese per la legge	26.000.000
Spese per la storia	27.000.000
Spese per la geografia	28.000.000
Spese per la lingua	29.000.000
Spese per la letteratura	30.000.000
Spese per la musica	31.000.000
Spese per la danza	32.000.000
Spese per il teatro	33.000.000
Spese per il cinema	34.000.000
Spese per la televisione	35.000.000
Spese per la radio	36.000.000
Spese per la stampa	37.000.000
Spese per la distribuzione	38.000.000
Spese per la pubblicità	39.000.000
Spese per la ricerca	40.000.000
Spese per la formazione	41.000.000
Spese per la manutenzione	42.000.000
Spese per la sicurezza	43.000.000
Spese per la pulizia	44.000.000
Spese per la ristorazione	45.000.000
Spese per la sanità	46.000.000
Spese per la cultura	47.000.000
Spese per la sport	48.000.000
Spese per la ricreazione	49.000.000
Spese per la moda	50.000.000
Spese per la bellezza	51.000.000
Spese per la casa	52.000.000
Spese per la famiglia	53.000.000
Spese per la comunità	54.000.000
Spese per la società	55.000.000
Spese per la politica	56.000.000
Spese per la religione	57.000.000
Spese per la filosofia	58.000.000
Spese per la scienza	59.000.000
Spese per la tecnologia	60.000.000
Spese per la medicina	61.000.000
Spese per la legge	62.000.000
Spese per la storia	63.000.000
Spese per la geografia	64.000.000
Spese per la lingua	65.000.000
Spese per la letteratura	66.000.000
Spese per la musica	67.000.000
Spese per la danza	68.000.000
Spese per il teatro	69.000.000
Spese per il cinema	70.000.000
Spese per la televisione	71.000.000
Spese per la radio	72.000.000
Spese per la stampa	73.000.000
Spese per la distribuzione	74.000.000
Spese per la pubblicità	75.000.000
Spese per la ricerca	76.000.000
Spese per la formazione	77.000.000
Spese per la manutenzione	78.000.000
Spese per la sicurezza	79.000.000
Spese per la pulizia	80.000.000
Spese per la ristorazione	81.000.000
Spese per la sanità	82.000.000
Spese per la cultura	83.000.000
Spese per la sport	84.000.000
Spese per la ricreazione	85.000.000
Spese per la moda	86.000.000
Spese per la bellezza	87.000.000
Spese per la casa	88.000.000
Spese per la famiglia	89.000.000
Spese per la comunità	90.000.000
Spese per la società	91.000.000
Spese per la politica	92.000.000
Spese per la religione	93.000.000
Spese per la filosofia	94.000.000
Spese per la scienza	95.000.000
Spese per la tecnologia	96.000.000
Spese per la medicina	97.000.000
Spese per la legge	98.000.000
Spese per la storia	99.000.000
Spese per la geografia	100.000.000

ESQUEMA DE ORGANIZACIÓN DE LA ASISTENCIA SOCIAL EN EL MUNICIPIO DE SAN JUAN DE LOS RÍOS

El presente documento tiene como finalidad describir la estructura organizativa de la asistencia social en el municipio de San Juan de los Ríos, en el departamento de Cundinamarca, Colombia. El esquema se basa en la Ley 109 de 1995 y en el Decreto 1471 de 1994.

La estructura organizativa se divide en tres niveles:

- Nivel Central:** Se encabeza por el **Alcalde**, quien es el máximo representante del municipio. A su vez, el Alcalde delega funciones en el **Secretario de Asistencia Social**.
- Nivel Intermedio:** El Secretario de Asistencia Social dirige el **Departamento de Asistencia Social**, el cual está conformado por varias subdirecciones y unidades administrativas.
- Nivel Operativo:** Las subdirecciones y unidades administrativas se encargan de la ejecución de los programas y servicios de asistencia social en el territorio.

Además, se menciona la existencia de **Comités de Asistencia Social** en cada uno de los barrios del municipio, los cuales sirven como enlace entre la comunidad y la administración municipal.

El documento concluye afirmando que esta estructura organizativa busca garantizar la atención integral y oportuna de las necesidades sociales de la población del municipio de San Juan de los Ríos.

Il 1944, come si vede, fu un anno di grandi avvenimenti, che oggi sta a testimoniare il nostro paese. E' un anno che ha segnato la nostra storia, un anno che ha dato un contributo importante alla libertà e alla democrazia. E' un anno che ha dato un contributo importante alla libertà e alla democrazia. E' un anno che ha dato un contributo importante alla libertà e alla democrazia.

GENERAL
PARTIDARIO

Il governo d'Albania ha dunque deciso di non dare più di retta all'Urss, e a lasciare da banda la Comintern, per concentrarsi su una serie di iniziative che hanno come primo di esse, la creazione di un ministero dell'Industria, prima che una delle numerose altre aziende già promosse dal governo. Il ministro dell'Industria, responsabile del riformato dipartimento, è stato nominato il 22 gennaio, il signor Ertan. A questo ha fatto immediatamente seguire una serie di nomine, che hanno permesso di completare in breve tempo, anche se non a debito, il nuovo ministero. Il signor Ertan, che ha lavorato sotto il regime comunista, è stato a lungo responsabile della produzione di energia elettrica, ma non ha nessuna delle notorietà che hanno permesso al suo predecessore di essere nominato.

Una volta di più, l'Urss pare che non sia riuscita a far capire al suo alleato che il suo interesse è quello di vederla trasformata in una potenza di tipo sovietico, e non di vederla trasformata in una potenza di tipo cinese.

Il ministro dell'Industria, il signor Ertan, è un uomo di 40 anni, che ha lavorato per 15 anni nel ministero dell'Industria, e ha lavorato per 15 anni nel ministero dell'Industria. Ha lavorato per 15 anni nel ministero dell'Industria, e ha lavorato per 15 anni nel ministero dell'Industria.

mas talvez preferíssemos que os alunos fossem mais ativos e participassem mais das aulas. Contudo, não podemos deixar de reconhecer que os professores são pessoas muito dedicadas e que fazem um excelente trabalho. Quanto ao laboratório, gostaríamos de ver mais equipamentos e de ter um espaço maior para os alunos fazerem os experimentos. De modo geral, a avaliação da qualidade da educação é muito subjetiva e depende muito das expectativas de cada um. Contudo, acreditamos que a educação em Portugal pode melhorar muito se houver uma maior participação dos pais e da comunidade na escola e se os professores forem mais valorizados e melhor pagos. Acreditamos também que a educação deve ser mais prática e menos teórica, com mais ênfase na formação de competências e habilidades para a vida real. Por fim, acreditamos que a educação deve ser mais inclusiva e atender às necessidades de todos os alunos, independentemente do seu nível socioeconômico ou da sua origem étnica. Espero que estas sugestões sejam úteis e que possam contribuir para a melhoria da educação em Portugal. Obrigado por ler este texto e por nos dar a oportunidade de expressar as nossas opiniões.

[illegible]

1980-1981
 1982-1983
 1984-1985
 1986-1987
 1988-1989
 1990-1991
 1992-1993
 1994-1995
 1996-1997
 1998-1999
 2000-2001
 2002-2003
 2004-2005
 2006-2007
 2008-2009
 2010-2011
 2012-2013
 2014-2015
 2016-2017
 2018-2019
 2020-2021
 2022-2023
 2024-2025
 2026-2027
 2028-2029
 2030-2031
 2032-2033
 2034-2035
 2036-2037
 2038-2039
 2040-2041
 2042-2043
 2044-2045
 2046-2047
 2048-2049
 2050-2051
 2052-2053
 2054-2055
 2056-2057
 2058-2059
 2060-2061
 2062-2063
 2064-2065
 2066-2067
 2068-2069
 2070-2071
 2072-2073
 2074-2075
 2076-2077
 2078-2079
 2080-2081
 2082-2083
 2084-2085
 2086-2087
 2088-2089
 2090-2091
 2092-2093
 2094-2095
 2096-2097
 2098-2099
 2100-2101
 2102-2103
 2104-2105
 2106-2107
 2108-2109
 2110-2111
 2112-2113
 2114-2115
 2116-2117
 2118-2119
 2120-2121
 2122-2123
 2124-2125
 2126-2127
 2128-2129
 2130-2131
 2132-2133
 2134-2135
 2136-2137
 2138-2139
 2140-2141
 2142-2143
 2144-2145
 2146-2147
 2148-2149
 2150-2151
 2152-2153
 2154-2155
 2156-2157
 2158-2159
 2160-2161
 2162-2163
 2164-2165
 2166-2167
 2168-2169
 2170-2171
 2172-2173
 2174-2175
 2176-2177
 2178-2179
 2180-2181
 2182-2183
 2184-2185
 2186-2187
 2188-2189
 2190-2191
 2192-2193
 2194-2195
 2196-2197
 2198-2199
 2200-2201
 2202-2203
 2204-2205
 2206-2207
 2208-2209
 2210-2211
 2212-2213
 2214-2215
 2216-2217
 2218-2219
 2220-2221
 2222-2223
 2224-2225
 2226-2227
 2228-2229
 2230-2231
 2232-2233
 2234-2235
 2236-2237
 2238-2239
 2240-2241
 2242-2243
 2244-2245
 2246-2247
 2248-2249
 2250-2251
 2252-2253
 2254-2255
 2256-2257
 2258-2259
 2260-2261
 2262-2263
 2264-2265
 2266-2267
 2268-2269
 2270-2271
 2272-2273
 2274-2275
 2276-2277
 2278-2279
 2280-2281
 2282-2283
 2284-2285
 2286-2287
 2288-2289
 2290-2291
 2292-2293
 2294-2295
 2296-2297
 2298-2299
 2300-2301
 2302-2303
 2304-2305
 2306-2307
 2308-2309
 2310-2311
 2312-2313
 2314-2315
 2316-2317
 2318-2319
 2320-2321
 2322-2323
 2324-2325
 2326-2327
 2328-2329
 2330-2331
 2332-2333
 2334-2335
 2336-2337
 2338-2339
 2340-2341
 2342-2343
 2344-2345
 2346-2347
 2348-2349
 2350-2351
 2352-2353
 2354-2355
 2356-2357
 2358-2359
 2360-2361
 2362-2363
 2364-2365
 2366-2367
 2368-2369
 2370-2371
 2372-2373
 2374-2375
 2376-2377
 2378-2379
 2380-2381
 2382-2383
 2384-2385
 2386-2387
 2388-2389
 2390-2391
 2392-2393
 2394-2395
 2396-2397
 2398-2399
 2400-2401
 2402-2403
 2404-2405
 2406-2407
 2408-2409
 2410-2411
 2412-2413
 2414-2415
 2416-2417
 2418-2419
 2420-2421
 2422-2423
 2424-2425
 2426-2427
 2428-2429
 2430-2431
 2432-2433
 2434-2435
 2436-2437
 2438-2439
 2440-2441
 2442-2443
 2444-2445
 2446-2447
 2448-2449
 2450-2451
 2452-2453
 2454-2455
 2456-2457
 2458-2459
 2460-2461
 2462-2463
 2464-2465
 2466-2467
 2468-2469
 2470-2471
 2472-2473
 2474-2475
 2476-2477
 2478-2479
 2480-2481
 2482-2483
 2484-2485
 2486-2487
 2488-2489
 2490-2491
 2492-2493
 2494-2495
 2496-2497
 2498-2499
 2500-2501
 2502-2503
 2504-2505
 2506-2507
 2508-2509
 2510-2511
 2512-2513
 2514-2515
 2516-2517
 2518-2519
 2520-2521
 2522-2523
 2524-2525
 2526-2527
 2528-2529
 2530-2531
 2532-2533
 2534-2535
 2536-2537
 2538-2539
 2540-2541
 2542-2543
 2544-2545
 2546-2547
 2548-2549
 2550-2551
 2552-2553
 2554-2555
 2556-2557
 2558-2559
 2560-2561
 2562-2563
 256

[illegible][illegible][illegible][illegible][illegible]

la provincia di Sondrio per
la sua bellezza, per la sua
fertilità, per la sua
gentilezza. L'azienda dei signori
Giovanni e Maria Rossi, che
per più di 50 anni ha
mantenuto la tradizione di
fornire prodotti di qualità,
ha deciso di creare un nuovo
spazio per la sua attività.
L'azienda dei signori Rossi
ha deciso di creare un nuovo
spazio per la sua attività.

LEITE, qualità eterna
MOCA
Garantito puro

La Moca, la più grande
azienda di latte in Italia, ha
deciso di creare un nuovo
spazio per la sua attività.
L'azienda dei signori Rossi
ha deciso di creare un nuovo
spazio per la sua attività.

MALAS TIGERAS
a base di yogurt
a 3 TIGERAS
Ginevra, IT - 96

La Moca, la più grande
azienda di latte in Italia, ha
deciso di creare un nuovo
spazio per la sua attività.
L'azienda dei signori Rossi
ha deciso di creare un nuovo
spazio per la sua attività.

[illegible]

Machel declarou ao "Povo
 Journal" que reconhece que
 os países chamados "novos
 mercados" não foram liberados
 para negociar livremente com
 os países desenvolvidos. Mas
 acrescenta: "O problema
 não é a falta de acesso aos
 mercados, mas a falta de
 capacidade para competir
 com os países desenvolvidos".
 Machel afirmou também
 que a África não pode
 competir com os países
 desenvolvidos no comércio
 internacional. "Mas", afirmou,
 "a África pode competir com
 os países desenvolvidos no
 comércio regional".
 Machel afirmou também
 que a África não pode
 competir com os países
 desenvolvidos no comércio
 internacional. "Mas", afirmou,
 "a África pode competir com
 os países desenvolvidos no
 comércio regional".

A SITUAÇÃO NA BAHIA

[illegible][illegible][illegible]

"Ti Maltese" di M.
A. Giamberini.

Cartas de Berlim

[illegible][illegible]

que se ha producido en los últimos meses. En el primer trimestre de este año, el índice de precios de los alimentos se elevó un 1,5 por ciento, el de los servicios un 0,5 por ciento y el de los alquileres un 0,2 por ciento. En el segundo trimestre, el índice de precios de los alimentos se elevó un 1,5 por ciento, el de los servicios un 0,5 por ciento y el de los alquileres un 0,2 por ciento. En el tercer trimestre, el índice de precios de los alimentos se elevó un 1,5 por ciento, el de los servicios un 0,5 por ciento y el de los alquileres un 0,2 por ciento. En el cuarto trimestre, el índice de precios de los alimentos se elevó un 1,5 por ciento, el de los servicios un 0,5 por ciento y el de los alquileres un 0,2 por ciento.

1980 **1981** **1982** **1983** **1984** **1985** **1986** **1987** **1988** **1989** **1990** **1991** **1992** **1993** **1994** **1995** **1996** **1997** **1998** **1999** **2000** **2001** **2002** **2003** **2004** **2005** **2006** **2007** **2008** **2009** **2010** **2011** **2012** **2013** **2014** **2015** **2016** **2017** **2018** **2019** **2020** **2021** **2022** **2023** **2024** **2025** **2026** **2027** **2028** **2029** **2030** **2031** **2032** **2033** **2034** **2035** **2036** **2037** **2038** **2039** **2040** **2041** **2042** **2043** **2044** **2045** **2046** **2047** **2048** **2049** **2050** **2051** **2052** **2053** **2054** **2055** **2056** **2057** **2058** **2059** **2060** **2061** **2062** **2063** **2064** **2065** **2066** **2067** **2068** **2069** **2070** **2071** **2072** **2073** **2074** **2075** **2076** **2077** **2078** **2079** **2080** **2081** **2082** **2083** **2084** **2085** **2086** **2087** **2088** **2089** **2090** **2091** **2092** **2093** **2094** **2095** **2096** **2097** **2098** **2099** **2100** **2101** **2102** **2103** **2104** **2105** **2106** **2107** **2108** **2109** **2110** **2111** **2112** **2113** **2114** **2115** **2116** **2117** **2118** **2119** **2120** **2121** **2122** **2123** **2124** **2125** **2126** **2127** **2128** **2129** **2130** **2131** **2132** **2133** **2134** **2135** **2136** **2137** **2138** **2139** **2140** **2141** **2142** **2143** **2144** **2145** **2146** **2147** **2148** **2149** **2150** **2151** **2152** **2153** **2154** **2155** **2156** **2157** **2158** **2159** **2160** **2161** **2162** **2163** **2164** **2165** **2166** **2167** **2168** **2169** **2170** **2171** **2172** **2173** **2174** **2175** **2176** **2177** **2178** **2179** **2180** **2181** **2182** **2183** **2184** **2185** **2186** **2187** **2188** **2189** **2190** **2191** **2192** **2193** **2194** **2195** **2196** **2197** **2198** **2199** **2200** **2201** **2202** **2203** **2204** **2205** **2206** **2207** **2208** **2209** **2210** **2211** **2212** **2213** **2214** **2215** **2216** **2217** **2218** **2219** **2220** **2221** **2222** **2223** **2224** **2225** **2226** **2227** **2228** **2229** **2230** **2231** **2232** **2233** **2234** **2235** **2236** **2237** **2238** **2239** **2240** **2241** **2242** **2243** **2244** **2245** **2246** **2247** **2248** **2249** **2250** **2251** **2252** **2253** **2254** **2255** **2256** **2257** **2258** **2259** **2260** **2261** **2262** **2263** **2264** **2265** **2266** **2267** **2268** **2269** **2270** **2271** **2272** **2273** **2274** **2275** **2276** **2277** **2278** **2279** **2280** **2281** **2282** **2283** **2284** **2285** **2286** **2287** **2288** **2289** **2290** **2291** **2292** **2293** **2294** **2295** **2296** **2297** **2298** **2299** **2300** **2301** **2302** **2303** **2304** **2305** **2306** **2307** **2308** **2309** **2310** **2311** **2312** **2313** **2314** **2315** **2316** **2317** **2318** **2319** **2320** **2321** **2322** **2323** **2324** **2325** **2326** **2327** **2328** **2329** **2330** **2331** **2332** **2333** **2334** **2335** **2336** **2337** **2338** **2339** **2340** **2341** **2342** **2343** **2344** **2345** **2346** **2347** **2348** **2349** **2350** **2351** **2352** **2353** **2354** **2355** **2356** **2357** **2358** **2359** **2360** **2361** **2362** **2363** **2364** **2365** **2366** **2367** **2368** **2369** **2370** **2371** **2372** **2373** **2374** **2375** **2376** **2377** **2378** **2379** **2380** **2381** **2382** **2383** **2384** **2385** **2386** **2387** **2388** **23**

[illegible]

100
 101
 102
 103
 104
 105
 106
 107
 108
 109
 110
 111
 112
 113
 114
 115
 116
 117
 118
 119
 120
 121
 122
 123
 124
 125
 126
 127
 128
 129
 130
 131
 132
 133
 134
 135
 136
 137
 138
 139
 140
 141
 142
 143
 144
 145
 146
 147
 148
 149
 150
 151
 152
 153
 154
 155
 156
 157
 158
 159
 160
 161
 162
 163
 164
 165
 166
 167
 168
 169
 170
 171
 172
 173
 174
 175
 176
 177
 178
 179
 180
 181
 182
 183
 184
 185
 186
 187
 188
 189
 190
 191
 192
 193
 194
 195
 196
 197
 198
 199
 200
 201
 202
 203
 204
 205
 206
 207
 208
 209
 210
 211
 212
 213
 214
 215
 216
 217
 218
 219
 220
 221
 222
 223
 224
 225
 226
 227
 228
 229
 230
 231
 232
 233
 234
 235
 236
 237
 238
 239
 240
 241
 242
 243
 244
 245
 246
 247
 248
 249
 250
 251
 252
 253
 254
 255
 256
 257
 258
 259
 260
 261
 262
 263
 264
 265
 266
 267
 268
 269
 270
 271
 272
 273
 274
 275
 276
 277
 278
 279
 280
 281
 282
 283
 284
 285
 286
 287
 288
 289
 290
 291
 292
 293
 294
 295
 296
 297
 298
 299
 300
 301
 302
 303
 304
 305
 306
 307
 308
 309
 310
 311
 312
 313
 314
 315
 316
 317
 318
 319
 320
 321
 322
 323
 324
 325
 326
 327
 328
 329
 330
 331
 332
 333
 334
 335
 336
 337
 338
 339
 340
 341
 342
 343
 344
 345
 346
 347
 348
 349
 350
 351
 352
 353
 354
 355
 356
 357
 358
 359
 360
 361
 362
 363
 364
 365
 366
 367
 368
 369
 370
 371
 372
 373
 374
 375
 376
 377
 378
 379
 380
 381
 382
 383
 384
 385
 386
 387
 388
 389
 390
 391
 392
 393
 394
 395
 396
 397
 398
 399
 400
 401
 402
 403
 404
 405
 406
 407
 408
 409
 410
 411
 412
 413
 414
 415
 416
 417
 418
 419
 420
 421
 422
 423
 424
 425
 426
 427
 428
 429
 430
 431
 432
 433
 434
 435
 436
 437
 438
 439
 440
 441
 442
 443
 444
 445
 446
 447
 448
 449
 450
 451
 452
 453
 454
 455
 456
 457
 458
 459
 460
 461
 462
 463
 464
 465
 466
 467
 468
 469
 470
 471
 472
 473
 474
 475
 476
 477
 478
 479
 480
 481
 482
 483
 484
 485
 486
 487
 488
 489
 490
 491
 492
 493
 494
 495
 496
 497
 498
 499
 500
 501
 502
 503
 504
 505
 506
 507
 508
 509
 510
 511
 512
 513
 514
 515
 516
 517
 518
 519
 520
 521
 522
 523
 524
 525
 526
 527
 528
 529
 530
 531
 532
 533
 534
 535
 536
 537
 538
 539
 540
 541
 542
 543
 544
 545
 546
 547
 548
 549
 550
 551
 552
 553
 554
 555
 556
 557
 558
 559
 560
 561
 562
 563
 564
 565
 566
 567
 568
 569
 570
 571
 572
 573
 574
 575
 576
 577
 578
 579
 580
 581
 582
 583
 584
 585
 586
 587
 588
 589
 590
 591
 592
 593
 594
 595
 596
 597
 598
 599
 600
 601
 602
 603
 604
 605
 606
 607
 608
 609
 610
 611

Advertisement

[illegible]